



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DANÇA**

DAIANE NONATO DE LIMA

O RE_INVENTAR DAS CAMBINDAS DE TRIUNFO:

Diálogos de corpo, memória e tradição.

SALVADOR

2021

DAIANE NONATO DE LIMA

O RE_INVENTAR DAS CAMBINDAS DE TRIUNFO:

Diálogos de corpo, memória e tradição.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Dança da Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Dança.

Orientadora: Daniela Maria Amoroso

SALVADOR

2021

Lima, Daiane Nonato de.

O re_inventar das Cambindas de Triunfo: diálogos de corpo, memória e tradição / Daiane Nonato de Lima. - 2021.

141 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Maria Amoroso.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, Salvador, 2021.

1. Dança. 2. Danças folclóricas - Triunfo (PE). 3. Cultura popular - Triunfo (PE). 4. Carnaval - Triunfo (PE). 5. Etnologia - Triunfo (PE). I. Amoroso, Daniela Maria. II. Universidade Federal da Bahia. Escola de Dança. III. Título.

CDD - 793.31981

CDU - 793.3(813.4)

DAIANE NONATO DE LIMA

O RE_INVENTAR DAS CAMBINDAS DE TRIUNFO:

Diálogos de corpo, memória e tradição.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Dança da Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Dança e aprovada pela seguinte banca examinadora:

Dra. Daniela Maria Amoroso (Orientadora)

Doutora em Artes Cênicas

Universidade Federal da Bahia, Salvador

Dra. Amélia Vitória de Souza Conrado

Doutora em Educação

Universidade Federal da Bahia, Salvador

Dr. Jarbas Siqueira Ramos

Doutor em Artes Cênicas

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

SALVADOR

2021

Nesse batuque ancestral
As velhas dançam conforme a história
Nas rugas do semblante
As canções compassam a memória
Que vem levantando a poeira
No ritmo dos tambores
E quando enraízam seus pés
Rodam as saias de flores
Trazem em sua voz a doçura
Como a da cana caiana
Adoçando os ouvidos
Cantando com a baiana
Vibrando o clarão do dia
Em um folgado brincante
Festejando alforria
Com cantigas radiantes
Negra e calunga à frente
Desse cortejo contente
Com negritude valente
Vinda de seus descendentes.
(Jéssica Caitano/ Ayrlan Siqueira)¹

¹ Artistas Triunfenses. “A gente compôs essa música em 2011, gravamos pra o disco Jéssica Caitano e uz gato mourisco, estávamos na praça da igreja (Triunfo-PE), lugar onde sempre nos encontrávamos pra compor e arranjar nossas composições juntos, Ayrlan fez um arranjo de violão pra o refrão que eu já tinha feito, depois compomos as estrofes e o poema”. (Jéssica Caitano). Hoje faz parte do repertório das Cambindas de Triunfo.

AGRADECIMENTOS

Ao meu companheiro de história, de estudos e de vida meu esposo José Morais Souto Filho, pela dedicação com os nossos filhos e nossa família no período em que estive ausente, pelas dicas na escrita a cada texto que eu produzia e produzo.

Aos meus amores, motivos de todos os meus esforços, meus filhos: Heitor e Túlio, por terem segurado a barra com tanta sabedoria, Heitor com apenas 4 anos ter sido força em várias situações, Túlio que com apenas 1 ano me fez em vários momentos sorrir, mesmo em plena dor de saudade. E o membro mais novo da família, a nossa Maitê que acompanhou todo o período de escrita na barriga.

A minha mãe Maria de Lourdes por ter sido minha segurança, dedicando-se aos meus filhos, sendo para eles uma verdadeira mãe.

Ao meu pai Francisco Nonato de Lima (In memória), por ter sido o meu maior incentivador aos estudos e por ser minha inspiração na realização dessa pesquisa. Mano como era conhecido, era músico, admirador das tradições populares e foi o precursor do samba em Triunfo-PE.

Aos meus irmãos: Adriana, Alexandre, Rita de Cássia, Nythamar, Maninho, Grécia e Beth, sinônimo de determinação, força de vontade e abrigo em todas as horas.

A minha orientadora Daniela Maria Amoroso, por tanto amor em cada palavra, por tanta generosidade em cada colocação e por me conduzir no caminho da pesquisa de uma forma tão poética.

Aos professores da UFBA com quem tive o prazer de conviver em algumas disciplinas, em especial, Carmen Paternostro pelo seu abraço sincero que tantas vezes me acalentou sem saber, Fernando Ferraz por sua atenção e compromisso com o trabalho e a pesquisa, Amélia Conrado, por sua sabedoria, me fazendo muitas vezes descobrir coisas incríveis e preciosas sobre a minha pesquisa.

Aos meus amigos, próximos e mais distantes, que estavam na torcida e acompanhando cada passo da minha caminhada.

A Ivana Motta, minha amigona que me fez pensar sobre questões da minha pesquisa muito antes de eu me lançar no mestrado.

As minhas irmãs que ganhei nesse percurso, Hildegarda Sampáio, por ter dividido cada momento de angustia, de alegria, de conquistas, aquela que esteve presente em todas as ocasiões, sorrindo ou chorando junto comigo, mas que nunca me deixou, viramos irmãs para sempre e Sissi de Melo, por ter nos acolhido em sua residência, nos fazendo sentir em casa, ela e toda a família: Marcos, João, Pedro, Lane, Luana e Fred.

Ao Pernambucano arretado Jefferson, que tive a oportunidade de me aproximar mais e estava sempre a postos pra colaborar, tirar dúvidas, fazer sorrir e se sentir bem.

A cada membro da turma de 2018.1 que de forma mais próximo ou um pouco mais afastado foram parceiros, vivemos, compartilhamos de várias experiências juntos.

A Escola de Dança da UFBA, que percebeu potência na minha pesquisa e abraçou tornando possível a realização.

Ao grupo de pesquisa Umbigada, que tantas vezes fiquei mais calada para entender cada articulação, foi fundamental para meu desenvolvimento, muito aprendido e acolhida.

Ao Grupo de Dança Cambindas de Triunfo o qual junto com eles e elas tive a possibilidade de aprofundar ainda mais nessa pesquisa.

Shana Sieber, você foi fundamental minha amiga, acompanhou cada busca minha, colaborou com a escrita do primeiro projeto, esteve vibrando comigo em cada etapa concluída.

Jéssica Caitano, grande artista, seu olhar sensível, sua arte me move, as Cambindas precisam da sua força.

A comunidade do Alto da Boa Vista pelo acolhimento, por ter aberto esse espaço e estar junto, cada criança, cada adolescente por estar aberto às aprendizagens e me ensinar a olhar diferentes modos de viver e se relacionar.

Neta e Carminha suas energias enriqueceram cada aula, cada vivência que realizamos nesta comunidade.

RESUMO

LIMA, D. N. O RE_INVENTAR DAS CAMBINDAS DE TRIUNFO: Diálogos de corpo, memória e tradição. 2021. 141f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Dança. Universidade Federal da Bahia, 2021.

As Cambindas de Triunfo é uma manifestação popular que tem seu surgimento por volta de 1913 na comunidade do Alto da Boa Vista, na cidade de Triunfo, no Sertão Pernambucano. Como uma brincadeira no carnaval, composta a princípio apenas por homens, em sua maioria negros, as Cambindas saíam às ruas vestidas de mulheres para brincar e animar a festa das pessoas por onde passavam. Uma das características do cortejo era passar nas casas onde eram sempre recebidas com comidas e bebidas pelos donos. Contam os mais velhos, que os moradores de toda a cidade ao chegar o carnaval abriam espaços nas salas das suas casas, pois havia grandes possibilidades de serem contemplados com uma visita das cambindas. Depois de décadas fazendo a alegria nos carnavais, as Cambindas deixaram de sair às ruas, não se sabe nem a época e nem os motivos que desencadearam a descontinuidade desta manifestação dentro desta comunidade. Hoje, o que acredito mediar enquanto mestra popular que ensina os modos de fazer das cambindas é um processo de re_invenção dessa tradição (Hobsbawn, 1997). O objetivo da pesquisa foi, a partir dos atos de reinvenção com o grupo “Cambindas de Triunfo”, aprofundar a relação com o bairro berço dessa manifestação, ampliando o entendimento da sua importância para a cultura desse município. A pesquisa assume a pesquisa-ação, as histórias de vida e a etnopesquisa crítica como perspectivas metodológicas para essa mediação cultural. Entendo também que é no fazer da pesquisa que a re_invenção das Cambindas ganha novos sentidos fortalecendo os laços da memória e acionando o imaginário simbólico dos corpos na comunidade que tocam, cantam e dançam.

Palavras-chave: cambindas; dança; comunidade; re_invenção; tradição.

ABSTRACT

LIMA, D. N. O RE_INVENTAR DAS CAMBINDAS DE TRIUNFO: Diálogos de corpo, memória e tradição. 2021. 141f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Dança. Universidade Federal da Bahia, 2021.

The Cambindas de Triunfo is a popular manifestation that had its appearance around 1913 in the Alto da Boa Vista community, in the city of Triunfo, in the Sertão Pernambucano. As a carnival manifestation, composed primarily of mostly black men, Cambindas went out into the streets dressed as women to play and cheer the party where they passed. One of the characteristics of the procession was to pass in the houses where they were always received with food and drinks by the owners. The elders tell us that the residents of the whole city when the carnival arrived opened spaces in the rooms of their houses, because there had great possibilities of being contemplated with a visit from the cambindas. After decades of cheering for carnivals, Cambindas no longer take to the streets, and nobody knows the reasons that triggered the discontinuity of this performance within this community. Today what I believe to mediate as a popular teacher who teaches the ways of making Cambindas is a process of re_invention of this tradition (Hobsbawn, 1997). The objective was, from the reinvention acts with the group “Cambindas de Triunfo”, to deepen the relationship with the neighborhood cradle of this manifestation, broadening the understanding of its importance for the culture of this city. This research deal with the methodology of action research, life histories and critical ethno research as methodological perspectives for this cultural mediation. I also understand that it is in doing research that the re_invention of Cambindas gains new meanings by strengthening the bonds of memory and triggering the symbolic imaginary of the bodies in the community that play, sing and dance.

Keywords: Cambindas; dance; community; (re) invention; tradition.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Foto dos meus irmãos e eu em 1987.....	15
Imagem 2: Músicos da Banda Isaías Lima.....	16
Imagem 3: Encontro das Cambindas com Nelson Triunfo em 29/07/2017.....	18
Imagem 4: Cambindas no show de Nelson Triunfo em 29/07/2017.....	19
Imagem 5: Show de Nelson Triunfo em 29/07/2017.....	20
Imagem 6: Escola de Samba – Unidos da Saudade – 1992.....	21
Imagem 7: Alexandre Nonato na Banda Isaías Lima – 1991.....	22
Imagem 8: Banda Isaías Lima.....	22
Imagem 9: Baque Opará – Petrolina-Pe (fevereiro de 2018.)	23
Imagem 10: Ana Maria, minha primeira professora de dança.....	26
Imagem 11: Grupo de Cambindas da Escola Alfredo de Carvalho – 1998.....	27
Imagem 12: Após uma apresentação de Caboclinhos – Cristina e eu	28
Imagem 13: Grupo de Cambindas – Figurino padronizado.....	32
Imagem 14: Prédio antigo – Escola Alfredo de Carvalho	41
Imagem 15: Prédio novo – Escola Alfredo de Carvalho	42
Imagem 16: Estandarte das Cambindas de Triunfo.....	46
Imagem 17: Nêga Véia – Daiane Nonato, porta estandarte – Ivana,1998.....	47
Imagem 18: Nêga Véia - Letícia Sampáio, porta estandarte - Daiane Jully,2012.....	48
Imagem 19: Cortejo pelo bairro da saudade – Carnaval 2018.....	48
Imagem 20: Mugunzá salgado.....	49
Imagem 21: Arroz vermelho com galinha.....	49
Imagem 22: Angu com galinha.....	50
Imagem 23: Cortejo descendo a ladeira do Alto da Boa Vista – 2015.....	51
Imagem 24: Entrega da calunga, bairro da Saudade – carnaval 2018.....	57
Imagem 25: Entrega da calunga – Folclore 1998.....	58
Imagem 26: Entrega da calunga, Alto da Boa Vista – carnaval 2018.....	59
Imagem 27: Escola de samba do Alto da Boa Vista – década de 1990.....	62
Imagem 28: Caretas de Triunfo.....	62

Imagem 29: Senhor João Rufino.....	64
Imagem 30: Fonfon de Nita.....	64
Imagem 31: Dona Zelita.....	65
Imagem 32: Dona Neta participando do cortejo das Cambindas de Triunfo.....	66
Imagem 33: Participação de dona Neta e dona Carminha em cortejo.....	67
Imagem 34: Grupo de dança Ambrosino Martins – década de 1990.....	68
Imagem 35: Grupo de dança Viva Cambina.....	69
Imagem 36: Iranildo Miguel da Silva coordenador do grupo Viva Cambina.....	69
Imagem 37: Apresentação Viva Cambinas.....	70
Imagem 38: Grupo Viva Cambinas em atividade de 1999 à 2002.....	70
Imagem 39: Organização para saída do cortejo – Cambindas de Triunfo.....	72
Imagem 40: 1ª apresentação das cambindas de Triunfo em 06/05/2012.....	78
Imagem 41: Participação no cortejo natalino em 16/12/2012.....	78
Imagem 42: Reunião para articulação do projeto inicial início de 2012.....	79
Imagem 43: Prédio do CRAS.....	82
Imagem 44: Prédio do CCCPI – Centro Criativo de Cultura Padre Ibiapina.....	83
Imagem 45: Atividade 1º dia de aula em 29 de abril de 2019.....	85
Imagem 46: Final da 2ª aula em 06 de maio de 2019.....	86
Imagem 47: Aluna Melissa em alongamento na aula de dança.....	87
Imagem 48: Melissa a aluna mais nova da turma em aula de dança.....	87
Imagem 49: Vivência primeiras aulas de percussão em junho de 2019.....	88
Imagem 50: Aula de percussão no CCCPI em julho de 2019.....	88
Imagem 51: Aulas de danças no CRAS – Centro de ref. da assistência social.....	89
Imagem 52: Aulas de dança no CRAS em agosto de 2019.....	89
Imagem 53: Apresentação percussão – encerramento das atividades.....	91
Imagem 54: Cortejo pelo Alto da Boa Vista em 15 de dezembro de 2019.....	92
Imagem 55: Encontro com a comunidade do Alto da Boa Vista	93
Imagem 56: Palestra - Finalização das aulas na comunidade junto às famílias.....	93
Imagem 57: Mapeamento – GUARDIÃS DO SABER.....	96
Imagem 58: Faixada da residência de dona Neta.....	97

Imagem 59: Encontro da pesquisadora com Dona Neta.....	98
Imagem 60: Faixada da residência de Dona Luiza de Boinho e Nildecire.....	99
Imagem 61: Dona Luiza de Boinho e sua filha Nildecire.....	100
Imagem 62: Faixada da casa de Dona Zefa de Biu.....	101
Imagem 63: Selfie da pesquisadora com Dona Zefa de Biu.....	101
Imagem 64: Faixada da residência de Dona Carminha.....	102
Imagem 65: Dona Carminha e a pesquisadora em um momento de aula.....	103
Imagem 66: Faixada da residência de Dona Preta.....	104
Imagem 67: Dona Preta.....	105
Imagem 68: Faixada da residência de Dona Zelita.....	106
Imagem 69: Dona Zelita em uma apresentação com as Cambindas de Triunfo.....	106

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa da revista Suplemento Cultural.....	45
Figura 2: Mapa de Pernambuco.....	53
Figura 3: Estandarte metodológico.....	75

Sumário

APRESENTAÇÃO	13
1. CORTEJO DE ABERTURA – HOJE É O PRIMEIRO DIA QUE EU BRINCO MARACATU: O INÍCIO DO ENCONTRO.....	15
1.1 AS CAMBINDAS ESTÃO NA RUA COM PRAZER E ALEGRIA – MOMENTOS DE RETOMADAS.....	29
1.2– AS CAMBINDAS SENDO VIVENCIADAS PELA ESCOLA ALFREDO DE CARVALHO: UMA EXPERIÊNCIA DE MEDIAÇÃO EDUCACIONAL	30
2. TODO MUNDO ME DIZIA QUE AS CAMBINDAS NÃO SAIAM – CONHECENDO AS CAMBINDAS	43
2.1 – A CIDADE DE TRIUNFO EM PERNAMBUCO	52
2.2 – A GENTE POBRE BRINCA MAIS OS NOBRES: O BAIRRO ALTO DA BOA VISTA.....	54
2.3 - A CALUNGA NO FAZER DAS CAMBINDAS DE TRIUNFO.....	56
2.4 – TODO MUNDO ME DIZIA QUE AS CAMBINDAS NÃO SAÍAM – QUESTÕES SOCIAIS DA ÉPOCA	59
2.5 – REPRESENTANTES DAS CAMBINDAS.....	63
2.6 – PISANDO NO CHÃO DE PEDRA: CARACTERÍSTICAS DOS CORTEJOS	71
3. DOS ENCONTROS: ANDANÇAS PELA TRILHA DAS CAMBINDAS	74
3.1 – O CAMPO - SEUS DESAFIOS, CANTOS E ENCANTOS.....	80
3.2 – ESTAR NA COMUNIDADE: AS AULAS DE DANÇA.....	83
3.3 – VIVÊNCIAS, ENCONTROS, MEMÓRIAS	90
3.4 – MAPEANDO... GUARDIÃS DO SABER - MULHERES QUE CONTRIBUÍRAM COM A RE_INVENÇÃO DAS CAMBINDAS DE TRIUNFO	94
FINALIZANDO O CORTEJO: CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS.....	109
ANEXOS.....	112
APÊNDICES	118

APRESENTAÇÃO

Uma das minhas inquietações desde sempre na pesquisa foi o pouco material publicado sobre as vivências das Cambindas em Triunfo, algo que foi configurado há mais de um século e que teve os registros tão escassos ao longo de tanto tempo. Fico me perguntando, e quando todas essas pessoas que em algum momento das suas vidas viram, viveram, dançaram, tocaram Cambindas se forem com suas memórias? O que restará de informação para as gerações que ainda estão por vir? Ficar algo? O quê? A quem cabe essa responsabilidade do registro e da continuidade? Do guardar? Do cultivar?

Mesmo sabendo que muitas informações já tenham seguido com seus brincantes, cabe a nós fazedores do presente registrar, guardar essa memória e garantir a sua continuidade. Com base nessas questões, acredito que o que venho fazendo é mediar enquanto mestra popular que ensina os modos de fazer das cambindas em um processo de re_invenção dessa tradição (Hobsbawn, 1997), tendo como objetivo aprofundar a relação com o bairro Alto da Boa Vista, berço dessa manifestação a partir de atos de re_invenção com o grupo “Cambindas de Triunfo”, ampliando o entendimento da sua importância para a cultura do município.

O presente trabalho está organizado em três partes. Na primeira parte, trago a minha trajetória, o cortejo de abertura, a minha história e alguns atravessamentos vividos, os quais me trazem para este lugar de mestra popular, de amante das Cambindas. No ítem As Cambindas estão na rua com prazer e alegria – Momentos de retomada, trago também a importância da Escola Alfredo de Carvalho como incentivadora e fomentadora das Cambindas no município de Triunfo/PE nas décadas de 1980 e 1990 as quais foram fundamentais para o que se configura como Cambindas hoje no município.

Na segunda parte me dedico a investigar o histórico das Cambindas, os elementos Cênicos utilizados nessa manifestação, contextualizando geopolítica e culturalmente também a cidade de Triunfo, o bairro Alto da Boa Vista, local de surgimento das Cambindas e as questões sociais vivenciadas pela comunidade do Alto da Boa Vista, sobretudo, o preconceito sofrido no dia a dia dessas pessoas. Destaco ainda, as características dos cortejos e os integrantes que por muitos anos realizaram essa tradição.

Na terceira parte tratarei das Andanças pela trilha das Cambindas, que é como venho chamando os momentos de encontros e conversas pelo bairro, evidenciando os procedimentos

de investigação como a atuação no campo com as aulas de dança. É nessa parte que me dedico às questões metodológicas da pesquisa, construindo o que chamei de: o estandarte metodológico composto pelo mapeamento das guardiãs desse brinquedo popular, as mulheres que foram e são fundamentais para a realização da re_invenção, pelas entrevistas com os idosos(as) e moradores(as) do bairro.

Nas considerações finais trago a finalização do cortejo, no sentido de finalização deste trabalho, porém sempre tendo novos cortejos e novas possibilidades de vivências e de continuidade desta re_invenção.

A pesquisa assumiu a pesquisa-ação, as histórias de vida e a etnopesquisa crítica como perspectivas metodológicas para essa mediação cultural. Entendo também que é no fazer da pesquisa que a re_invenção das Cambindas ganha novos sentidos, fortalecendo os laços da memória e acionando o imaginário simbólico dos corpos na comunidade que tocam, cantam e dançam.

1. CORTEJO DE ABERTURA – HOJE É O PRIMEIRO DIA QUE EU BRINCO MARACATU: O INÍCIO DO ENCONTRO

Eu, Daiane Nonato, filha mais nova de uma família de 8 (oito) irmãos, família pobre, grande e que passou por várias dificuldades até conseguir se erguer, porém cheia de alegria e permeada pelas artes, acredito que a maneira mais sensível de sentir as coisas.



Imagem 1 - Uma parte dos meus irmãos e eu em 1987, de baixo para cima e da direita para esquerda: Daiane, Elisabete, Grécia, Nythamar, Rita de Cássia, Maninho e Adriana, faltou Alexandre nessa foto.

Meu pai era um negro “desenrolado”², envolvido com a arte: música, ele tocava instrumentos de sopro; com dança, sobretudo o samba. Seu nome Francisco Nonato de Lima, mais conhecido como Mano de Tereza (Tereza era sua mãe). No decorrer da minha pesquisa encontrei informações preciosas sobre ele. Meu pai foi o precursor do samba na cidade de Triunfo, reuniu músicos, criou escolas de samba e foi um dos maiores animadores do carnaval triunfense. Se eu já tinha orgulho dele antes, fiquei lisonjeada ainda mais depois dessas informações.

De acordo com dona Maria do Rosário:

² Desenrolado no sentido de bem articulado, um líder por excelência, comunicativo.

Meu nome é Maria do Rosário da Silva Ramos, sou filha de Efigênia Granja, conhecida por todo mundo de Triunfo por ser dona de hotel e também frequentadora assídua do bar de Mano, o pai de Daiane, seu bar era o ponto de reunião de todos os bancários e de todos da sociedade de Triunfo, a gente corria pra lá nos finais de semana pra fazer as farrinhas, depois ele abriu um restaurante e a gente frequentava lá direto, as meninas pequeninhas e dona Lourdes nos tratava muito bem, ele era uma pessoa fantástica, por sinal foi um dos criadores do samba de Triunfo, surgiu com ele. Minha mãe como gostava muito de música, quando Mano passava com o grupo dele tocando o samba, minha mãe abandonava as panelas do hotel pra ir sambar.

(Entrevista concedida por Maria do Rosário da Silva Ramos em 28/01/2020).



Imagem 2 – Músicos da Banda Isaías Lima, ano de 1984, da esquerda para a direita: Mano de Tereza (Meu pai), Cório de Luiza dos pirulitos e Miguel Panelada. Imagem cedida por Francisco Vasconcelos³.

Por essas e por outras informações que eu digo que meu pai era um negro desenrolado, na imagem anterior, músicos da Banda Isaías Lima, papai era diretor musical da Banda, ano de 1984, eu ainda não era sequer nascida. Nasci em 1985 e ele já me representava tanto. Desde

³ Seu Francisco era amigo do meu pai e muito conhecedor da história de Triunfo, guarda um grande acervo fotográfico da cultura triunfense.

pequena percebia o envolvimento dele com a música, só não tinha a dimensão da importância do seu trabalho e implicação para a cultura de Triunfo. Em uma conversa com Nelson Triunfo⁴ em julho de 2017 foi que tomei conhecimento desse fato.

A seguir, trecho da música de Nelson Triunfo, resultado de sua pesquisa sobre as Cambindas:

Cambina véia, assobe teu pavilhão
Lascaram a cabeça de Galdino e Conceição
E o pobre do Fonfon foi quem levou uns empurrão
Cambina véia assobe seu pavilhão
Amanhecer o dia se acordando no oitão
Zé Toco e Zé Maleiro pulava que nem o cão

(Trecho da música: Como Cambinas de Maracatu de Triunfo⁵ – Nelson Triunfo)

Estávamos nós, “Cambindas de Triunfo” em um ensaio aberto no dia 29 de julho de 2017, pela manhã no Centro Criativo de Cultura Padre Ibiapina⁶, na então cidade de Triunfo, dia em que Nelson Triunfo faria um show na festa dos estudantes⁷. Ao ouvir o batuque dos tambores, ele se aproximou e ficou a observar, ao final do ensaio ele veio nos parabenizar pelo trabalho e aproveitou o ensejo para conversar com as pessoas do grupo sobre sua trajetória e a importância de continuar, de propor, de realizar e alimentar a cultura popular.

⁴ Nelson Gonçalves Campos Filho, é Triunfense, conhecido como Nelson Triunfo, é considerado um dos principais dançarinos de Soul e Funk, um dos pais da cultura de rua. Tem em sua ascendência uma mistura de sangue africano, indígena e europeu e foi por meio da cultura que se conscientizou da importância de se afirmar como afro-basileiro. Cultiva uma vasta cabeleira black, símbolo de resistência e afirmação de identidade, nunca mais foi cortada e hoje é sua marca. Também pioneiro no uso da cultura hip-hop como instrumento de educação alternativa e reinserção social. Nelson é Triunfense e também fez pesquisas sobre as Cambindas compondo uma música com base nessas pesquisas.

⁵ Em anexo – letra na íntegra.

⁶ O Centro Criativo de Cultura Padre Ibiapina – CCCPI, é um espaço criado e idealizado por artistas da cidade de Triunfo, que abriga Grupos Culturais, artesãos, realiza programações culturais, recitais. É localizado no Centro da cidade de Triunfo e é o local de encontros para aulas e ensaios das Cambindas de Triunfo. Teve sua inauguração em 26 de maio de 2016. Hoje funciona também a secretaria de cultura, turismo e esportes do município.

⁷ A festa dos Estudantes de Triunfo é um evento realizado durante uma semana no mês de julho, a princípio uma festa pequena, organizada pelos estudantes que moravam fora para estudar, então no período de férias se reunia em sua cidade natal para festejar. Hoje é considerado um dos eventos mais importantes da cidade, em 2020 sendo a sua 62ª realização. Faz parte do calendário do estado de Pernambuco, essa festa conta com: oficinas culturais, recitais, cortejos, além dos shows, feira de artesanato e exposições.



Imagem 3 - Encontro das Cambindas com Nelson Triunfo em 29/07/2017.

Foto dos arquivos pessoais do Grupo de Dança Cambindas de Triunfo.

Ele me olhou e falou.

_ Aqui não só existia as cambindas, mas também tinha a cutilada⁸, as escolas de samba e muitas outras coisas boas. O carnaval de Triunfo era muito rico e muito animado.

Continuando, ele falava sobre as pessoas que ele lembrava de terem feito parte dessas tradições.

_ As Cambindas eram coordenadas pelos moradores do Alto da Boa Vista, tinha o nêgo Zuza, tinha seu João Rufino, Fonfon de Nita.

Na conversa eu ia intervindo, na ansiedade de ouvir cada vez mais. Eu sempre me engajei na cultura popular e dialogar sobre esse tema me deixa extremamente entusiasmada.

_ Bom, sobre o samba eu tenho muitas lembranças, mas você não vai saber quem eram, já faz muito tempo.

Mesmo assim eu queria ouvir nomes, e perguntei pra ele:

_ você lembra pelo menos alguns nomes?

⁸ Grupo de músicos que saem as ruas tocando sanfona, zabumba, triângulo e pandeiro, é tradição na cidade há décadas, tenho lembranças de vê-los passar sempre aos sábados que é dia da feira de rua na cidade.

_ Sim, o fundador foi Mano, mas com certeza você não vai ter como lembrar, ele já faleceu há muito tempo.

Quando ele falou o nome Mano, eu senti um frio na barriga.

_ Esse Mano que você fala era de que família? Qual o nome da mãe dele, você lembra?

_ Ele era filho de dona Tereza uma senhora baixinha que tinha um café alí na ponte.

Nelson ia falando e complementando a história falando os nomes dos meus tios e tias; fui tomada pela mais plena emoção nesse momento.

Com esses detalhes que ele dava eu percebia que de fato este sujeito a quem ele se referia e falava com tanta admiração era mesmo o meu pai.

_ Esse a quem você se refere é meu pai.

_ Daiane, está explicado. O que você vem fazendo é dar continuidade ao trabalho que o seu pai já desenvolvia e, mesmo sem saber, você assume esse papel.

Sem dúvida essa informação foi um dos achados mais preciosos para mim na minha vida de dança, na minha vida Cambinda.

Nelson convidou-nos a fazer uma participação em seu show a noite. Cantamos e dançamos com ele no palco principal da festa.



Imagem 4 – Participação das Cambindas de Triunfo no show de Nelson Triunfo na Festa dos estudantes de Triunfo em 29/07/2017.

Público lotado e nesta noite ele me apresentou no palco como Daiane Nonato, filha de Mano de Tereza, o fundador do samba na cidade de Triunfo. Foi neste mesmo dia em que eu me reconheci dessa forma. Ai papai, como eu queria ter a oportunidade de ouvir essas informações da sua boca.



Imagem 5 - Show de Nelson Triunfo em 29/07/2017 com a participação das Cambindas de Triunfo.

Anos mais tarde, meu tio, Armando Nonato, irmão mais novo do meu pai, deu continuidade aos trabalhos com as Escolas de Samba pelos bairros. Ainda lembro a última apresentação da escola que saía do Bairro da Saudade, bairro no qual eu morava nessa época. Era entre os anos de 1998 e 1999.

Interessante pensar que nesse período nós mulheres e meninas nem éramos convidadas a participar dessas manifestações, pelo menos não para tocar. Os instrumentos estavam diretamente ligados a figura masculina. E mesmo gostando de vê-los tocar eu não me sentia atraída a fazer parte, talvez em razão de a segregação feminina ainda estar muito enraizada nesse período.

Possivelmente minha tomada de consciência tenha partido dessas observações. De acordo com Berth (2018, p. 17) isso se dá a partir de uma movimentação interna e pode despertar diversas potencialidades apontando para práticas de combate ao sistema de dominação machista e racista. Isso explica muito sobre minha atuação hoje no campo das artes, especificamente na dança e mais precisamente uma dança popular.



Imagem 6 - Escola de Samba conduzida por Armando Nonato, no bairro da saudade Triunfo-Pe, dando continuidade aos trabalhos de Francisco nonato de Lima (meu pai), 1992.

Foto: Acervo da secretaria de turismo do município de Triunfo-PE.

Minha mãe, Maria de Lourdes, nascida e criada no interior de São Paulo, uma mulher forte, doce e linda, nunca gostou muito de participar de festas, nem de dança, mas, da forma como ela podia nos incentivava a fazer o que gostávamos, deixava-nos livres para escolhas, sem nos tolher.

Dos 8 (oito) filhos, 2 homens e 6 mulheres, quase todos tiveram vivências e experiências nas artes, meu pai foi durante muitos anos músico de uma orquestra centenária da cidade, Orquestra Isaías Lima⁹, tocava trompete; meus dois irmãos, Alexandre e Francisco (Maninho), seguiram os passos de papai, também foram músicos dessa orquestra, o primeiro tocando trombone e o segundo tocando igualmente trompete, eles também cantam e tocam instrumentos de corda.

⁹ Clube Central Isaías Lima, é um patrimônio histórico, artístico e cultural da cidade de Triunfo-PE através do artigo 231º da Lei orgânica municipal, pertence a galeria das bandas centenárias brasileiras, sendo a mais antiga banda de música em atividade do sertão pernambucano (Catálogo online bandas de música de Pernambuco). Informações acessível em: <https://bandaisaiaslima.wordpress.com/sobre/>



Imagem 7 - Alexandre Nonato de Lima (Meu irmão), tocando na Orquestra Isaías Lima em 1991. Foto do acervo pessoal da família.



Imagem 8 - Orquestra Isaías Lima. Na primeira fila, o segundo músico da direita para a esquerda (Olhando de lado) é o meu pai. Foto tirada do blog: Opinião Triunfo

Das 6 mulheres, as 3 mais velhas: Adriana, Rita de Cássia e Nythamar cantavam e sempre que possível acompanhavam os irmãos nas cantorias. Das 3 mais novas: Grécia toca instrumento de percussão e é integrante do Baque Opará¹⁰ em Petrolina – PE, Elisabete (Bete), quando criança dançava muito bem, hoje não dança mais como antes e nem seguiu na dança como profissão, mas, é admiradora e uma das minhas maiores incentivadoras.



Imagem 9 - Baque Opará em Petrolina, 10 anos de existência em 03 de fevereiro de 2018.

(Minha irmã Grécia – a de óculos) Foto retirada do blog Carlos Britto

E eu que danço, toco tambor e sou mestra popular que venho dando continuidade a uma tradição chamada Cambindas de Triunfo que será tratada na parte dois deste trabalho. Aproveito a ocasião para tratar em algumas linhas da minha chegada ao caminho que me encontro hoje de pesquisadora em dança.

O ano de 2018, meu ano de entrada no mestrado, veio cheio de sensações, de emoções, de encontros, relações e muito conhecimento, provavelmente este foi o ano mais intenso de todos esses meus 33 anos de vida. Vinda de terras distantes, de outro Estado desse nosso imenso Brasil.

¹⁰ Grupo de percussão formado por professores e alunos da UNIVASF (Universidade do Vale do São Francisco). Imagem disponível em: <https://www.carlosbritto.com/completando-10-anos-baque-opara-esquenta-previas-do-carnaval-de-petrolina/>

Cheguei à Salvador em 02 de abril de 2018, deixando tudo e todos, seguia apenas com a mochila, vários livros e sonhos, saudades, pensamentos vários...

Eu, pernambucana, da cidade de Triunfo, que fica aproximadamente 410 km da capital Recife, deixei o meu espaço e a minha rotina definida para embarcar nessa vivência que eu acreditava e acredito ser o que me move.

Sou graduada em Letras, pela Faculdade de Formação de Professores de Serra Talhada, tenho especialização em Dança pela Faculdade Angel Vianna e agora mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia. Para mim, além de muito orgulho, uma das maiores conquistas é ter acesso à universidade pública. Reafirma para mim mesma minha potência enquanto mestra popular de uma tradição que vem cada vez mais ocupando seu espaço e tendo o reconhecimento dentro desses espaços de poder. Uma mulher, negra, pesquisadora, mestra popular, líder de Grupo da cultura popular para a qual a universidade abre suas portas para ouvi-la e o melhor, deixá-la falar. Ribeiro (2018, p. 43) afirma em suas colocações que quando uma pessoa negra está reivindicando o direito a ter voz, esta reivindica o direito a própria vida. Ainda mais sendo mulher, a qual tem sua vida marcada por frequentes apagamentos e negação da sua voz, da sua existência.

A minha relação com as danças populares se deu desde cedo, era admiradora das manifestações populares, meus olhos se enchiam de encanto ao avistar as figuras que compunham o carnaval de Triunfo/PE¹¹. Lembro-me com muita clareza de ver passar os Caretas de Triunfo (Grupo de mascarados que saíam nos carnavais), os blocos carnavalescos, passistas de frevo.

Encontrei-me no universo das danças populares. Sei que essa relação não me vem por acaso, meu pai era negro, músico e muito envolvido com as artes. Ressalto a importância do ser negro, pois acredito na contribuição dos povos negros para uma gama de manifestações culturais que temos hoje e afirmo ainda a força e resistência desses povos que, mesmo vivenciando a violência decorrente do racismo e tendo sua imagem negativada em textos escolares, em divulgação em uma mídia racista e atrelada a estereótipos, sendo comum as tentativas de naturalização das ações racistas, preconceituosas, ainda assim prosperaram, culturalmente falando (Hasenbalg (1982, p.91). Isso me faz crer que a minha relação com as

¹¹ Triunfo é um município brasileiro do estado de Pernambuco, sua população é de pouco mais de 15.000 habitantes, é uma das cidades mais altas do estado, com altitude de 1.060 m, fica a aproximadamente 410 km de distância da capital Recife. O município se destaca pelo clima, pelo turismo local, pelo acolhimento dos moradores e, sobretudo pela proliferação da cultura e arte da cidade.

danças, principalmente de matrizes africanas já estavam em mim muito antes que eu pudesse me dar conta. “A história dos negros nas Américas escreve-se numa narrativa de migrações e travessias, nas quais as vivências do sagrado, de modo singular, constituem um índice de resistência cultural e de sobrevivência étnica, política e social.” (MARTINS, P.24, 1997).

Chega-me em forma de sensações. O batuque do tambor me move, o pisar dos pés firmes no chão me arrepia, as loas (toadas) me encantam e unir esses três elementos me satisfaz. Foi através dessas relações que eu – corpo, com a noção de skénos¹², estabelecia com esses elementos que me aproximei e posteriormente adentrei na manifestação Cambindas de Triunfo.

Quando criança, apesar de gostar de ver as pessoas dançarem, eu não conseguia articular muito bem meus movimentos ao ouvir uma música, achava que o problema era rítmico, comigo mesma. Mais tarde, aos 10 (dez) anos de idade, fui estudar na escola Estadual Santa Cruz, na cidade de Santa Cruz da Baixa Verde, cidade a qual morei por alguns anos, a 5 km de Triunfo. Certa vez chegou uma professora de Triunfo, Ana Maria¹³ seu nome, esta foi convidada pela professora Marizete Pádua para ministrar uma oficina de dança popular com duração de uma semana na escola, foi aí que eu percebi o meu território, o coco de roda¹⁴ que foi o mote dessa oficina. Deste dia para cá nunca mais parei de me envolver com as danças populares, no ano seguinte mudamos para Triunfo, fazia parte de todas as oficinas que eram trazidas a minha cidade, a qual nessa época era bem escassa já que a distância da capital acarretava muita dificuldade em chegar aulas de arte no interior.

¹² “Skénos é a noção de corpo que a etnocologia trabalha para argumentar pelo corpo que não separa carne e espírito, segundo o manifesto da etnocologia”(AMOROSO,2010).

¹³ Ana Maria Silva de Oliveira é funcionária pública municipal, psicopedagoga. Nordestina, Pernambucana, Triunfense. Filha de Juvinária e João Bernardes ambos in memoriam, pessoa apaixonada por Triunfo, por dança e pelas manifestações populares.

¹⁴ Dança de tradição popular, nascida possivelmente com os negros escravizados, porém tem influência também indígena, percebida nas movimentações. Existe várias histórias sobre o seu surgimento, mas o mais comum é que tenha surgido com os negros nas quebradas de côco, ao bater com uma pedra no fruto para quebrá-lo dava um som ritmado, por ser vários quebrando ao mesmo tempo surgia um ritmo que sempre alguém levantava para dançar. (SOARES, 1996).



Imagem 10 - Ana Maria Silva de Oliveira, minha primeira professora de dança.

Imagem do seu acervo pessoal

Em 1998, estudando na escola estadual Alfredo de Carvalho, já na cidade de Triunfo, uma integrante do grupo Ambrosino Martins¹⁵ e também professora dessa escola, Francemary Deyse dos Santos, juntamente com a diretora da escola, Luciana Vasconcelos, realizaram um trabalho de dança com o intuito de trazer informações aos alunos de uma manifestação popular da cidade que há muito não se ouvia falar... Entram as CMBINDAS na minha história.

¹⁵ Ambrosino Martins surgiu na cidade de Triunfo – PE, no ano de 1997, a princípio grupo de dança de nome inspirado em um conhecido tocador de pé de bode (Instrumento de origem europeia, trazido por colonos ao Brasil, a sanfona de oito baixos é mais conhecida na região nordeste como "pé-de-bode". O nome, de acordo com o Núcleo de Pesquisa e Expressão da Sanfona de 8 baixos, faz referência à constituição do instrumento -que, com poucos baixos, lembravam aos tocadores pegadas de bodes), brincante de alaursa, tocador de novenas, e o precursor dos festejos folclóricos da cidade em meados da década de 1950, o grupo de dança deu origem a banda que permaneceu com a homenagem no nome ao ilustre seu Ambrosino.

Não tínhamos ainda ideia de como o grupo se organizava, qual a história, as músicas, a dança e pouco a pouco a professora Merynha, como era chamada por nós, ia nos contando, baseada nas pesquisas da ex professora dessa mesma escola, Maria Helena Pádua¹⁶.

Conforme aprendíamos a cantar e a harmonizar os passos dessa dança, a professora ia sugerindo que mudássemos de lugar, formando filas, círculos, trocando a pessoa da frente, até que chegamos ao formato de duas filas indianas e eu não ocupava nenhuma delas, ficou outra colega e eu fora desse formato, não entendendo o porquê até então, foi quando a professora foi nos direcionando para outras movimentações, nesse momento eu era nêga véia e Ivana (a outra colega) era a porta estandarte.



Imagem 11 - Grupo de dança Cambindas – Escola Alfredo de Carvalho – 1998. Nêga Véia: Daiane Nonato, Porta Estandarte: Ivana. Foto do arquivo pessoal.

No início nos encontrávamos duas vezes por semana, até que dominássemos a coreografia. Realizamos apresentações em outras escolas, nas programações do folclore da cidade e distritos Canaã e Jericó. Depois o grupo passou a se encontrar apenas em vésperas de apresentação para ensaiar o que já ficara montado, nesse período nós já ensaiávamos sozinhas

¹⁶ Maria Helena Pádua é uma renomada professora e escritora da cidade de Triunfo. Ela e todos os seus irmãos tem atuado como educadores de destaque na cidade.

e eu passei a liderar o grupo, marcar ensaios, organizar para as apresentações, sempre com o suporte e atenção da diretora Luciana Vasconcelos e da professora Merynha.

Além das Cambindas, começamos a nos encontrar também para estudar sobre outras manifestações populares, chegamos a montar coreografias e nos apresentar em outras ocasiões com caboclinhos, frevo, dentre outras danças. Não tínhamos na escola uma professora específica de dança, aprendíamos vendo vídeos e lendo alguns textos descritivos sobre essas danças.



Imagem 12 – Cristina Fernandes da Silva e eu em uma apresentação de caboclinhos na programação do carnaval de Triunfo em 1998. Foto dos arquivos pessoais.

Para nossa tristeza, o grupo acabou após quatro anos de existência. A medida que nós íamos concluindo os estudos e saindo da escola, o grupo perdia força, não tendo mais seus integrantes renovados, teve seu fim por volta do ano de 2002.

Podemos entender que as manifestações culturais passam por momentos de descontinuidades e entendemos que isso aconteceu com as Cambindas. No intento de entender o papel e a importância das escolas como caminhos de continuidade das Cambindas, relatarei

dois momentos importantes de retomadas em processos educacionais nos quais a escola foi ambiente provedor e incentivador das Cambindas.

1.1 AS CAMBINDAS ESTÃO NA RUA COM PRAZER E ALEGRIA – MOMENTOS DE RETOMADAS.

Em muitos momentos, muitos anos e festejos carnavalescos a cidade de Triunfo não viu suas Cambindas saírem as ruas. Na terça-feira de carnaval, em que todos os outros blocos paravam para dançar ao som das Cambindas, foi silenciada. Porém, as pessoas da cidade nunca esqueceram; quando se fala em carnaval e no Bairro Alto da Boa Vista não há como não fazer referência a Cambinda Velha.

Graças as ações de pequenos grupos específicos da escola Alfredo de Carvalho e de processos de educação não formal é que puderam acontecer os momentos de retomadas, dando voz e vez a uma manifestação que, uma vez iniciada, teve seus momentos de adormecimento, mas, nunca de finalização. Esses momentos deram espaços para a re_invenção da tradição, uma garantia de continuidade e resistência.

De acordo com Gohn (p.61, 2016):

A educação não formal contribui para a produção do saber na medida em que atua no campo no qual os indivíduos atuam como cidadãos. Ela aglutina ideias e saberes produzidos pelo compartilhamento de experiências, produz conhecimento pela reflexão, faz o cruzamento entre saberes herdados e saberes novos adquiridos.

Mesmo quando a vivência passa a ser realizada dentro dos muros da escola, ainda assim se constitui como uma educação não formal, uma vez que a vivência não fazia parte da grade curricular da escola e era destinada a alguns alunos que de forma voluntária decidiam participar. Toda a escola se envolvia na realização, dando apoio mais uma vez para que as Cambindas continuassem a fazer sua história.

A escola Alfredo de Carvalho, uma instituição de educação, hoje com 93 anos de história no município de Triunfo, fazendo uma educação de qualidade e incentivando, sobretudo, a formação integral dos cidadãos, dando ênfase a criação artística. Por meio dela muitos alunos

se reconheceram enquanto artistas, hoje trilham seus caminhos pelas artes graças ao impulso dado por essa instituição de ensino público, gratuito e de qualidade.

Falo com tanta convicção por ser fruto desse meio, por ter experienciado o que falo. Após vivenciar e conhecer a história das Cambindas nesta instituição essa passa a ser a minha pesquisa de vida, uma vida Cambinda, de conhecimento e reconhecimento da minha própria história, atravessada pelas histórias que passam pela minha e que também me afetam e se deixam afetar.

Marques (2014) em seu livro *Artes em Questão*, logo no primeiro capítulo lança um mote que me faz refletir, “Tente avaliar quanto de sua relação com a arte hoje se deve ao que foi oferecido a você pela escola.” E pensando essa relação que me vem a partir dessa vivência com as Cambindas na escola Alfredo de Carvalho, percebo o quanto sou privilegiada por esses contatos, mesmo que esse contato com a arte não tenha sido durante as aulas de artes, não fazia parte da grade curricular, e nem tão pouco algo que foi ofertado para a sala inteira, eu já tinha um interesse por dança e a escola contribuiu para que eu pudesse adquirir mais conhecimentos, a partir desse projeto que gerou o grupo de Cambindas da Escola Alfredo de Carvalho.

Dedico-me aqui a tratar sobre os dois momentos em que a referida escola durante a realização de projetos, trouxe as Cambindas como tema, contribuindo, dessa forma, para que mesmo não existindo mais a Cambinda Velha, a manifestação continuasse existindo, trazendo ao conhecimento dos mais jovens. A influência dessa escola durante as décadas de 1980 e 1990, com base nos relatos das duas diretoras das épocas em que me reporto, Lúcia Lima e Luciana Vasconcelos respectivamente, é que discorro as próximas páginas.

1.2– AS CAMBINDAS SENDO VIVENCIADAS PELA ESCOLA ALFREDO DE CARVALHO: UMA EXPERIÊNCIA DE MEDIAÇÃO EDUCACIONAL

Minha curiosidade primeira era saber como surgiu a ideia de se trabalhar as Cambindas na escola. Dona Lúcia Lima me coloca que foi uma proposta da secretaria de educação, na época do governador Marco Maciel e do secretário Joel de Holanda. Segundo ela, a Escola Alfredo de Carvalho abraçou a causa, a professora Giselda que era a professora de português assumiu o comando no projeto, fez as pesquisas na comunidade e organizou o grupo de dança na escola, isso na década de 1980, entre os anos de 1981 à 1983 mais ou menos, foi esse período onde ela foi implantada.

Já Luciana Vasconcelos, diretora da escola na década de 1990, disse que não sabia dizer de onde surgiu a ideia, pois quando ela chegou na escola já existia essa ideia.

Não foi uma coisa em que na época que eu estava na gestão eu pude acompanhar o nascimento, não, já havia, e quando eu entrei na direção da escola, eu já era professora da escola, mas eu não participava diretamente dessas atividades e aí quando eu passei pra direção, a gente vai olhar a direção como um todo, foi um pedido, eu atendi a um pedido feito por alguns professores da escola, professores primários e professores na época do ensino fundamental e nós tínhamos as alunas que gostavam e que manifestaram interesse e aí algumas alunas se prontificaram e outras a gente saiu convidando, perguntando, até que se formou o grupo.

As meninas se dispuseram e eu lembro que uma das exigências que uma fez é que tivesse uma roupa arrumadinha e aí a gente providenciou a roupa e as meninas se organizavam com a dança sob a orientação da coordenadora da biblioteca, na época que como já conhecia o grupo na cultura local conseguia dar um suporte para as meninas, com esse cuidado de que elas não desviassem dos passos, das características da dança, do ritmo que acompanha e assim a gente resgatou, não foi a única atividade resgatada na época, mas foi uma das mais prazerosas. (Luciana Vasconcelos)

Lembro-me bem do pedido para que tivesse um figurino arrumadinho, quando tivemos contato com as roupas que já tinham na escola de outras épocas, já estavam gastas e ao nosso ver não eram padronizadas, pois haviam saias com estampadas diversas. Então, prontamente a equipe que nos acompanhava providenciou um novo figurino.



Imagem 13: Participação do Grupo de Cambindas da escola Alfredo de Carvalho no desfile de 07 de setembro com o Figurino padronizado. Imagem cedida por Luciana Vasconcelos. 2001

Importante perceber que as primeiras buscas surgem do poder público, um incentivo da secretaria de educação que contribuiu em um certo momento e pode ter dado o estímulo por anos a frente, visualizando essa potencialidade da escola. “A escola é o lugar por excelência para que inter-relações críticas e transformadoras ocorram de forma compromissada entre a dança, o ensino e a sociedade” (MARQUES, p.68, 2012).

Sigo no diálogo na tentativa de entender como se deu a articulação da escola para a realização desse projeto, uma vez que a dança não estava inserida na grade curricular. Lúcia Lima me coloca que a professora Giselda Diniz ficou à frente do projeto, envolveu toda a comunidade escolar, elegendo assim um grupo de alunos, especialmente aqueles que residiam no Alto da Boa Vista e com eles ela foi para a comunidade do Alto da Boa Vista e fez a pesquisa, resgatando toda a história com as pessoas mais antigas que viviam naquela época. Destaco o quão significativo foi o trabalho da professora Giselda Diniz, com uma metodologia própria ela fez um trabalho que hoje é o que sugerimos como o caminho fundamental para o estudo das culturas brasileiras na educação, ela construiu um processo potente de arte-educação.

Como no caso de seu João Rufino, que é um dos elementos mais importantes do grupo das Cambindas, também nós tínhamos o marido de Nita que era Fonfon e a própria Nita, eram essas pessoas que tinham muita ligação e como foi Giza que fez a pesquisa

eu não tenho condição de nominar quais foram as pessoas que ela mais dialogou, sei que esse grupo passou mais ou menos uma semana lá no Alto da Boa Vista, ouvindo e registrando, e esse projeto por incrível que pareça, ele teve um registro, com certeza está lá nos anais da secretaria de educação, mas no Alfredo de Carvalho ele realmente não ficou e já tivemos oportunidades de pesquisar lá na biblioteca, mas nós não encontramos mais nada e foi uma pena, como eu disse a você em outro momento a memória não guarda tudo, se não houver registro a história deixa de acontecer, fica interrompida. (Lúcia Lima)

E isso faz parte da própria memória, algumas coisas são lembradas, outras são esquecidas, importante que as memórias que a comunidade deseja preservar resistam e sejam cuidadas, repassadas, alimentadas.

Segundo Luciana Vasconcelos, a ideia original de trabalhar as Cambindas na escola na década de 1990 não foi dela, ela afirma que a ideia pode ter surgido ainda com outra gestora, porém ela não sabia afirmar qual pode ter sido, ela fala que pode ter surgido inclusive antes de ela ir trabalhar lá. Por essa razão eu afirmo que, uma vez iniciado esse trabalho na escola na década de 1980, mais de dez anos depois ainda encontraram resquícios dessa vivência, o que muito provavelmente veio à tona como estímulo para uma retomada.

Saliento ainda que, minhas vivências com as Cambindas partem dessa experiência na década de 1990, e no decorrer da pesquisa deparei-me com a minha irmã Nythamar Nonato e o meu irmão Alexandre Nonato como sendo integrantes desse projeto na década de 1980, ela dançando e ele compondo o grupo de percussão. Entendo cada vez melhor o papel da escola nesse universo, como sendo “lugar por excelência de transmissão, articulação, construção e transformação do conhecimento” (MARQUES, p. 68, 2012).

Em minhas pesquisas, em minhas buscas, percebo que há ainda pouco materiais escritos, ou registros sobre a Cambinda Velha. Encontrei artigos, matérias de revistas e capítulos em alguns livros que citam a manifestação das Cambindas em Triunfo, porém, nenhum texto se debruça a fundo. Por essa razão, a minha curiosidade era saber quais materiais serviram como subsídios para estudar as Cambindas.

De acordo com relatos da ex-gestora Lúcia Lima, na década de 1980, o que subsidiou a pesquisa foi a própria comunidade do Alto da Boa Vista onde nasceu o grupo de Cambindas, através das famílias e dos alunos que existiam naquela ocasião, então foi através de pesquisas

e anotações que puderam condensar um pequeno histórico da origem das Cambindas no município de Triunfo. Ainda segundo dona Lúcia:

E este trabalho, como eu já disse, foi realizado pela própria professora de português Giselda Freire Diniz, mas também contou com o apoio das professoras de história, das próprias professoras do Alfredo de Carvalho que tinham amizades com essas pessoas, que puderam apreciar durante a sua vida as apresentações das Cambindas, quando desciam do Alto da Boa Vista, e também cabe ressaltar aqui as professoras de história como dona Gracinha Rabelo e dona Luísa Rabelo elas tiveram também uma participação no resgate da história, até por que elas eram professoras na época de história e geografia e eram irmãs, assim como vocês conhecem, são pessoas muito estudiosas que sempre estavam a serviço da comunidade escolar e a serviço da educação.

Não esquecendo também na época, como vice diretora da escola a professora Socorro Rabelo, que dava todo o apoio logístico para que o grupo pudesse trabalhar no ambiente escolar, a escola, como você sabe o Alfredo de Carvalho sempre teve um contingente de alunos muito grande e os espaços para trabalhar as questões artísticas sempre foram deficitários, então muitas vezes até nos intervalos do recreio, ou intervalo de um horário de aula é que o grupo podia se apresentar, até por que fazia um pouquinho de barulho, cantavam e no momento em que eles estavam nos ensaios a turma da escola gostava de apreciar, era um momento muito gostoso tanto para quem fazia o projeto, quanto para aqueles que podiam apreciar os alunos desenvolvendo essa cultura nata de nosso município. (Lúcia Lima)

Luciana Vasconcelos coloca:

Na verdade nós nunca estudamos as Cambindas, nunca foi um campo de estudo, o que a gente tinha lá é o que acontece em todas as escolas, você nunca traz uma cultura pra dentro da escola, você nunca alimenta a escola com uma cultura local ou regional, essa cultura já está na escola, o que a gente faz é fomentar, é alimentar, estimular, então, dentro de uma escola grande como o Alfredo de Carvalho que na época tinha mais de 1.000 (Mil) alunos você tinha de tudo, você tinha dançador de coco, você tinha gente com conhecimento de Cambindas, você tinha capoeirista, você tinha meninas apaixonadas pelo frevo e assim, já está lá, excelentes profissionais da arte do careta, tanto pra confeccionar máscaras, como para o relho, para tudo, isso aí você já tem lá dentro, então o que você precisa como é hoje e como era no passado é somente

instigar, criar o espaço e a oportunidade, mas você não traz isso pra dentro de uma escola grande, já está lá, não é? As Cambindas já estavam lá.

Então o que a gente fez foi na época, quem tinha o conhecimento que morava em um determinado bairro e lá tinha uma pessoa com conhecimentos ou quem acompanhou as mais antigas ia cooperando, ia colaborando pra que a gente não saísse daquela trilha, pra que a gente não acabasse desmerecendo ou diminuindo, digamos assim, o valor que aquele grupo precisava ter, mas nunca houve estudo, na época não havia estrutura para um estudo, era mais pelo conhecimento comum, digamos que o senso comum, mas um senso comum com apropriação. (Luciana Vasconcelos)

Percebe-se pelos relatos que a escola por ser grande e possuir uma quantidade elevada de alunos, contribui também para a realização de projetos dessa natureza, de forma que toda a comunidade escolar se envolve. Então me veio mais uma questão, na necessidade de entender sobre o envolvimento dos professores, se os envolvidos eram de uma disciplina específica, ou se independente da disciplina ou função exercida na escola se envolviam também. Dona Lúcia Lima nos conta:

Posso dizer que todo o Alfredo de Carvalho se envolveu na proposta, tanto a direção comandada por mim e por Socorro Rabelo e todo o corpo docente da escola, especialmente os professores de história, geografia, como dona Graça e Luisinha Rabelo, e sem esquecer também a professora de educação especial dona Soledade Pádua, onde ela lidou e trabalhou com muitos alunos originários lá do Alto da Boa Vista e esse grupo de dança era como se fosse momento de libertação para essas crianças originárias de lá, onde muitas delas chegavam na escola no dia seguinte, com vários problemas, com sono, muitas vezes até acompanhavam os pais tomando umas cachacinhas e isso tinha um reflexo muito grande na aprendizagem dos alunos e nós tivemos muitos alunos dessa localidade e dona Soledade foi uma das pessoas que abraçou a causa da educação especial, e sentia uma melhora muito grande desses alunos no dia em que eles participavam dos ensaios das Cambindas e da alegria que eles sentiam de nos momentos festivos se apresentarem para toda uma comunidade, então o resgate desse grupo ele teve uma repercussão muito grande na dinâmica da educação do Alfredo de Carvalho. (Lúcia Lima)

A resposta de Luciana Vasconcelos:

Os professores envolvidos eram os professores do ensino primário, na época ensino fundamental inicial, da 1ª à 4ª série e os professores de 5ª à 8ª série, por que é justamente os que conviviam com essa clientela de 9,10, 11, 12, 13 anos de idade, então como essas professoras estavam mais próximas, elas conseguiam ter essa visão mais ampla e aí especialmente os professores de língua portuguesa, de artes, professor de educação física e os professores primários, esses professores eram sempre aqueles que instigavam, que estimulavam e também a coordenadora de apoio na época, ela sempre incentivou que a gente tivesse esse cuidado, esse olhar pra arte, para que não ficasse de lado, nem por obrigação. (Luciana Vasconcelos)

Enquanto aluna dessa instituição na época, eu me lembro bem do incentivo da professora da biblioteca dona Auxiliadora Rodrigues, a qual carinhosamente nós chamávamos de tia Auxi, Socorro Vasconcelos e Ivanilda Viana, esse trio sempre presente, orientando-nos, acompanhando os ensaios e cuidando dos figurinos.

A professora Merynha que foi fundamental para o processo, com ela aprendemos a cantar a música das Cambindas, entendemos a dinâmica das coreografias, conhecemos sobre a história, e lembro-me com muita nitidez do primeiro dia de encontro, foi em uma tarde, na quadra da escola, procuramos um cantinho que já estava na sombra e ela nos entregou umas folhas xerocadas, de um lado, um breve histórico das Cambindas, do outro lado, trechos da letra da música, esses escritos eram parte das pesquisas da ex-professora da escola dona Maria Helena Pádua, essa folhinha trago em mina memória desde então, esta passa a ser a minha primeira referência escrita sobre o tema.

Fiquei com a questão, se era algo tão bom, que instigava os alunos, que dialogava com as vivências de uma comunidade, que movimentava a escola no sentido de participação, cooperação e conhecimento, por que então não continuar? Quanto tempo durou em cada época? Dona Lúcia supre minhas questões com a seguinte resposta:

Era um projeto e o projeto tinha data de início e data de fim, então em termos de projeto ele durou um ano, mas depois de preparado o grupo das cambindas atuou em vários momentos na comunidade, fazendo apresentações nos momentos festivos da cidade, chegando até a fazer uma apresentação em Afogados da Ingazeira onde foi bastante aplaudido. Dona Lúcia complementa ainda dizendo que:

foi um momento dos jogos olímpicos que eram realizados antigamente, hoje eu não sei se ainda existe, mas na época era uma competição maravilhosa, existia uma semana de jogos olímpicos, onde todas as unidades escolares da região do Pajeú convergiam para Afogados da Ingazeira, era maravilhoso e em uma das aberturas de uma das olimpíadas que eu não me lembro se foi do ano de 1982 ou 1983, e aqui em Triunfo enquanto fui diretora em determinadas ocasiões de uma forma mais esporádica o grupo das Cambindas se apresentava nos eventos, e em seguida houve mudança de direção, mas depois surgiram outras professoras também que por determinados momentos resgataram esse grupo já existente no Alfredo de Carvalho. (Lúcia Lima)

Luciana Vasconcelos nos coloca que:

O que eu pude acompanhar das Cambindas foi a época que eu fiquei na primeira gestão, foi de 2001 à 2004, é desta época que eu posso falar por que foi a que eu acompanhei mais próximo, mais de perto, depois que eu saí eu não lembro bem exatamente o que aconteceu, quais foram os encaminhamentos, quais foram os contornos que foram dados, eu não sei lhes dizer, porque na época quando eu saí da direção eu me afastei por conta de gestação, então fiquei todo aquele tempo afastada, depois fui tirar algumas férias que estavam atrasadas e aí quando eu retomei eu não me lembro de ter acompanhado nada referente às Cambindas. (Luciana Vasconcelos)

Consigo complementar com segurança a resposta de dona Luciana por que foi exatamente a época a qual eu fiz parte. Mais precisamente começou a se desenhar em 1998, foi o momento de convidar as alunas, começar a falar sobre Cambindas, conhecer a música, compor as coreografias. Após o grupo estruturado foi até o ano de 2002, depois disso o grupo começou a perder forças, pois a medida em que íamos concluído o Ensino Médio e saindo da escola, não estava conseguindo haver a renovação das integrantes, dessa forma o grupo esmoreceu. De lá para cá não aconteceram ainda outros trabalhos com essa magnitude sobre o referido tema nessa instituição em questão.

Para essa época, para mim estava visível o porquê da pausa dada ao grupo, então fiquei pensando o que poderia ter contribuído para o fim dos grupos na visão das diretoras em cada época. Lúcia Lima coloca:

Eu acredito que foi a alternância de administração, cada administração ela tem os seus interesses próprios e sem dúvida deve ter acontecido isso, vieram outros projetos também, por que o Alfredo de Carvalho nunca deixou de se envolver com projetos que deram sempre nome e sempre lhe destacou no cenário da educação de Pernambuco. (Lúcia Lima)

Luciana Vasconcelos aponta:

Eu acho que o que fez com que talvez tenha acabado tenha sido a falta de continuidade, simplesmente a falta de continuidade mesmo, alguns alunos iam saindo, outros professores iam se aposentando, a escola foi tomando outro formato de ensino e aquilo foi ficando guardado, eu não digo que foi terminado, eu digo que foi guardado, foi guardado digamos assim, mas unicamente por uma questão do planejamento da continuidade.

No Alfredo de Carvalho uma coisa que não existe na sua história e eu já estou lá a quase 30 anos é recusa de aluno ou professor em desenvolver atividades, em fomentar, em participar com dedicação de qualquer atividade cultural, então creio eu que se houvesse, se tivesse havido planejamento desde a época que eu estava até a época que seguiu com Socorro Almeida teria continuado, não haveria empecilho nenhum, só faltou mesmo o nosso planejamento. (Luciana Vasconcelos)

Percebo nessas respostas o quanto que a presença da dança enquanto linguagem artística estando na escola apenas por meio de projetos é danoso para sua permanência, por que nessa condição ela não consegue dar conta de permanecer, de se fortalecer, de persistir, de garantir mais acessos, de dialogar por tempo indeterminado, de potencializar esses conhecimentos.

Pelas nossas conversas percebi que em ambos os momentos a realização do projeto deu origem a um grupo de dança, que atuou na escola por algum tempo. Com base nessa afirmação indaguei sobre qual a dinâmica desses grupos, qual a frequência de encontros. Se havia o trabalho com outros ritmos das danças populares.

Com a palavra Lúcia Lima:

O projeto desenvolvido deu origem ao grupo de dança das Cambindas do Alfredo de Carvalho, ele era específico para dançar o ritmo nascido no Alto da Boa Vista e que

se apresentava durante os eventos carnavalescos de Triunfo, mas nós tínhamos outros grupos, o grupo de xaxado, o grupo do coco dos quilombolas lá do Livramento¹⁷, também foram projetos próprios do Alfredo de Carvalho, e isso era desenvolvido durante as aulas de artes que antigamente existia, não sei se no currículo de hoje existe esses momentos, esses espaços para aulas de arte, mais as nossas aulas de artes eram muito movimentadas e procuravam sempre resgatar a cultura do município.

O grupo se apresentava sempre nos eventos do município e por exemplo nos desfiles de 7 de setembro, na festa de emancipação política, em algumas inaugurações que pudessem acontecer no município, quando eles eram convidados também como já coloquei até aqui que eles foram convidados pra fazer uma apresentação em Afogados da Ingazeira, mas não tinha assim um ritmo sequencial de apresentações não, era nessas oportunidades festivas e lá dentro era nos ensaios, as vezes haviam comemorações da própria escola, como a época de São João que nós tínhamos o melhor São João escolar do município, então tinha apresentação das Cambindas, ou qualquer outro evento da escola, nos aniversários de professores, dos diretores que antigamente era comemorado, então haviam essas apresentações. Lembro-me ainda que se apresentava também no aniversário da escola do Alfredo de Carvalho, que é uma data comemorativa, então nós sempre tínhamos os grupos que se apresentavam nessa ocasião.

Já Luciana Vasconcelos coloca:

Os ensaios na escola eram sempre feitos ou no horário da aula, ou eram feitos no outro turno, na biblioteca e alguns alunos participavam de outras atividades, atividades no Lar Santa Elisabete¹⁸, ou tinha alguma situação particular em casa, então a gente aproveitava o aluno pra fazer o ensaio no horário do turno mesmo.

As meninas que dançavam Cambindas, algumas delas, participavam também de outros grupos, participavam também de outros eventos. (Luciana Vasconcelos)

Então, qual é mesmo a importância de se trabalhar a dança na escola, trazendo o viés da dança popular?

¹⁷ Comunidade quilombola situada na zona rural da cidade de Triunfo e tem uma forte tradição com o coco de roda.

¹⁸ Entidade filantrópica conduzida por freiras franciscanas de Maristella, atendem diariamente centenas de crianças e jovens de baixa renda, trabalhando com a educação infantil, reforço escolar, artes manuais, esportes, dentre outras atividades.

Lúcia Lima afirma:

No meu entender, eu acredito que a dança pode ser considerada como instrumento pedagógico de socialização e de construção de novos saberes e sobre o viés da dança popular, acredito que ele tem o grande objetivo de manter viva a cultura local e preservar a tradição. (Lúcia Lima)

Por meio desse depoimento, percebe-se a fundamental importância de se preservar as práticas culturais, de se manter viva as tradições, de re_inventá-las, de cultivá-las dentro dos ambientes de educação formal e não formal.

Luciana Vasconcelos coloca que:

Naquela época a gente usava tanto a dança como outras práticas culturais e esportivas como uma forma de canalizar a energia dos meninos, a gente já tinha esse entendimento de que eles precisavam gastar a energia, os recursos eram muito limitados, nós não tínhamos uma quadra coberta, as salas de aula eram cheias os três turnos, você não tinha espaço, digamos assim, para estruturar alguma atividade complementar digamos, e aí, os meninos, eu me lembro uma vez que os alunos pediram pra que a escola fosse aberta aos sábados e nós não tínhamos uma equipe de limpeza suficiente na época pra dar conta da escola, por que a escola ficava cheia até a sexta-feira à noite, e na segunda-feira ela tinha que estar pronta, então uma dificuldade grande na época eu me lembro era lavar os corredores e aí, alguns dos jovens que estão hoje na sociedade em suas profissões ainda hoje quando eu passo por eles eu me lembro disso, eles fizeram uma proposta, uma vez eles me viram lá preocupada com a questão da limpeza e foi uma proposta dos meninos, olha, se a senhora abrir a escola aos sábados e deixar que a gente venha participar de capoeira, fazer aulas de capoeira e treinar na quadra e fazer ensaios de dança, a gente garante de lavar os corredores.

E fizemos isso, eu já tinha um conhecimento das escolas de outros estados que eram abertas à comunidade e eu tinha à vontade, mas eu não via um formato e esses meninos deram um formato. Não ficou por muito tempo por que as mães começaram a segurar mais, eles saiam de casa, passavam a manhã na escola e faziam falta para as mães aquela ajuda dos meninos em casa, a presença dos meninos em casa, mas por um bom tempo funcionava aos sábados e aí depois que eles faziam as atividades coordenadas por eles mesmos, os instrutores eram os próprios alunos, eu me lembro somente de uma oficina em que um rapaz foi convidado e depois a gente ia lavar os corredores da

escola, eu arrumava alguma coisa pra o lanche, eles saiam quando dava àquela hora do almoço, pra que eles não passassem do almoço em casa eles saíam eu fechava a escola e ficava sozinha, nunca tive problemas quanto a ficar só no prédio antigo e ia terminar, e aí na segunda-feira quando o pessoal chegava para trabalhar os corredores estavam lavados, é uma memória afetiva daquela época muito boa que eu tenho. (Luciana Vasconcelos)



Imagem 14: Antigo prédio da Escola Alfredo de Carvalho, imagem retirada do blog Farol de notícias. Acesso em 20 de fevereiro de 2021¹⁹.

Ainda não é uma realidade em nosso município a dança fazer parte do currículo, fico imaginando a potência que teria se para além da realização dos projetos houvesse uma sistemática no ensino da Dança na escola.

Ressaltando a importância de ser uma disciplina ministrada por profissionais da área, com conhecimentos para tal, e não de forma desordenada como muitas vezes acontece com as disciplinas de artes e educação física, as quais muitas vezes são repassadas para professores de outras áreas como forma de complementar a carga horária. “A arte supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence” (BARBOSA, 2018).

¹⁹ Imagem disponível em: <https://faroldenoticias.com.br/triunfo-escola-alfredo-carvalho-se-destaca-no-saepe-e-e-lo-lugar-na-gre-do-alto-pajeu/samsung-camera-pictures/>

Porém, para que ela de fato supere esse estado de despersonalização é necessário ocupar esse lugar de forma responsável, e só será assim com o profissional da área.

A escola Alfredo de Carvalho hoje é uma Escola de Referência em Ensino Médio, continua desenvolvendo seus trabalhos, seus projetos com a qualidade de sempre, teve seu prédio reformado e atende uma clientela não somente da cidade de Triunfo, mas de várias cidades da região, além de jovens residentes nos distritos de Canaã e Jericó.



Imagem 15: Prédio da escola Alfredo de Carvalho após a reforma, fev./2021.

Imagem de Ana Maria Oliveira.

Foi nesse ambiente que fui incentivada a ser protagonista das Cambindas. Na minha experiência encontrei uma retroalimentação entre o fora e o dentro da escola, um privilégio da não separação das culturas populares nos processos educacionais, mesmo que em projetos fora das grades curriculares, algo que eu gostaria que continuasse acontecendo e quiçá evoluísse para os componentes curriculares.

Agora convido-lhes a seguir comigo para a segunda parte, a qual falarei sobre a história das Cambindas e a cidade de Triunfo, o bairro Alto da Boa Vista, questões sociais ligadas ao bairro, a calunga no fazer das Cambindas de Triunfo, representantes da Cambinda Velha e as características dos cortejos.

2. TODO MUNDO ME DIZIA QUE AS CAMBINDAS NÃO SAIAM – CONHECENDO AS CAMBINDAS

Lá vem as Cambindas descendo a ladeira
 Elas descem tão faceiras
 Que é a coisa mais linda de se ver
 E quando a nêga véia passa
 Todo mundo sai na porta
 Admiração contagia aquela cidade
 Tem moça, menino, mulher e rapaz
 Todo mundo sai atrás
 Pra ver a beleza que encanta
 É porta estandarte, baiana e Calunga
 Assim também vem o batuque
 Pra completar a folia
 E ainda é carnaval?
 Não, não tem mais isso não
 Hoje as Cambindas saem todo o tempo
 E todo dia é dia de ver o cortejo passar.
 (Poema da autora).

Cambindas é uma manifestação popular surgida no ano de 1913, tendo como berço da sua criação a comunidade do Bairro Alto da Boa Vista, na cidade de Triunfo, no Sertão Pernambucano (LOPES, 2003). Aquele ano, em princípio, é o que se encontra como registro escrito, porém, há possibilidades de que tenha começado a se desenhar o que entendemos hoje como Cambindas bem antes dessa data.

A cidade de Triunfo-PE não é a única a ter registros desta manifestação ou brinquedo popular como assim era chamado por seus brincantes, porém aqui devo discorrer especificamente sobre a CAMBINDA VELHA, que é designadamente esta, iniciada, vivenciada e brincada em Triunfo. O grupo que temos hoje como a re_invenção é chamado de CAMBINDAS DE TRIUNFO.

Surge como uma brincadeira no carnaval, composta a princípio apenas por homens, tendo como precursor dessa brincadeira Luis Miguel, filho de Santina Fateira, após a morte de Luis Miguel, João de Pastora e José Maleiro deram continuidade (PÁDUA, 1992).

Zé Maleiro e João de Pastora, pintavam a boca e iam dançar, com a
Calunga vai a nêga véia, a porta-estandarte arrasta a chinela.
(Loa do Grupo Cambindas de Triunfo²⁰ – composição: Jéssica Caitano.)

A maioria dos brincantes era formada por negros, há indícios de que a comunidade do Alto da Boa Vista seja de remanescentes de um quilombo urbano, ainda não registrado²¹. Vale pensar um pouco sobre a diversidade existente nesse lugar. “Os valores culturais trazidos pelos povos africanos, mesmo sendo reduzidos a “igualdade” pela escravidão, já nos faz pensar em diversidade” (GONZALEZ, HANSENBALG, p.18, 1982). Essa comunidade foi se formando na periferia da cidade, com pessoas vindas das comunidades rurais e trabalhadores dos engenhos com suas famílias, a maioria dessas famílias de uma população negra. De acordo com Pádua (2012), as Cambindas saíam às ruas vestidas de mulheres para brincar e animar a festa de carnaval das pessoas por onde passavam.

A seguir, apresento um trecho de uma matéria sobre os carnavais no interior pernambucano, fevereiro de 2001, na qual Roberto Benjamin, na época presidente da comissão nacional do folclore, cita uma entrevista realizada com seu João Rufino, o último mestre da Cambinda Velha:

O mestre João Rufino, entrevistado em fins da década de setenta, quando já contava com mais de 80 anos de idade, acreditava ser da quarta geração da sua família à frente da brincadeira. Ao que parece a Cambinda Velha teria sido, inicialmente, um brinquedo exclusivamente masculino. Em suas últimas apresentações o grupo era constituído pelas “Cambindas”, homens e mulheres, vestidos de baianas, em trajes predominantemente brancos.

²⁰ Em anexo a letra na íntegra.

²¹ Em diálogo com o Professor Cícero Alexandre, liderança quilombola da comunidade do Catolé em Serra Talhada, sertão Pernambucano e o Professor Luiz Fernando Nogueira Pereira, liderança indígena, etnia Pankará, aldeia Tapuí do Pajeú, obtive a informação de que eles realizaram uma pesquisa sobre as comunidades quilombolas na cidade de Triunfo, porém a comunidade do Alto da Boa Vista ainda necessita concluir a pesquisa para que haja um registro.

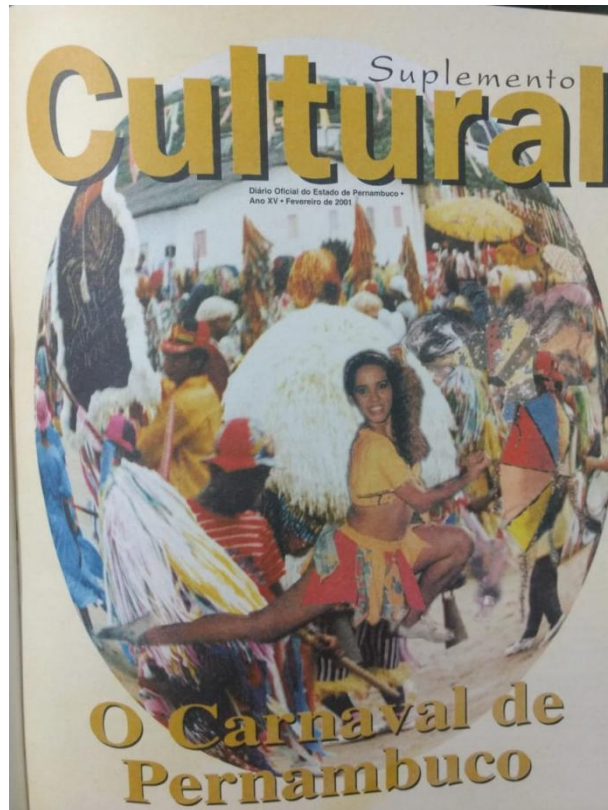


Figura 1 - Capa da revista que contém a matéria. Fonte: acervo de André Vasconcelos²²

No intuito de aprofundar essa arqueologia das Cambindas, apresento um compêndio de informações encontradas nesses anos de pesquisa:

Em seu livro *Made in África*, Câmara Cascudo, afirma que cambindas foi a modalidade primitiva dos maracatus de Pernambuco. O nome foi usado tanto para maracatus de baque virado, como para maracatus rurais ou de orquestra. Entre a gente dos maracatus rurais, Cambinda é um peixe miúdo e nos grupos desta variante que leva este nome, há sempre um peixinho no estandarte. (BENJAMIN, p.84, 1989).

²² Mestre em desenvolvimento regional pela Universidade Estadual da Paraíba, sua pesquisa para a dissertação foi desenvolvida na cidade de Triunfo e tem como título: TRIUNFO (PE): UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE DESENVOLVIMENTO, TURISMO E CULTURA NO SERTÃO DO NORDESTE.



Imagem 16 - Estandarte do Grupo Cambindas de Triunfo – Arquivo: Acervo do grupo.

Imagem: Grécia Rejane Nonato de Lima.

É interessante relatar que no início da formação do grupo que temos hoje como Cambindas de Triunfo, Diana Rodrigues, historiadora da cidade que teve grande importância para essa re_invenção, contou-nos que o peixe no estandarte era símbolo para os grupos de Cambindas e que sempre estava presente, por essa razão, nós também o trouxemos para compor o nosso estandarte.

No Dicionário de folclore para estudantes, a definição de Cambindas é a seguinte: “CAMBINDAS/ Foliões vestidos de baiana que desfilam sem enredo no carnaval de algumas vilas e povoados nordestinos, ao som de qualquer orquestra. Surgiram antes do maracatu”. (SOUTO MAIOR, P.64, 2012). Apesar de essa colocação ser ressaltada de uma forma preconceituosa, não dando nenhuma importância para a música e percussão que faz parte dessa manifestação, expondo de uma maneira insignificante, fica evidente que as Cambindas vieram antes dos maracatus.

Dando continuidade às definições, trago um trecho do livro *Sinfonia Carnavalesca* em seu artigo – *Cambindas: Uma dança africana em terras Bezerrenses*:

Foi através de conversa com amigos e moradores antigos que descobrimos a cambinda como um dos folguedos mais populares no interior de Pernambuco, entre a última década do século XIX e a primeira metade do século XX. Colhemos informações de que em Passira, São Bento do Una, Bonito e Triunfo os moradores cultivaram este folguedo. (ARIMATÉIA, p.39, 2006).

Três figuras se destacavam nessa brincadeira: a Nêga Véia que conduzia o cortejo, usava uma roupa toda estampada, turbante na cabeça, pintava o seu rosto e os braços de preto, usando uma mistura de pó de carvão e óleo; a Calunga, boneca também preta, com trajes semelhantes aos da Nêga Véia que era conduzida por suas mãos; e a porta bandeira ou porta estandarte, que levava o estandarte de seda vermelha e franjas amarelas com o nome do grupo, vestia saia e blusa curta na cor vermelha e azul. Os demais membros do grupo usavam saias estampadas e blusas brancas, eram denominados de baianas. Essa configuração pode ser vista desde a década de 1980, um dos momentos de vivência realizado pela escola Alfredo de Carvalho.



Imagem 17 - Grupo de Cambindas da Escola Alfredo de Carvalho – ano de 1998. Nêga Véia: Daiane Nonato. Porta Estandarte: Ivana



Imagem 18 - As três figuras – Nêga Véia, Calunga e Porta estandarte, imagem da primeira apresentação das Cambindas de Triunfo em 06 de maio de 2012. Nêga Véia – Letícia Sampáio. Porta estandarte – Daiane Jully. Arquivo: Acervo pessoal do grupo. Imagem: Maycon Jonathan



Imagem 19 - Grupo Cambindas de Triunfo. Nêga Véia: Raiany Moraes; Porta estandarte: Stella Xavier. Cortejo pelo Bairro da Saudade em Triunfo-PE, Carnaval 2018. Imagem: Acervo do Grupo.

O Grupo sempre que saía às ruas era recebido com comidas e bebidas pelos moradores da cidade. Importante salientar que essas comidas servidas aos brincantes, são comidas tipicamente da região como, por exemplo, o munguzá salgado, que é um prato feito com feijão, milho amarelo e carnes variadas; o arroz vermelho com galinha e o angu com galinha. E a bebida era sempre a cachaça ou licor que até os dias atuais é tradição neste lugar.



Imagem 20 - Mungunzá salgado, comida típica do Sertão Pernambucano. Imagem: Maycon Jonathan



Imagem 21 - Arroz vermelho com galinha, comida típica da cidade de Triunfo-PE.

Imagem: Maycon Jonathan



Imagem 22 - Angu com galinha. Imagem: Eliane Santos

Em suas visitas às casas, as cambindas cantavam e tocavam as loas que sempre surgiam no improviso, contavam casos de suas vivências do dia a dia e criavam com as situações que surgiam na hora:

“Ó senhora dona do hoté
 Me faça um café
 Pra minhas baianas
 Asse banana da palma comprida
 Que o melhor da vida
 É um goipe de cana”

(trecho das loas da Cambinda Velha)²³

Em relatos de alguns moradores, que em algum momento tiveram o prazer de ver ou acompanhar o cortejo das Cambindas, fica explícito o quanto aquela aparente brincadeira de carnaval era importante tanto para os brincantes, quanto para a comunidade triunfense em geral. Em um dos relatos, dona Luiza de Boinho, que era moradora da ladeira que dá acesso a comunidade do Alto da Boa Vista, hoje já falecida, nos coloca:

²³ Hoje faz parte do repertório das Cambindas de Triunfo.

As cambindas saíam todos os dias de carnaval, tinham outros blocos que saíam também, mas quando chegava a terça-feira, que era o dia mais importante do carnaval, todos os outros blocos paravam pra dançar ao som das Cambindas, na rua grande²⁴.
Conversa informal com dona Luiza de Boinho (2013).



Imagem 23 - Descendo a ladeira do Alto da Boa Vista após a realização de um cortejo pela comunidade. Dezembro de 2015. Arquivo: Acervo do grupo. Imagem: Grécia Rejane Nonato de Lima.

Cantavam também para os donos da casa. A seguir um trecho das loas cantadas pela Cambinda Velha, segundo dona Zelita, uma moradora do bairro e irmã de um dos brincantes, Fofon de Nita, hoje ambos falecidos:

Senhor seu Aluízio é um homem de ação
Levanta a bandeira e defende sua nação.

(Trecho cantado pelas Cambindas Velhas. Conversa informal com Dona Zelita em dezembro de 2013).

²⁴ Avenida Getúlio Vargas, conhecida como rua grande, é uma rua do centro da cidade de Triunfo a qual fica localizado o Theatro Cinema Guarany, abrigava a “elite” da cidade na época.

É nessa interação do depoimento dos mais velhos e diálogo com a comunidade do Alto da Boa Vista que as Cambindas de Triunfo atualizam as informações da Cambinda Velha e continuam o seu fazer artístico nos dias atuais.

2.1 – A CIDADE DE TRIUNFO EM PERNAMBUCO

“Triunfo é terra tão bela
 Que só de olhar para ela
 Nasce logo a inspiração,
 Igualzinho uma criança
 Que a gente olha e não cansa
 Triunfo é a esperança
 Que Deus fincou no sertão”
 (Maria Margarete Lima)²⁵

Conhecida por sua beleza que encanta a todos que a visita, a cidade de Triunfo em Pernambuco fica há cerca de 410 km da capital Recife, situada em pleno sertão, porém com um clima diferenciado das outras cidades dessa região. É uma cidade com 1060 metros de altitude e é lá que fica localizado o ponto mais alto de Pernambuco o Pico do Papagaio com 1260 metros de altitude. Triunfo possui sempre um clima muito agradável, sendo bastante frio nos períodos de inverno.

As paisagens que se seguem da capital até chegar ao sertão vão mudando ao longo do caminho, suas cores, vegetação, clima, passando pelo litoral, pelo agreste e posteriormente o sertão marcado pela cor acinzentada, uma vegetação mais seca, um clima quente, tudo isso colaboram para a chegada em Triunfo ser diferenciada.

Ao subir a serra do Brocotó com destino a Triunfo, o clima quente é facilmente substituído por um soprar frio e agradável, a vegetação verde e vistosa já é percebida ao longe, essas imagens fazem gerar os apelidos que são atribuídos a cidade com encanto “Oásis do Sertão”, “Suíça Pernambucana”, são algumas maneiras de se referir a Triunfo.

²⁵ Maria Margarete Lima, poetisa Triunfense, hoje residente na cidade de Recife.



Figura 2 - Mapa de Pernambuco destacando a cidade de Triunfo. Imagem retirada do blog Opinião Triunfo.²⁶

Terra habitada pelos índios Cariris, antes Serra Grande da Ribeira do Pajeú, depois Baixa Verde (LOPES, 2003). Teve seu histórico de mudança de hábitos religiosos com a chegada dos frades, os quais vieram em missão no sentido de catequizá-los, Frei Vidal, o primeiro frade que à Triunfo chegou, levou consigo uma estátua de Nossa Senhora das Dores, esta que até hoje encontra-se na cidade e tornou-se a padroeira. Após um tempo, com a saída do frei Vidal, chega à Baixa Verde outro missionário, Frei Ângelo Maurício de Niza da província de Piemonte – Itália (PÁDUA, 1992).

A pesquisadora afirma também que Frei Ângelo construiu junto com a comunidade uma capela, um cemitério e tratou de legalizar o terreno dos índios, dando início ao processo de fundação da cidade.

Vasconcelos 2020, em um texto escrito para o museu da cidade de Triunfo traz a seguinte informação:

De acordo com Pereira da Costa, em 1820 foi estabelecida uma feira no aldeamento “não somente para animar a agricultura como para facilitar o provimento de gêneros no povoado”. Após o falecimento de Frei Ângelo Maurício de Niza em 1824, devido à falta de liderança, conflitos e cobiça sobre as terras férteis por parte dos colonizadores, os índios foram se dispersando. Apesar das dificuldades impostas,

²⁶ Imagem disponível em <http://opiniaotriunfodigital.blogspot.com/2016/09/triunfo-um-paraiso-em-pernambuco-por.html>

entre os anos 1840 registra-se ainda na localidade a presença de índios remanescentes da missão Baixa Verde. Alguns seguiram para a região dos Cariris Novos, no Ceará.²⁷

Dessa forma, os indígenas foram expulsos das suas terras e suas histórias nessa localidade foram facilmente apagadas, esquecidas e pouco ou nada registradas.

O povoado de Baixa Verde era uma terra próspera, a agricultura começou a se desenvolver, sendo esta o meio de sobrevivência de todos que ali chegavam. Iniciou-se o desenvolvimento de uma feira. A cidade de Flores, a qual este povoado pertencia não ficou satisfeita com esse crescimento do povoado, tentando destruir a feira por várias vezes, mesmo havendo mortes nessas tentativas eles não conseguiram. Dessa luta vencida origina-se o nome Triunfo (LOPES, 2003).

Hoje, com seus 136 anos, Triunfo é uma cidade que tem um povo muito religioso, acolhedor e acima de tudo fazedor de cultura, pessoas que dançam, tocam, cantam, declamam, pintam, convivem com grupos que ao longo dos anos vão fazendo com que essas manifestações continuem, existam, resistam.

Com tantas qualidades, a cidade de Triunfo tem muita facilidade em atrair turistas de vários lugares do Brasil, e também de fora do Brasil, o ano inteiro. “De aldeamento indígena a polo turístico do interior de Pernambuco. No brejo ainda se diz ao descer a serra: “fui ao sertão”. Brejo e sertão se fundem nesse local” (VASCONCELOS, 2018). Um sertão diferenciado, um sertão frio, um sertão de fim de tarde poético, de belezas naturais e culturais.

É sobre esse chão/Sertão que se encontra a comunidade do Alto da Boa Vista, bairro de uma riqueza cultural gigantesca, berço da Cambinda Velha, o lugar que vamos pisar agora.

2.2 – A GENTE POBRE BRINCA MAIS OS NOBRES: O BAIRRO ALTO DA BOA VISTA

O Alto da Boa vista é um bairro que fica situado em uma das partes altas da cidade de Triunfo-PE, sua população é de maioria negra. “Mesmo com as formas de punição, perseguição

²⁷ Texto escrito por André Vasconcelos e exposto em exposição permanente no museu da cidade de Triunfo.

e discriminação pelo colonizador as práticas artísticas negras permanecem na contemporaneidade com modos reinventados e novos significados.” (CONRADO, 2017.)

O matadouro de gado da cidade por muitos anos foi localizado no referido bairro, motivo pelo qual por muito tempo recebeu o apelido matança, muitas vezes usado de forma pejorativa.

Em um dos relatos Dona Maria do Socorro da Silva Santos, conhecida como Dona Preta nos fala um pouco sobre esse tratamento de algumas pessoas do centro da cidade com as pessoas do Alto da Boa Vista. “O defeito deles é por que só trata aqui em cima como “A matança”, por que existiu um matadouro antigamente, não é obrigado o pessoal dizer aqui é a matança não, por que matança é naquele local que mata gado”.

A comunidade do Alto da Boa Vista tem em sua história as marcas fortes do preconceito vivido ao longo dos anos. Era muito comum as pessoas da cidade se referirem as pessoas do Alto da Boa Vista como: “Os negos da matança”. Para os geneticistas pode não existir raça, pois ela existe sim, na cabeça dos racistas e para as pessoas que vivem esse preconceito no seu dia a dia. MUNANGA (2006) os moradores do referido bairro muitas vezes foram proibidos de entrar em alguns ambientes sociais da cidade como o Theatro Cinema Guarany²⁸ e a STC – Sociedade Triunfense de Cultura²⁹.

Dona Preta, nos conta ainda sobre essas marcas deixadas ao longo dos anos.

Existiu preconceito sim e muito, principalmente ali naquela rua grande, que o povo só tratava a gente aqui do Alto como as nêga da matança, uma turminha alí que se juntava nas portas, o povo só falava aqui do Alto que só tinha mulher que não tinha o que fazer e ficava nas portas falando da vida alheia, enquanto isso era na rua grande. O preconceito era assim, na cara, muitas vezes eu via as mulheres comentando, até que uma vez eu passei na porta de uma que falou que as nêga da matança não tinham vergonha de passar na calçada delas pra ficar poluindo. (Entrevista concedida por Maria do Socorro da Silva Santos em 22 de outubro de 2020.)

²⁸ O Theatro Cinema Guarany é um ícone do audiovisual e das artes cênicas, localizado no centro da cidade de Triunfo, teve sua construção em 1922, pelos irmãos Manoel e Carolino de Siqueira Campos. Hoje é administrado pelo governo do estado através da FUNDARPE.

²⁹ O STC – Sociedade Triunfense de Cultura é um clube, localizado no centro da cidade, era o local onde aconteciam várias festas tidas como importantes.

É nesse contexto social que se insere as cambindas, cheias de marcas das vivências, dos preconceitos vividos, das lutas no dia a dia e, contudo, não deixa de ser uma comunidade que acolhe pessoas e tem uma história de proliferação cultural imensa. A seguir, relato de uma moradora do bairro e sua chegada a essa comunidade.

Eu sou Francisca Caitano da Silva, moro no Alto da Boa Vista, antes de eu vim morar aqui eu morava no sítio Lagoa dos Marianos, ai depois participando de uma comunidade, as mães mais dona Nair arrumaram uma casa pra mim pra eu poder vim morar aqui, pra meus filhos terem acesso à escola e aprender o que eles sabem hoje. Quando eu cheguei aqui, as famílias que moravam aqui era a família dos Zuza, a família dos Rufino, a família de seu Sousa e a família do pessoal do Carmo e mais outras famílias que já se foram. Dona Cota também morava aqui já faleceu, e outras famílias e foi assim que eu arrumei um canto pra ficar aqui na rua, ainda hoje que eu resido aqui na mesma casa, no mesmo endereço e agradeço muito a essa comunidade aqui do Alto que foram muito boa comigo, muito maravilhosa, que arrumaram essa casinha pra mim que ainda hoje eu estou aqui, graças a Deus, criei meus filhos aqui nessa casa. (Entrevista concedida por Francisca Caitano da Silva em 16 de outubro de 2020)

E assim essa comunidade guarda consigo muitos mistérios a serem desvendados, estudados, pesquisados, compreendidos, vividos... entre eles está a Calunga, com sua presença marcante na manifestação e seus fortes significados nesta brincadeira. A seguir trarei sua representatividade para as Cambindas de Triunfo, no contexto atual.

2.3 - A CALUNGA NO FAZER DAS CAMBINDAS DE TRIUNFO

Figura vistosa, forte e com uma presença muito marcante dentro da manifestação cultural Cambindas, a Calunga, conduzida pela Nêga Véia, é passada apenas para as mãos das donas das casas que as recebem para dançar em frente a suas residências ou outras mulheres para as quais a Nêga Véia deseja entregar, e depois retorna as mãos da sua condutora.

Para Conrado (2013, p.116), escolher a Calunga para representar a ancestralidade africana nos cortejos de Maracatu Nação é representar a própria resistência cultural dos povos negros africanos e seus descendentes brasileiros. É importante salientar que nas Cambindas de

Triunfo, a Calunga é sempre entregue a mulheres, com mais idade, com aspecto de muitos anos vividos.

Sendo a apresentação um cortejo, para-se em frente a uma casa escolhida pelo grupo, enquanto o grupo dança e canta nesse lugar escolhido, espera-se a saída dos moradores da referida casa, ao identificar a matriarca, esta recebe a Calunga das mãos da Nêga Véia, ao se aproximar o fim desta apresentação a Nêga Véia novamente reporta-se a matriarca para pegar a Calunga de volta. Para Neves (2015), a Calunga pode se referir tanto a boneca, quanto a pessoa que a conduz. Com esse gesto ela agradece, despede-se e segue para a próxima casa escolhida. O ritual é repetido em quantas casas o grupo decidir parar. “A arte cria seus próprios códigos” (CONRADO, 2013).



Imagem 24 - A Calunga entregue a dona da casa em um momento de apresentação em frente à sua residência. Cortejo pelo Bairro da Saudade, carnaval de 2018. Imagem: Acervo do Grupo Cambindas de Triunfo.

Quando a apresentação é realizada em teatros, praças ou outros ambientes que não sejam especificamente uma residência, o ritual acima detalhado acontece de forma diferente, porém, a Calunga não deixa de ser entregue a alguém. Nas duas primeiras estrofes da música a Nêga Véia discreta e atentamente procura identificar no grupo presente a mulher mais idosa, esta para a ocasião representa a matriarca, e assim passa a apresentação segurando a Calunga, ao final novamente ela é entregue a Nêga Véia, a qual aguarda até a próxima apresentação, para que todo esse ritual possa ser realizado novamente.

Na escola Alfredo de Carvalho, na qual estudei e fiz parte do grupo de Cambindas nos anos de 1998 à 2002, nós nunca realizamos esse formato de cortejo, sempre nos apresentávamos na praça central da cidade de Triunfo que é chamada de Praça Carolino Campos ou em outras escolas, e nos distritos de Canãa e Jericó, também nunca passamos nas casas, porém esse mesmo ritual de entrega era realizado nas apresentações.

A seguir, imagens do momento da entrega da Calunga. Na primeira imagem sou eu sendo a Nêga Véia, Grupo da escola Alfredo de Carvalho, folclore de 1998, cidade de Triunfo-PE. Na segunda imagem, observa-se a Nêga Véia do Grupo Cambindas de Triunfo – Raiany de Oliveira Moraes, cortejo realizado na comunidade do Alto da Boa Vista no carnaval de 2018.



Imagem 25 - Folclore de 1998 – Praça Carolino Campos. Grupo de Cambindas da Escola Alfredo de Carvalho.
Nêga Véia: Daiane Nonato. Fonte: acervo pessoal.



Imagem 26 - Carnaval de 2018 – Cortejo realizado na Comunidade do Alto da Boa Vista. Grupo Cambindas de Triunfo. Nêga Véia: Raiany Morais. Fonte: Acervo – Grupo Cambindas de Triunfo.

Ao entrar para uma apresentação, eu – Nêga Véia, cuidadosamente olhava pelo espaço na intenção de localizar essa mulher, aparentemente com mais idade, de preferência com um semblante acolhedor.

Quando iniciamos a re_invenção no ano de 2012 essas informações também foram passadas, e a estratégia que nós utilizamos até hoje para a escolha da Nêga Véia e também da porta estandarte é pensar não só em questões técnicas e desenvoltura na dança, mas também outras atribuições inerentes à pessoa como: compromisso com o grupo, responsabilidade, pontualidade. De acordo com Conrado (2013, p.116) no Maracatu Nação o estandarte vai à frente, abrindo não só as ruas, mas também os caminhos na vida dos brincantes. Nas Cambindas o estandarte também vai à frente do cortejo, porém, nunca a frente da Nêga Véia, nesse caso quem abre esses caminhos são a Nêga Véia e sua Calunga.

2.4 – TODO MUNDO ME DIZIA QUE AS CAMBINDAS NÃO SAÍAM – QUESTÕES SOCIAIS DA ÉPOCA

Nossa bandeira é feita de ouro
 Tá um desadouro
 Nós quer é brincar

A gente pobre brinca mais os nobre
 Só falta os cobre
 Pra nós se acabar
 (Loa da Cambinda Velha)

Ouvir falar em Cambindas era algo que remetia apenas a tempos bem distantes. Lembrar as pessoas que contribuíram para a ampliação dessa manifestação era percorrer pelas memórias daquela comunidade como algo vivido, brincado e deixado no passado, não mais acessado, até cair nas inquietações de pessoas que não se contentavam em deixá-las apenas como lembrança, uma recordação boa que ainda corre nas veias dessa população, registros que vem à tona toda vez que se ouve falar em pessoas que foram fundamentais para essas vivências. João Rufino, João de Pastora, Fonfon de Nita, são apenas algumas personalidades da comunidade que fizeram história e deixaram um belo legado a essa população. Possivelmente a atuação dessas pessoas já era uma forma de resistência dentro do contexto social em que eles se encontravam - a comunidade do Alto da Boa Vista - bairro marginalizado da cidade, tendo na época notadamente essa discrepância nas relações com as pessoas do centro da cidade, comunidade de maioria negra, classe social baixa. Nas loas também era possível identificar esses atos de resistência quando diziam:

Todo mundo me dizia
 Que as Cambindas não saíam
 As Cambindas Estão na rua
 Com prazer e alegria.
 (trecho das loas da Cambinda Velha)

Em um dos diálogos que oportunamente tivemos com Dona Zelita ela nos relatava também essas diferenças existentes, “Sim, as Cambinas quando tava na hora delas descer, esse povo rico lá de baixo subia tudo aqui pra cima, pra descer com as Cambinas”. (Dona Zelita, conversa informal em dezembro de 2013.)

Eu não sei por que danado

Esse povo do passado
 Fazia tanta questão
 Questão de ser melhor
 Questão de ter mais
 Se no final das contas
 Nada disso importa
 O que importa mesmo
 É o que se deixa de valor
 Um valor cultural
 Um Valor ancestral
 E esse valor que eu falo
 O povo lá do Alto sabe
 E vive isso com todo respeito
 Passando para os mais novos
 Aquilo que bate no peito
 E é o que faz sentido pra nós.
 E eu fico me questionando
 Será mesmo que esse passado já passou?
 Por que parece mesmo que ele se disfarçou
 A falta de valorização e respeito
 continuam latentes
 Mas não enganam mais a gente
 E a comunidade já sabe o seu valor.
 (Poema da autora)

Importante ressaltar que, apesar de toda diferença social e formas de preconceito vividas, não eram intimidados ou barrados em suas criações e vivências artísticas e culturais. Atrevo-me a dizer que na minha percepção o Bairro Alto da Boa Vista é o bairro mais rico da cidade de Triunfo, culturalmente falando, de lá sempre surgiam as manifestações culturais que abrilhantam as festas tradicionais da cidade. Citando rapidamente para ilustrar, me vem à memória: escolas de samba, Caretas, Cambindas, artesãos, músicos, poetas...



Imagem 27 - Escola de Samba – Alto da Boa Vista – Década de 1990

Imagem: Acervo Nildo Mocotó³⁰



Imagem 28 - Caretas de Triunfo. 19/04/2019. Imagem: Diário de Pernambuco³¹

Apesar das dificuldades, os movimentos culturais apropriam-se do espaço em que vivem criando outro sentido; desconstruíam o estigma que pesava sobre a periferia como o lugar sem memória. (AZEVEDO, p.39, 2019.)

³⁰ Manoel Nildo Gomes de Pádua conhecido como Nildo Mocotó é um triunfense, amante da cidade e divulgador da sua cultura, possui um acervo riquíssimo de peças antigas e fotografias, conhecedor da história de Triunfo, dono de um bar no centro da cidade o qual parte dele abriga alguns dos seus materiais e histórias triunfenses.

³¹ Imagem disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/turismo/2019/04/conheca-a-historia-do-careta-figura-popular-triunfense.html>

E assim, nas entranhas daquela comunidade, ao invés de ver pessoas cabisbaixas e enfraquecidas pelos preconceitos vividos na pele dia após dia, anos após anos, se vê pessoas que criam, recriam, fazem das suas vivências um brinquedo popular e colaboram de forma vigorosa para a riqueza cultural da cidade.

2.5 – REPRESENTANTES DAS CAMBINDAS

Várias foram às épocas e muitas foram as pessoas que contribuíram com a manifestação Cambindas. Trarei agora algumas pessoas que foram importantes para a continuidade e que possibilitaram a re_invenção das Cambindas na cidade de Triunfo ao longo dos anos.

De acordo com as pesquisas de dona Maria Helena Pádua, o Senhor Luiz Miguel filho de Santana fateira³² foi quem deu início a essa brincadeira por volta de 1913, porém já não encontramos mais informações sobre ele dentro da comunidade do Alto da Boa Vista.

Ainda segundo dona Maria Helena Pádua, após a morte do senhor Luiz Miguel, João de Pastora e José Maleiro deram continuidade aos trabalhos com o grupo.

As informações mais recentes é que seu João Rufino coordenou o grupo e foi a nêga véia por muito tempo.

³² Fateira – nome dado às mulheres que se ocupavam no tratamento das vísceras ou intestinos (fatos) dos animais abatidos nos matadouros.



Imagem 29 - Senhor João Rufino – Arquivo pessoal de Nildo Mocotó

Junto a seu João Rufino tinha também Fonfon de Nita, irmão de dona Zelita



Imagem 30 - Fonfon do lado direito da foto, ao lado de sua esposa Nita em um momento festivo com a família. Imagem do acervo de Nildo Mocotó.

Dona Zelita, foi de grande importância para a re_invenção das Cambindas, sempre nos recebia em sua casa no Alto da Boa Vista e nos contava com detalhes o que ela lembrava. Dançava, cantava as loas, sua sabedoria nos enchia de encanto e curiosidade por saber mais. Acredito ter surgido dessas conversas com dona Zelita a vontade e a necessidade de se voltar para esta comunidade, atribuir-lhe seu devido valor e importância no cenário cultural da cidade.



Imagem 31 - Dona Zelita em um dos encontros com as Cambindas de Triunfo em cortejo pelo Alto da Boa Vista – dez. 2015. Imagem: Grécia Rejane Nonato de Lima.

A Imagem acima (com dona Zelita) foi de um cortejo realizado pelo grupo em dezembro de 2015, para celebrar o término de mais um curso de Cambindas, ministrado para crianças e adolescentes de Triunfo e como ritual de entrada dessas pessoas como integrantes oficiais do grupo. Nada mais importante do que esse ritual ser realizado lá, dentro da comunidade, sentindo a energia e sabedoria daquelas pessoas, daquele lugar onde a ancestralidade grita em cada pedra daquele chão. De acordo com Santos (2015) a cultura brasileira é alicerçada na continuidade de uma ancestralidade a qual é transmitida aos mais novos através da oralidade.

Imaginar que de lá partiam todos os anos A CAMBINDA VELHA para realizar suas brincadeiras, suas danças, seus batuques e suas festas é algo que vem nos movendo a continuidade das Cambindas, entendendo que só estando lá e participando de uma sambada naquele lugar para sentir a energia que circula.

A partir desse dia se tornaram constantes os contatos das Cambindas de Triunfo com a comunidade do Alto da Boa Vista, todos os anos realizamos cortejos pelo bairro visitando o máximo de casas possíveis. Além dos cortejos e apresentações, também realizamos ensaios abertos no terreiro da casa de Neta, que é uma moradora antiga e todas as vezes que chegamos para dançar em seu terreiro ela veste sua melhor roupa e vem ao nosso encontro para conduzir a Calunga, assim como dona Carminha que também se aproxima e se torna a nossa porta estandarte.



Imagem 32 – Dona Neta participando do cortejo das Cambindas pelo Alto da Boa Vista com a Calunga e dona Carminha com o estandarte. Arquivo: Acervo pessoal do grupo. Imagens: Daiane Nonato.



Imagem 33 - Participação das duas moradoras do bairro no cortejo das Cambindas de Triunfo 2019 – Dona Neta com a calunga, - Dona Carminha com o estandarte. Arquivo: Acervo pessoal do grupo. Imagens: Daiane Nonato.

Como símbolo de continuidade e representação das cambindas, temos também a escola Alfredo de Carvalho que desenvolveu projetos e teve duas participações marcantes e importantes nesse processo. A primeira na década de 1980 e a segunda na década de 1990, momento em que eu sou inserida no processo – falei sobre isso na primeira parte.

Ainda na tentativa de continuidade com as Cambindas, o Grupo Ambrosino Martins na década de 1990 que também realizou uma pesquisa acerca das cambindas e a manteve em movimento por alguns anos. Além de Cambindas, o grupo se apresentava com coreografias de outras danças como: ciranda, caboclinhos, coco.



Imagem 34 - Grupo de Dança Ambrosino Martins, figurino da coreografia de Ciranda. Década 1990, imagem do acervo pessoal do Grupo.

Mais uma memória que temos, outro grupo que no final da década de 1990 dançou as Cambindas, mais precisamente nos anos de 1999 a 2002, conduzidas por Iranildo Miguel da Silva, conhecido como Iranildo da Lage.

O grupo saía do sítio Lages localidade em que as brincantes e os brincantes residiam, apresentavam-se sempre nas programações da cidade. Importante registrar que esse grupo se denominava CAMBINA, uma variação da palavra CAMBINDAS, como eram chamadas por alguns moradores.

A seguir, imagens do Grupo Viva as Cambinas em uma das apresentações na Praça Carolino Campos, em Triunfo/PE.



Imagem 35 - Grupo de Dança Viva as Cambinas – Sítio Lages, Triunfo-PE.
Imagem: Acervo pessoal de Iranildo Miguel da Silva



Imagem 36 - Iranildo Miguel coordenador do Grupo de Dança Viva as Cambinas – Sítio Lages, Triunfo-PE.
Imagem: Acervo pessoal de Iranildo Miguel da Silva



Imagem 37 - A frente do Grupo Iranildo da Lage condutor do Grupo Viva as Cambinas.



Imagem 38 - Grupo Viva as Cambinas – Sítio Lage, Triunfo-PE, em atividades de 1999 a 2002. Imagens cedidas por Iranildo Miguel da Silva.

A seguir trataremos das formas de aparição do grupo nas ruas, as características dos cortejos e as maneiras de contatos que esses cortejas proporcionam.

2.6 – PISANDO NO CHÃO DE PEDRA: CARACTERÍSTICAS DOS CORTEJOS

Ao saírem às ruas as cambindas eram aguardadas por toda a população, certamente o bloco mais animado e esperado da época, de longe já se ouvia os sons dos seus instrumentos, a zabumba e o triângulo eram partes importantes nos cortejos.

Saindo do Alto da Boa Vista, existia toda uma expectativa à espera da nêga véia, seu João Rufino se preparava para sair, usando sua saia de chitão, turbante na cabeça, rosto e braços pintados, ele usava uma mistura de carvão e óleo, essas informações foram nos passadas por dona Maria moradora do Bairro e irmã de dona Preta, ainda segundo ela a Nêga Véia se pintava com um preto tão preto que seu rosto e braços brilhavam. Adultos e crianças o aguardavam nas calçadas das casas e esquinas das ruas, a Calunga em suas mãos. Todo esse ritual indicava que as cambindas estavam a postos para saírem às ruas.

Os demais que dançavam eram chamados de baianas, então as baianas formavam duas filas indianas, a nêga véia ia à frente com sua Calunga vistosa e ao seu lado, ia à porta estandarte, mas que também tinha a possibilidade de transitar mais livre pelo espaço, trazendo o estandarte com o nome do grupo, tendo o nome destacado com areia prateada (PÁDUA, 1992, p.47).

Chegando às casas, a nêga véia pedia licença e abria os caminhos para o grupo entrar, cantava para os donos da casa e se dirigia até a dona da casa para entregar sua calunga (PÁDUA, 1992, p.47). Cantavam, dançavam, criavam loas de improviso e ao finalizar a apresentação a nêga véia novamente se reportava a dona da casa, agradecia pelo espaço cedido e pegava a calunga de volta para irem a outras residências.

Esse ritual era repetido em todo o percurso que as Cambindas realizavam seu cortejo. Ainda segundo a pesquisadora Maria Helena Pádua, essa dança era possivelmente de origem africana. Ligiéro (2011, p.144) afirma que “A proliferação de celebrações afro, calcada em modalidades específicas de batuque – dança – canto, com suas linguagens, deuses e ancestrais próprios, possibilitou a perpetuação de muitas tradições”.

Bião 2000, nos traz com o conceito de matrizes estéticas.

A noção de matriz estética [...] tem como base a ideia de que é possível definir-se uma origem social comum, que se constituiria, ao longo da história, numa família de formas culturais aparentadas, como se fossem ‘filhas de uma mesma mãe’, identificadas por suas características sensoriais e artísticas, portanto estéticas, tanto

num sentido amplo, de sensibilidade, quanto num sentido estrito, de criação e de compreensão do belo (BIÃO, 2000, p.15).

Esse formato de cortejo funciona como um corpo todo interligado, o qual sem essas partes individuais (pessoas, “figuras – Nêga Véia, Calunga, Porta Estandarte”, batuqueiros, baianas) não formaria esse corpo, a forma como se organiza no espaço permite que haja uma relação que conecta as pessoas no grupo em si e as conectam também com as pessoas que apreciam a passagem do cortejo.

As Cambindas de Triunfo ao longo desses anos de re_invenção vem pensando esses formatos e esses contatos em suas maneiras de aparição, entendendo a importância dessa relação Grupo/Grupo, Grupo/Público, como forma de dialogar e permitir a continuidade do seu processo.



Imagem 39 - Organização para saída do cortejo: As baianas se organizam em duas filas indianas, a Nêga Véia, Calunga e Porta Estandarte vão entre as duas filas à frente do cortejo, atrás das baianas vem os batuqueiros. Imagem do acervo pessoal do Grupo. Cortejo pelo bairro da Saudade – carnaval 2018.

Enfatizo ainda que não sabemos quando a Cambinda Velha deixou de sair às ruas, essa informação seria importante para entender as suas vivências dentro de uma historiografia, porém como afirma Chantier:

O destino historiográfico da cultura popular é portanto ser sempre abafada, recalçada, arrasada, e, ao mesmo tempo, sempre renascer das cinzas. Isso indica sem dúvida, que o verdadeiro problema não é tanto datar seu desaparecimento, supostamente irremediável, e sim considerar, para cada época, como se elaboram as relações complexas entre formas impostas, mais ou menos constrangedoras e imperativas e identidades afirmadas, mais ou menos desenvolvidas ou reprimidas. (CHANTIER, 1995, p. 181).

No fazer atual das Cambindas de Triunfo procuramos inserir a comunidade do Alto da Boa Vista na sua re_invenção, entendendo a importância da comunidade, daquele chão, daquelas pessoas para a identidade do grupo e formação na arte dos seus brincantes.

Na parte três tratarei sobre as Andanças pela trilha das Cambindas, falarei sobre o campo, estar na comunidade e o contato com os moradores do Alto da Boa Vista, apresentarei o estandarte metodológico. E com grande prazer vamos fazer uma visita à comunidade conhecendo as Guardiãs do Saber, mulheres que foram e são fundamentais para a re_invenção. Nessa visita, em que traço um mapeamento, será possível conhecer suas residências através das imagens.

3. DOS ENCONTROS: ANDANÇAS PELA TRILHA DAS CAMBINDAS

A entrada na terceira parte demarca também a minha entrada na comunidade do Alto da Boa Vista, marcada pela busca de entender a rotina das pessoas, suas histórias, seus entendimentos acerca da Cambinda Velha e das Cambindas de Triunfo. E as crianças? Do que gostam, como se relacionam entre si e com as tradições culturais do bairro, seus entendimentos, seus pertencimentos, suas ações naquele universo cultural.

Em alguns momentos trarei o texto de forma narrativa sobre a minha experiência, fazendo parte dos meus diários de campo, trarei meu estandarte metodológico que está articulado com uma perspectiva metodológica da etnografia por meio das entrevistas, mas também busco partes da história da Cambinda Velha para dialogar com as Cambindas de Triunfo, constituindo uma historiografia na necessidade e urgência de tratar de uma história apagada, invisibilizada. Constitui-se enquanto pesquisa qualitativo-artística com ações práticas dentro da comunidade. Em relação as entrevistas a maioria delas se encontra nos apêndices e as que não foram gravadas e/ou transcritas serão citadas no texto como conversa informal.

Constitui-se também como pesquisa-ação pois propus aulas nesse lugar, e por meio das histórias de vida, da percepção da comunidade, observando o cotidiano das pessoas, conhecendo a forma e espetacularização com que a Cambinda Velha se organizava e saía as ruas, trazendo também princípios da etnocenologia para permear as buscas. Esses princípios consistem na contextualização das Cambindas, na identificação de elementos estéticos e na valorização dos saberes locais no combate ao etnocentrismo cultural (AMOROSO, 2021). E, enquanto pesquisadora implicada, procurei fazer a relação dessa comunidade com o processo de re_invenção. Como modo de entender os procedimentos metodológicos da minha pesquisa, organizei, então, um desenho em formato de estandarte, o qual está sempre à frente nos cortejos das Cambindas:

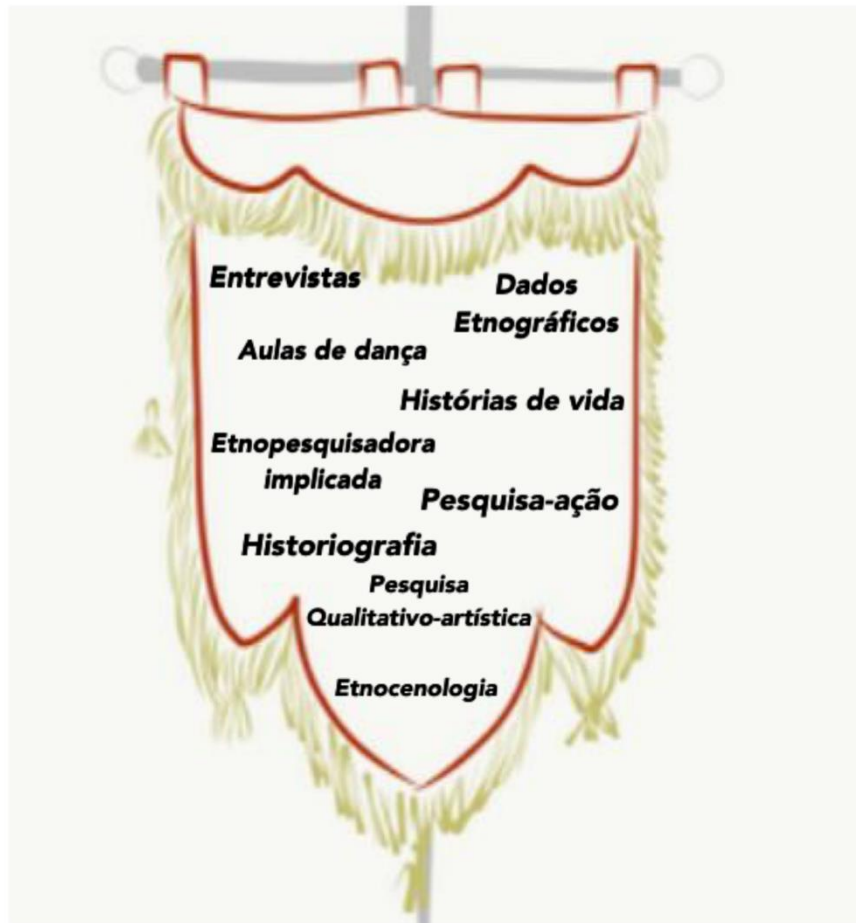


Figura 3 – Estandarte metodológico. Desenho artístico de Ana Carolina Cardoso – Anacah³³.

Nas andanças em busca de descobertas e entendimentos sobre as Cambindas, lanço-me a subir a ladeira do Alto da Boa Vista, Bairro localizado na cidade de Triunfo, no sertão pernambucano, para ver as pessoas, encontrar-me com elas, conversar, ouvir, estar junto.

Nesse estar junto, em 28 de janeiro de 2019, tomei a decisão de caminhar, meu destino estava bem definido, Alto da Boa Vista era minha meta, subindo, subindo, cheguei a uma pracinha que fica bem no centro do bairro, lá me deparei com dona Maria do Socorro, conhecida

³³ Ana Carolina Cardoso é uma artista, quadrinista, ilustradora, minha amiga que acompanha o trabalho e as vivências das Cambindas desde 2015, foi a pessoa que criou a arte para um curso sobre Cambindas neste mesmo ano e por seu conhecimento e sensibilidade ao tema criou o desenho do estandarte para compor o estandarte metodológico.

por todos como dona Preta, e várias crianças que brincavam e fantasiavam juntas, com os mais variados materiais: mantas, bonecas, mesas, cadeiras... Sentei-me ao lado de dona Preta e nós duas começamos a observar uma ventania que se formava; o céu começou a escurecer, era por volta das 15h e a ventania tomou conta da rua; ajudamos as crianças a recolherem seus brinquedos e, tal como elas, corremos para escapar da ventania forte que levantava poeira, derrubava telhas de algumas casas e sacudia com muita rebeldia algumas gaiolas que estavam penduradas nas áreas das casas. Logo começou a chover, chuva forte, muita ventania, eu não tinha como voltar para casa naquele momento, nem estava preparada para enfrentar tamanha chuva. Dona Preta, gentilmente, acolheu-me em sua casa e, a partir daí, tivemos uma longa conversa. O melhor de tudo era que todas aquelas crianças que estavam brincando na pracinha poucos minutos antes da ventania nos acompanharam, eram todas parentes bem próximas de dona Preta: sobrinhas, netas. Sentamos no sofá de sua residência, com várias crianças em volta, o som da chuva forte caindo lá fora e nós conversando, trocando e ensinando... foi uma cena linda de se vê.

Nessa conversa toda, o que nos unia eram As Cambindas. Dona Preta, nascida e criada no Bairro Alto da Boa Vista, filha de seu Zuza (já falecido). Seu Zuza, também morador do Alto da Boa Vista, apesar de ter sua maior história como brincante e incentivador dos Caretas de Triunfo³⁴, também brincou com as Cambindas e acompanhou muitos cortejos que se concentravam e saíam de próximo de sua casa para desfilar pelas ruas triunfenses.

Dona Preta nos contava que, desde muito pequena, acompanhava toda a movimentação dos homens do bairro se preparando para a saída do cortejo das Cambindas. De forma bem curiosa, ela nos contava o ritual que seu João Rufino, que era a Nêga Véia à época e que organizava e conduzia todo o cortejo, realizava para se trajar. Segundo dona Preta, e dona Maria, sua irmã, ele fazia uma mistura de óleo e pó de carvão e passava no rosto e em todas as partes do corpo que ficavam expostas; para ela, essa era a imagem mais forte que vinha a sua mente, que à época era uma criança, a cena de seu João Rufino saindo de dentro de sua casa, pintado de um preto tão preto que brilhava; sua saída, trajado de Nêga Véia, indicava que a brincadeira estava apenas começando.

³⁴ Caretas de Triunfo, manifestação popular surgida também no Bairro Alto da Boa Vista, são mascarados que animam os carnavais triunfenses, saem em grupos chamados de trecas, usam roupas coloridas, chapéu de palha enfeitado com fitas, relhos, que parecem chicotes e uma tabuleta pendurada nas costas com frases satíricas e chocalhos, chamam a atenção de todos por onde passam.

Chega o momento em que por horas as classes sociais distintas parecem se aproximar, o Bairro Alto da Boa Vista, composta por uma população de maioria negra, classe média baixa, com sua cultura, tem o poder de atrair pessoas das demais classes sociais para compartilhar com eles de um fazer artístico em forma de brinquedo popular, o qual seus ancestrais se fazem presentes o tempo inteiro por meio dos rituais, das memórias e do movimento dos corpos, atos de resistência que se estabelecem a todo instante.

Freire (1996, p.78) afirma que no fundo as resistências orgânica e /ou cultural são manhas necessárias à sobrevivência física e cultural dos oprimidos. Esta força com que estes guerreiros criavam e mantinham suas tradições é o que nos dá possibilidades de sua re_invenção com toda reverência àqueles que dedicaram anos de suas vidas na proliferação de uma cultura.

Ao ouvir os detalhes e ao perceber a empolgação com que dona Preta nos contava sobre as Cambindas, percebi-me tão encantada quanto aquelas crianças que estavam entre nós – seus olhares eram fixos e atentos a cada informação que nos era passada. Observá-la contar me fez perceber o quanto é forte para essa comunidade falar e vivenciar algo criado ali, criado e desenvolvido pelos seus, ainda que hoje não haja mais tanto fervor e latência dentro da comunidade.

No meio da conversa as crianças também começaram a interagir, a perguntar. Dona Maria, irmã de dona Preta, juntou-se a nós para nos contar as suas lembranças. Foi uma rica e longa tarde de chuva, ventania e boas conversas. Elas também tiveram interesse em saber como se dá o trabalho realizado no Grupo Cambindas de Triunfo. Por coincidência, dona Maria, foi a pessoa que confeccionou o primeiro figurino para o atual grupo Cambindas de Triunfo, em 2012, motivo pelo qual a conversa ainda resultou muito “pano pras mangas”.



Imagem 40 - Imagem da 1ª apresentação em 06 de Maio de 2012 – Theatro Cinema Guarany. Figurino: Maria da Penha Silva. Imagem: Maycon Jonathan



Imagem 41 - Cortejo Natalino promovido pelo SESC Triunfo, em 16 de dezembro de 2012. Figurino: Maria da Penha Silva, Imagem: José Morais.

O atual grupo Cambindas de Triunfo inicia sua história no ano de 2012, através da aprovação de um projeto pelo FUNCULTURA (Fundo de cultura do estado de Pernambuco), projeto este lançado por um ex-morador do Bairro Alto da Boa Vista, chamado Lúcio Fábio,

hoje produtor cultural na capital Recife. O referido projeto teve duração de 2 meses e, desde o início, sua fundamentação foi cunhada em um fazer pedagógico, capaz de despertar a autonomia para o desenvolvimento das crianças e adolescentes. Isso, pois, conforme Freire, (1996, p. 47) ensinar não é transferir conhecimento, mas, criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção, pensando com respeito naqueles que tiveram o interesse em estar conosco nesse processo de re_invenção, estudando todo o artifício que essa tradição se reinventa ao longo dos anos, entender como surgiu e como vem se estabelecendo. (HOBSBAWM, 1997).

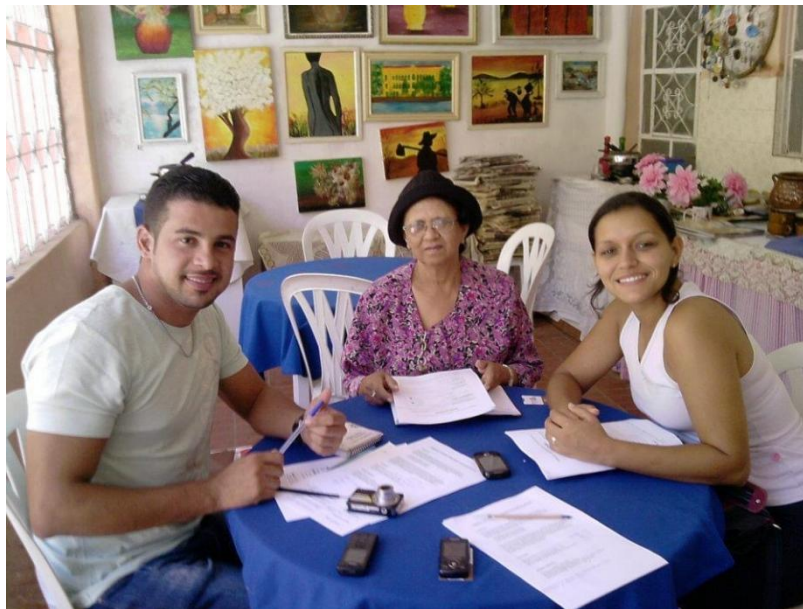


Imagem 42 - Reunião para articulação do andamento do Projeto: Cambindas de Triunfo resgatando a cultura de um povo. Produtor Cultural: Lúcio Fábio, Historiadora: Diana Rodrigues, Professora de Dança: Daiane Nonato. Janeiro/2012, imagem: Jéssica Caitano.

Finalizados os dois meses, todos, inclusive os educadores³⁵ que compunham a equipe, não tinham mais como se desfazer do que haviam vivido naquele período e, a partir desse momento, sem incentivo financeiro, decidimos seguir, pois o valor da nossa cultura compartilhada em nossos corpos falava mais alto. Desde então, seguimos nossa história dançando, cantando e batucando. Esse trio, segundo Ligiéro (2011, p.155) é à base de distintas celebrações afro-brasileiras, tanto em festejos religiosos como não religiosos um dos exemplos é o carnaval.

³⁵ Para a realização deste projeto, foram convidadas as seguintes educadoras: Diana Rodrigues, professora aposentada, historiadora da cidade. Jéssica Caitano, compositora, cantora, percussionista moradora do Bairro Alto da Boa Vista. E eu, Daiane Nonato, professora, bailarina, coreógrafa e brincante das Cambindas desde 1998.

De imediato, foram ajustadas informações sobre o local, dias e horários de encontro do grupo. As crianças, eufóricas, despertaram o interesse em participar e no dia seguinte lá estavam elas: Estéfanny, Lívia, Mirela e Laura, já chegaram dançando, as Cambindas correm em suas veias desde berço.

E nessa caminhada, pouco a pouco, as Cambindas compartilham seu espaço, geram trocas, conhecimentos, entregas, os corpos construindo e dinamizando a história, compartilhando a memória, constituindo vivências, aproximando gerações e fazendo a vida fluir.

Tal fluência está aliada à continuidade, fazendo ampliar os encontros com a nossa ancestralidade, garantindo uma presença por meio da cena, do fazer artístico. Nesse sentido, Santos, 2017 coloca que:

O universo simbólico e mítico dos ancestrais expressa conhecimentos da natureza, acumulados desde os primórdios da civilização, e que, realizados no mundo contemporâneo, possibilitam, cada vez mais, uma renovação da existência e a expansão da vida.

É com base nos ensinamentos acima delineados que nos debruçamos, nesse saber ancestral, recriando, envolvendo a comunidade, dando prosseguimento, celebrando, cantando e mantendo cada vez mais a chama que nos aproxima das nossas memórias, dos que nos constituem, daqueles que nos atravessam e nos compõem enquanto sujeitos brincantes e continuadores dessa manifestação.

3.1 – O CAMPO - SEUS DESAFIOS, CANTOS E ENCANTOS.

A opção metodológica nesse momento está conectada com a etnopesquisa, pensando na minha ação enquanto etnopesquisadora implicada, tendo uma atuação direta na comunidade, com aulas semanais de dança, percussão e música das Cambindas, agindo com uma observação participante ativa. Macedo (2006) afirma: “na observação participante ativa, o pesquisador se esforça em desempenhar um papel e em adquirir um status no interior do grupo ou da instituição que estuda, o que lhe permite participar ativamente das atividades como um membro aceito.” Estando nesse campo, não somente com as aulas, mas também com o contato direto com as

pessoas, caminhando pelas ruas do bairro, sentando nas calçadas, conversando, entrevistando, entendendo, vivendo.

Adentrar na comunidade do Alto da Boa Vista, com a intenção de buscar relatos, identificar possíveis resquícios nos corpos e nas mentes daquele povo da manifestação popular Cambindas, estabelecer diálogos entre a re_invenção dessa manifestação e os moradores do bairro, perceber como se perdeu o processo de transmissão dentro dessa comunidade, pode contribuir no entendimento dos processos desta manifestação ao longo do tempo. A tradição repassada às novas gerações é um fenômeno intrínseco como ocorre com a cultura popular salvaguardando estes costumes da extinção (DE CERTEAU e DOMINIQUE, 1989).

Abordar esses assuntos é mergulhar nas peculiaridades e intimidades de grupos sociais, pois essas manifestações estão ligadas às vivências das comunidades. Entender sobre uma dança e seus modos de articulação é entender também como a comunidade se organiza e como acontecem às relações nesse ambiente, como vivem. Esse modo de entender o contexto de uma dança é um princípio metodológico da etnocologia (AMOROSO, 2010).

As influências das relações sociais sofridas pelo acelerado processo de globalização, processo este que impacta diretamente no avanço tecnológico, nas formas de comunicação cada vez mais virtuais, impactando nos encontros presenciais, no contato corpo a corpo. E é nesse contato que há a troca de conhecimento e fortalecimento das transmissões das manifestações populares, bem como das suas memórias para as novas gerações que não tiveram a oportunidade de vivenciá-las. O mundo social é possuidor de concepções em constante transformação e nem um pouco estáticas (DE MELO ALVES, 2014).

Antes de começar as aulas fiz várias visitas ao bairro para conseguir um lugar onde pudessem acontecer. Eu não via sentido deslocar as crianças do bairro para fazerem aulas em outro lugar, pelo menos não nesse primeiro momento, o contato deles e delas, comigo naquele espaço era fundamental nessa etapa da pesquisa. Recebi alguns não até conversar com José Roberto Nunes de Araújo, coordenador social do CRAS, Centro de Referência e Assistência social, ele não somente acolheu a mim e a proposta como também percebeu a importância de se desenvolver trabalhos nas linguagens artísticas com crianças e jovens daquela localidade. Então, organizamos o calendário, ele me deu as chaves do espaço, preparei a divulgação e fui lá, divulgar de casa em casa, dona Preta sempre comigo pra o que precisar.

As aulas tiveram início em 29 de abril de 2019, estenderam-se até dezembro de 2019; aconteceram nas segundas e quartas-feiras no prédio do CRAS, sempre das 17h às 18h30min. Após alguns meses de aulas na comunidade, começamos a realizar os intercâmbios nos dias de

aulas, algumas vezes eu levava os integrantes do grupo Cambindas de Triunfo para fazerem aulas na comunidade e outras vezes eu levava os meninos e meninas do bairro para realizarem vivências junto com o grupo na nossa sede (Centro Criativo de Cultura Padre Ibiapina) que fica localizado no Centro da cidade.

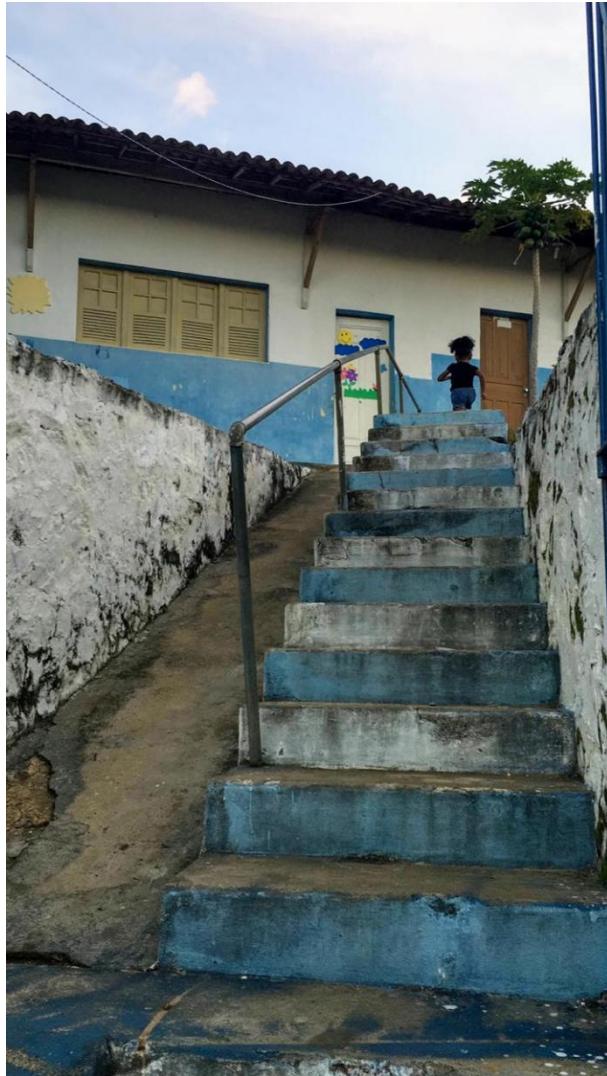


Imagem 43 - Prédio do CRAS – Bairro Alto da Boa Vista – Triunfo-PE, em 29 de Abril de 2019.

Imagem: Daiane Nonato



Imagem 44 - Centro Criativo de Cultura Padre Ibiapina – Sede de alguns grupos culturais da cidade, inclusive das Cambindas de Triunfo. Imagem do Blog Opinião Triunfo³⁶.

Os intercâmbios foram de suma importância para a relação do grupo oficial com o grupo em formação, foram também como porta de entrada para os ensaios abertos e cortejos pelo bairro. Toda a comunidade saía à porta para apreciar os ensaios e era perceptível o orgulho em ver seus filhos e filhas participando conosco.

3.2 – ESTAR NA COMUNIDADE: AS AULAS DE DANÇA

No dia 29 de abril de 2019, não por acaso no dia internacional da Dança, teve início as aulas de dança com ênfase nas Cambindas no Bairro Alto da Boa Vista. Após visita prévia à comunidade, divulgação sobre as aulas de casa em casa, chegou o dia do início, eu ansiosa por saber como seria a entrega e acolhimento da comunidade.

O espaço para as aulas acontecerem foi cedido pelo CRAS, sala ampla e arejada, estava previsto para começar as 17h, cheguei as 16h30 para me familiarizar com o ambiente e organizar algumas cadeiras que ainda estavam dispostas neste lugar.

Timidamente duas meninas de 8 anos se aproximaram e perguntaram: tia, hoje vai ter? Entraram e eu pedi que ficassem à vontade, sentaram no chão, próximas a mim, e ficamos

³⁶ Imagem disponível em: <https://opiniaotriunfodigital.blogspot.com/2016/04/maravilhosa-casa-da-cultura-de-triunfo.html>

esperando chegar mais pessoas, enquanto esperávamos conversamos sobre as propostas das aulas, sobre as cambindas, sobre o bairro. Para minha surpresa elas me falaram que nunca tinham escutado falar sobre as cambindas, fiquei na dúvida se de fato elas nunca tinham escutado falar ou se estavam tímidas para me falar.

Com essa resposta das meninas fiquei pensando ainda mais na urgência em se tratar dessa manifestação dentro da comunidade. Possivelmente essas duas crianças sejam netas, bisnetas ou tenham algum parentesco com os brincantes que iniciaram essa tradição no bairro, porém elas ainda não possuem essa informação.

Ficamos um tempo conversando, falei sobre a importância do bairro que elas habitam para a cultura da cidade, contei um pouco sobre essa história, que as cambindas saíam de lá, com os homens do Alto da Boa Vista, nos carnavais. Cada informação que eu dava elas ficavam mais curiosas por mais informações. Conversamos também sobre a re_invenção, como ela acontece, local, dias e horários de encontro.

Para nos aproximarmos mais e deixá-las à vontade propus um alongamento com a percepção das articulações, depois movimentos pelo chão e seguimos a partir dos movimentos do coco, um ritmo que compõe uma das matrizes estéticas das Cambindas na atualidade.

A aula teve duração de 1h30min, sendo das 17h às 18h30min. Ao final da aula apareceram mais três crianças perguntando se podiam fazer parte, passei as informações para que elas pudessem chegar na aula seguinte.

Uma das coisas que me chamou a atenção foi a liberdade com que aquelas crianças transitam pelo bairro. As duas que foram para a aula chegaram e posteriormente foram embora sozinhas, assim como as outras três que chegaram após a aula também estavam desacompanhadas dos adultos. Eu esperava encontrar com as mães, deixa-las informadas como seriam as aulas, porém, nesse primeiro momento não aconteceu, ainda não havia tido esse contato, as crianças nesse bairro são criadas de forma bem independentes.



Imagem 45 - Atividade 1º dia de aula. 29 de abril de 2019. Imagem: Daiane Nonato.

Chegando para a segunda aula. Cheguei ao local da aula às 16h45min, minhas duas fiéis alunas já estavam lá à minha espera, entramos e ficamos aguardando mais crianças, elas pareciam bem menos tímidas do que na aula anterior. Poucos minutos depois chegaram mais dois meninos, posteriormente mais duas meninas, somando seis crianças ao todo.

Conversamos e eu novamente perguntei sobre as Cambindas, instigando-as a falar sobre o que havíamos conversado na aula anterior e pouco a pouco elas iam também contribuindo com a reflexão. Falei pra eles e elas sobre a história que há muito venho ouvindo falar da tradição das Cambindas nesse bairro, sobre o processo de re_invenção, o qual venho desenvolvendo a 7 (sete) anos, e as Matrizes estéticas que permeiam esse trabalho.

Realizamos um alongamento, observando a postura, articulações, contato com chão, e novamente retomamos o ritmo do côco, falamos sobre as batidas, os instrumentos utilizados e trouxemos o passo para o corpo, eles e elas responderam bem as expectativas até o momento.

Ao final da aula fui acompanhar as crianças até suas casas, todos moram bem próximo ao salão onde aconteceu as aulas. Aproveitei para caminhar no bairro, observar a rotina das pessoas. As ruas estavam bem escuras e mesmo assim as crianças pareciam não se importar em brincar nas ruas. Nesse percurso encontrei outras crianças que ainda não faziam as aulas, convidei-as para a próxima, conversei com alguns adultos também e aos pouquinhos fui buscando a tranquilidade de caminhar por esse lugar, de casas bem coloridas e juntas, de ruas

estreitas e degraus para chegar mais alto, de pessoas simples, que ainda tem o costume de sentar-se nas calçadas para conversar. Nesse lugar que não é o meu lugar, mas que me traz memórias ligadas à minha ancestralidade, ligadas à minha necessidade de continuidade.



Imagem 46 - Final da 2ª aula. 06 de maio de 2019. Imagem: Daiane Nonato.

E assim a cada aula mais e mais crianças se juntavam a nós. Para o planejamento das aulas e divulgação estabeleci as idades de 05 (cinco) à 12 (doze) anos, porém, não poderia negar a participação de crianças com idade inferior a essa estabelecida, nem tão pouco os adolescentes que chegassem com idade superior à 12 anos. Foi assim que conheci Melissa, uma criança de uma sensibilidade incrível para dança, com apenas 2 (dois) anos de idade juntou-se a nós e teve uma participação linda com toda sua graça.



Imagens 47 – Aluna Melissa Isabela Alves Barbosa em alongamento na aula de dança. Maio/2019.

Imagem: Daiane Nonato



Imagem 48 - Melissa, a aluna mais nova do grupo, com apenas 2 anos de idade. Registro da sua participação em uma das aulas. Maio/2019. Imagens: Daiane Nonato

Comecei a montar equipes para a cada dia de aula ir comigo buscar os instrumentos na sede das Cambindas de Triunfo e o batoque atraía cada vez mais crianças e adolescentes. Eles vinham atraídos pelo som forte dos tambores, precisávamos fazer revezamento dos

instrumentos, pois eram insuficientes para abranger a todos. Houve dias de comparecerem uma média de 40 (quarenta) crianças nas aulas.

Todos e todas tiveram a oportunidade de dançar, tocar e cantar. Após todas essas experiências as crianças escolhiam na formação do grupo o que mais gostaram e se estabeleciam nesse lugar escolhido.



Imagem 49 - Vivência das primeiras aulas de percussão, percepção de ritmos. Junho/2019.

Imagem: Daiane Nonato.



Imagem 50 - Aula de percussão conduzida por Jéssica Caitano e Daiane Nonato no Centro Criativo de Cultura Padre Ibiapina. Julho/2019. Imagem: Daiane Nonato.



Imagem 51 – Aulas de dança no prédio do CRAS. Agosto/2019. Imagem: Daiane Nonato.



Imagem 52 - Aulas de dança ministradas por Daiane Nonato, agosto/2019.

Imagens: Daiane Nonato.

Aos poucos o grupo ia se delineando, tomando forma e começamos a realizar algumas apresentações com a presença dessas crianças, pensando na formação artística, acho muito importante esse contato com a manifestação, como ela se realiza, a importância de sentir a

energia do público, de cantar e dançar em harmonia com o grupo, de sentir o frio na barriga ao se apresentar, de percorrer as ruas em cortejo e ver todas aquelas pessoas saírem de suas casas para aplaudir, de perceber a entrega da calunga as donas das casas e ver o respeito com que todo esse ritual é realizado.

3.3 – VIVÊNCIAS, ENCONTROS, MEMÓRIAS

Em vários momentos cito a realização dos cortejos, apresentações e ensaios abertos pelo Bairro Alto da Boa Vista, não por acaso, mas por julgar importantes momentos de formação, não somente para o grupo ou para as crianças que fizeram parte do curso, mas também momento de formação e troca com toda a comunidade, sempre estavam presentes, seja para ver o cortejo passar, ou também para apreciar e se orgulhar de algum membro da sua família que estivesse participando conosco.

O curso teve início no dia internacional da dança, em 29 de abril de 2019 e finalizou em 15 de dezembro de 2019, na ocasião toda a comunidade estava reunida, houve toda uma articulação da equipe do CRAS, realizamos um cortejo inicial pelo bairro, chamando todos a participar, realizamos uma apresentação e eu ministrei uma palestra falando de todo o processo ao longo desse ano, a importância de se realizar atos de re_invenção e a importância da comunidade do Alto da Boa Vista no cenário cultural da cidade de Triunfo.

O encontro com a comunidade estava marcado para às 19h do dia 15 de dezembro de 2019, chegamos ao bairro por volta das 18h30min, organizamo-nos em uma pracinha que fica ao lado do prédio do CRAS, o grupo Cambindas de Triunfo e grande parte dos integrantes que participaram do curso de dança e percussão na comunidade.

Organizamos nossos instrumentos e começamos um batuque, como forma de convidar a comunidade a estar conosco nessa noite de confraternização. Seguimos em cortejo convidando a todos. Após o cortejo retornamos para a pracinha e lá fizemos uma demonstração com os alunos da percussão. Muito gratificante perceber o envolvimento da comunidade e a participação das crianças, a satisfação em estar se apresentando, tendo como espectador seus pais, vizinhos, colegas... Contando para estes a história da sua comunidade.



Imagem 53 – Apresentação dos alunos da percussão para a comunidade. 15/12/2019. Imagem: Magno Celestino da Cruz.

Alguns ainda bem tímidos, mas com sorrisos largos, o contato com os tambores era empolgante nas aulas e muito mais nas apresentações.

Em seguida as meninas na dança vieram somar junto aos meninos da percussão, lindo momento, muitos aplausos, sorrisos, emoção. E para mim a sensação de estar dando o melhor para sentir a continuidade acontecer junto com a comunidade.

Na imagem a seguir, à frente da fila esquerda Estéfanny, neta de dona preta, a menina, além de graciosa na dança já mostra traços firmes de liderança, conduz bem a fila, ajuda as demais nas coreografias e se mostra muito participativa nas aulas e apresentações. Dona Neta vem a frente com a Calunga e por todos os lados a comunidade nos cerca para apreciar a apresentação. Viver para sentir isso não tem preço, as Cambindas fazendo festa em seu terreiro de origem, tendo a atuação de netas, bisnetas, dos brincantes que conduziram por anos esse brinquedo popular, sentindo novamente esse chão que vibra a cada batuque. Os ancestrais devem fazer festa ao ver toda a comunidade nessa sintonia, tendo as Cambindas como mote para todo o envolvimento.



Imagem 54: Apresentação das Cambindas de Triunfo com a participação das crianças e adolescentes que participaram do curso. 15 de dezembro de 2019. Imagens: Magno Celestino da Cruz.

Após o cortejo e apresentação todos que estavam lá conosco se dirigiram para o salão do CRAS, o coordenador Roberto Nunes mais uma vez me apresentou a comunidade e me passou a palavra.

Realizei uma palestra, tive a oportunidade de falar para todos e todas: pais, mães, crianças, poder público, equipe do CRAS, sobre como se deu o meu trabalho nesse campo ao longo de 8 (oito) meses e ao meu ver a importância dessa ação e de haver continuidade dentro da comunidade. De desde cedo as crianças conhecerem sua história enquanto comunidade, de perceberem que depende delas a continuidade e fixar ainda mais a importância dessa comunidade no cenário cultural do município.

Percebi sorrisos de aprovação e agradecimento.

Após nossa conversa aconteceram outras apresentações das crianças e idosos participantes dos cursos do CRAS. Teve a fala do coordenador Roberto Nunes afirmando ainda mais a importância dessa ação, agradeceu a parceria e sinalizou o desejo da continuidade.



Imagens 55 – Encontro com a comunidade do Alto da Boa Vista na finalização do curso de Cambindas. 15 de dezembro de 2019. Imagem: Magno Celestino da Cruz.



Imagem 56 - Palestra sobre o trabalho desenvolvido na Comunidade do Alto da Boa Vista ao longo do ano de 2019 sobre as Cambindas. 15 de dezembro de 2019. Imagem: Magno Celestino da Cruz.

Essa finalização marca o início de uma parceria que tem urgência em continuar, de ações dentro dessa comunidade, de atuação no panorama que pode ser criado a partir desses corpos que se veem proliferadores da tradição e criadores/contadores das suas próprias histórias.

Finalizamos a nossa noite com um jantar de confraternização oferecido pelo CRAS para todos e todas ali presentes. Senti por meio do abraço apertado de dona Preta e dona Caminha que toda a comunidade nos abraçava.

Retomando a prosa da ventania forte que outrora pegou dona Preta e eu de surpresa e foi parceira para tantas ações acontecerem, balançou meu estandarte e me fez retornar para o Alto da Boa Vista em mais outros tantos momentos. Talvez tenha sido uma arteirice usada pela natureza para nos proporcionar mais tempo ali, um tempo para conversar, para acolher e ser acolhida, um tempo necessário para as relações se solidificarem e o brilho no olhar ser verdadeiro, de admiração, cuidado e reciprocidade. Algo que tenho sentido saudades, porém a crise sanitária que temos enfrentado decorrente do Corona vírus nos barrou da presença, do contato, do toque, do abraço. Depois que tudo isso passar, a intenção é que possamos continuar com ações práticas dentro da comunidade. Mas, isso é para depois, agora vamos falar sobre outras coisas tão importantes quanto, MULHERES é o mote, no item seguinte vou apresentar-lhes as mulheres que caminham comigo nessa re_invenção, a partir delas, muito conhecimento foi adquirido, muito estímulo foi dado e com elas as Cambindas de Triunfo seguem seu cortejo.

3.4 – MAPEANDO... GUARDIÃS DO SABER - MULHERES QUE CONTRIBUÍRAM COM A RE_INVENÇÃO DAS CAMBINDAS DE TRIUNFO

Na companhia das frias madrugadas e de uma bebida bem quente, um café, um chá, um leite, entre uma leitura e outra atenta ao sono tranquilo dos inocentes, que vez ou outra se chega para pedir. _ Mãe, deita comigo, _ mãe, me cobre. _ Mãe, estou com medo do escuro. _ Mãe, a senhora vai demorar? _ Mãe, a senhora traz água pra mim, por favor.

Nada era motivo para desistir, nem mesmo o cansaço, que por vezes tão intenso me tirou lágrimas temendo não suportar. Madrugadas intensas de escrita, madrugadas vencidas pelo sono, dias empolgantes cheios de ideias, dias de cobranças pessoais sem respostas... dias, dias, dias... como ser uma pessoa, mulher, mãe (recém parida), artista, pesquisadora? Com tantas nomenclaturas, cada uma carregada pelo peso da responsabilidade. E com tudo isso vale a pena se dedicar a pesquisa? Sempre me fazendo essa pergunta e sempre encontrando as respostas em mim mesma, já é hora de parar? Oras, mal começou... E se eu parar justo agora, como será o futuro e a continuidade das Cambindas? Haverá? Essa resposta eu já não sei, pode sim alguém continuar agora, porém o mais provável é que em mais um momento tenha sua história cessada,

pausada, adormecida, a qual pode ser retomada em algum outro momento, ou não. A pergunta que me deixa em dúvida é justamente a que me estimula a seguir.

A palavra mãe de todas as citadas anteriormente talvez seja a que mais se escuta em uma casa na qual esta mulher se encontra, uma mãe tem força capaz de suportar o impensável, uma mãe tem o poder de acalmar, acalantar, e acima de tudo cuidar... guardar. Quando penso como as Cambindas chegaram até mim e eu até elas só vejo mulheres no meu caminho, com sua força, generosidade, histórias, loas, memórias...

Dessa forma, ousou a nomear algumas das mulheres que são parte desse processo de re_invenção de GUARDIÃS, mulheres que com seus saberes nos fizeram compreender o caminho do fazer, e a partir desse entendimento as Cambindas de Triunfo continuam essa história. Mais de um século já se passou das primeiras informações sobre esse brinquedo e hoje sob o olhar atento dessas mulheres, a continuidade é possível.

Pensando a partir do paralelo, a CAMBINDA VELHA, surgiu a partir da mobilização dos homens da comunidade, trajavam-se de mulheres para realizar seus rituais e brincadeiras. Depois de um certo tempo, aos poucos as mulheres ocupam seus espaços e inclusive começam a ocupar outros espaços que antes era proibido para elas como, por exemplo, a percussão, mesmo com a entrada das mulheres, a percussão era espaço exclusivamente masculino.

Com o passar do tempo, não apenas o espaço feminino estava garantido dentro da brincadeira, como também a liberdade de escolha, podendo ocupar tanto o lugar da dança, como da percussão.

Enquanto uma re_invenção das CAMBINDAS, surge assim as CAMBINDAS DE TRIUNFO. Temos nomes de mulheres importantes que colaboraram para a continuidade desse brinquedo popular, muito importante salientar que a retomada das Cambindas surgiu com 3 mulheres: Daiane Nonato, Diana Rodrigues e Jéssica Caitano e hoje é conduzido por duas mulheres: Daiane Nonato na dança, preparação corporal e criação das coreografias junto com o grupo e Jéssica Caitano com as aulas de percussão e criação das loas, juntamente com o grupo.

A seguir apresentarei uma imagem do Bairro Alto da Boa Vista, mapeando e demarcando as casas de algumas dessas mulheres que foram e são importantes para essa continuidade. Elas colaboraram com suas histórias, suas memórias, sua acolhida e também com suas vozes, trazendo para nós algumas das loas criadas pelos brincantes mais antigos e que foi

o ponto de partida para a criação de novas loas. São elas: Dona Neta, Luisa de Boinho, Nildecire, Zefa de Biu, Dona carminha, Preta de Zuza e Dona Zelita.

Na imagem abaixo cada casa está demarcada com uma seta de uma cor que será informada na legenda, também está demarcada a sede do CRAS com um triângulo, lugar que colaborou com a formação dos novos brincantes dentro do Bairro, acolhendo a parte prática da pesquisa.

Eu convido todos e todas agora para adentrar na comunidade do Alto da Boa Vista e Visitar suas casas através do mapeamento, conhecer seus rostos, e que estes fiquem marcados e registrados para sempre, como mulheres que de alguma forma contribuíram com o que temos hoje como Cambindas, seja com suas histórias, com suas lembranças das loas, com sua permissão para que pudéssemos entrar. O mapeamento foi realizado com base na localização geográfica do bairro Alto da Boa Vista, por ter sido lá o nascimento da Cambinda Velha.

Podem entrar, fiquem à vontade...



Imagem 57 - Bairro Alto da Boa Vista, mapeamento das mulheres dessa comunidade que colaboraram com o processo de re_invenção das Cambindas, (Fonte: fotógrafo Maycon Jonathan, dezembro de 2020).

Dona Neta – GUARDIÃ DONA DO TERREIRO

Era muito amiga de Dona Zelita, nas primeiras visitas ao Bairro elas estavam sempre juntas e uma complementava as informações que a outra lembrava. O seu terreiro, assim como é conhecido o espaço livre que fica em frente à sua casa, é sempre ocupado pelas cambindas em seus ensaios abertos ou passagem do cortejo pelo bairro. Neta, assim como dona Carminha sempre participava das aulas de dança no bairro, não demonstrava desconforto nenhum por estar junto com várias crianças dançando; em cada conversa ela nos ensina, em cada encontro em frente à sua casa ela nos acolhe, e em todos os cortejos pelo bairro ela é nossa Nega Véia, faz questão de dançar com a calunga.

Ao ouvir o batuque das Cambindas ao longe, dona Neta já se aproxima, e sua presença entre nós enaltece muito mais o trabalho das Cambindas. Moradora antiga do bairro, tem muito a nos ensinar, além do mais é poetisa, sempre nos nossos encontros ela pede um espaço e solta os seus versos, acabou conquistando o respeito e admiração de todo o grupo.



Imagem 58: Casa e terreiro de dona Neta. Fev. de 2021. Imagem de Ana Maria Oliveira.



Imagem 59: Com dona Neta em um dos momentos de conversa. Janeiro de 2020. Imagem: Ian Lima.

Luiza de Boinho – GUARDIÃ DAS HISTÓRIAS

Luiza Conrado ou Luiza de Boinho como era conhecida, hoje já falecida, faleceu aos 96 anos no ano de 2017, mãe de Nildecire – foi uma das primeiras pessoas que me falou sobre suas memórias a respeito da Cambinda velha, foi a partir dela que comecei a fazer a ligação da manifestação Cambindas com o Maracatu. Em uma das conversas, ainda no ano de 2013, ela me contou que o grupo da Cambinda Velha também era chamado de clube do maracatu. Depois de pesquisar a respeito tivemos acesso a informação que a tradição das cambindas é que dá origem ao que temos hoje como maracatu. Para Silva (2012) “O maracatu de baque solto mais antigo foi criado em 01 de dezembro de 1914, que era o Cambindinha de Araçoiaba, quatro anos depois nasceu o Cambinda Brasileira, em 1918 na cidade de Nazaré da Mata”. As datas dessas manifestações demonstram serem contemporâneas aos primeiros relatos das Cambindas de Triunfo que conforme já mencionado datam de 1913 (LOPES, 2003).

Morando na ladeira do Alto dona Luiza via toda a movimentação para a saída da Cambinda Velha, seja das pessoas do Alto se preparando ou das pessoas no centro subindo para o Alto pra descer com as Cambindas. Poder conversar com dona Luiza foi um verdadeiro presente, suas lembranças e histórias eram minuciosas e com riquezas de detalhes, felizes daqueles que a ouviram falar.

Nildecire – GUARDIÃ DAS LOAS

Nildecire por sua vez nos apresentou trechos das músicas das Cambindas e nos levou a casa de dona Zefa de Biu e Dona Zelita, as quais complementaram a conversa. Lembrar de Nildecire é lembrar com satisfação desse fato. Fomos até sua casa, esta nos recebeu muito bem. Na ocasião, dona Luiza contou várias histórias. Depois das conversas com dona Luiza, Nildecire com todo prazer estampado em seu rosto e em suas ações me pegou pelo braço e levou-nos até o Alto da Boa vista, casa por casa.

Fomos primeiro na casa de Zefa de Biu, elas cantavam as músicas das Cambindas, riam, brincavam, faziam-nos sentir semelhante satisfação. Depois seguimos para a casa de dona Zelita, Neta estava lá também, lá elas também cantaram, uma ia lembrando trechos das loas que as outras não lembraram. Que emoção fazer parte desse momento. Senti-me fazendo parte da própria história das Cambindas, sendo um elo entre as mais velhas e as mais novas. A partir das loas cantadas por elas o grupo compôs mais algumas sob a orientação de Jéssica Caitano.



Imagem 60: Casa de dona Luiza de Boinho. Imagem de Juliana Dayane. Jan. 2021.



Imagem 61: Dona Luiza e sua filha Nildecire. Jan. 2021. Imagem: Juliana Dayane³⁷.

Dona Zefa de Biu – GUARDIÃ DOS BRINCANTES DAS CAMBINDAS

Dona Zefa de Biu , juntamente com Nildecire, cantaram para nós várias vezes as loas das Cambindas, tinha o maior prazer em nos receber, e as Cambindas de Triunfo em todos os seus cortejos pelo Alto da Boa Vista dançava em frente à sua casa. Dona Zefa nos contou sobre suas memórias, sobre os brincantes mais antigos que ela lembrava, nos contava detalhes sobre eles, lembrava de cada nome, fazendo ligação com a família e dizia-nos o que cada um fazia no grupo, quem era a nêga Véia, quem era a porta estandarte, como era a organização do grupo para descer a ladeira... Com suas histórias dona Zefa nos fazia viajar no tempo.

Hoje ao fechar os olhos e imaginar sua voz nos falando tenho a impressão de ter vivido tudo que ela nos contava. Faleceu aos 90 anos em 05 de setembro de 2020, uma grande perda para todos nós, para nossa cultura, e que prazer o nosso ter podido ouvir suas histórias.

³⁷ Juliana Dayane é neta de dona Luiza de Boinho e também dançou Cambindas conosco.



Imagem 62: Casa de dona Zefa de Biu. Jan. 2021. Imagem: Juliana Dayane.



Imagem 63: Selfie com dona Zefa, Daiane Nonato e Túlio Nonato. 2019. Imagem: Daiane Nonato.

Dona Carminha – GUARDIÃ DO ESTANDARTE

Desde as minhas primeiras andanças pelo bairro ela sempre esteve presente, em todos os cortejos nos acompanhava. Quando iniciei a parte prática da pesquisa com as aulas de dança, sempre, lá estava ela, participando, nas apresentações sempre se disponibilizava a levar o estandarte e acabou se tornando integrante e parceira do grupo.

Também era muito amiga de dona Zelita e de dona Neta. Nas nossas primeiras idas ao bairro elas sempre estavam juntas. Carminha é aquela que não perde um cortejo pelo bairro e ainda me reclama se não for avisada antes.

_ Mulher, tu nem me disse, pois agora me espere que eu vou vestir minha saia.

E a saia para as Cambindas é muito simbólica, a saia é esse espaço de proteção (AMOROSO, 2021)³⁸, Carminha sente isso. E assim acontece, o cortejo não sai sem Carminha, ela vai sempre na frente, com o estandarte e cheia de orgulho. Para nós, ela é uma referência.



Imagem 64: Casa de Dona Carminha. Mar. 2021. Imagem: Mayara Talita Barbosa de Souza³⁹.

³⁸ Congresso virtual UFBA 2021 – UMBIGADA EM GESTO E POESIA: Uma conversa com a filósofa Elízia Ferreira e a dançarina Daniela Amoroso – terça 23/02 – Sala X.

³⁹ Mayara Talita é vizinha de dona Carminha e mãe de Melissa Isabela a aluna mais nova do curso de dança das Cambindas no Alto da Boa Vista.



Imagem 65: Selfie Daiane Nonato e Dona Carminha. 2019. Imagem: Daiane Nonato.

Preta de Zuza – GUARDIÃ DA GENTILEZA

A partir dela que eu percebi a urgência de se voltar para o Alto da Boa Vista, entendendo e ensinando a importância daquele chão para a cultura local. Ela quem primeiro me procurou para que suas netas fizessem parte das Cambindas de Triunfo. Eu a considero o meu portal de entrada na comunidade, esteve presente em todas as etapas da pesquisa e se tornou para mim uma grande amiga e parceira nessa caminhada.

Preta foi comigo às casas divulgar as aulas de dança na comunidade. Fui a sua casa algumas vezes, ela sempre me recebeu muito bem, nos contou suas memórias e nos incentivava sempre a continuar. Preta é a minha comunicação com o bairro, é de uma das famílias mais antigas do Alto. Nas nossas conversas descobri que seu pai (Zuza) era muito amigo do meu pai e dos meus tios.



Imagem 66: Casa de Preta. Fev. 2021. Imagem: Ana Maria Oliveira.



Imagem 67: Preta de Zuza (Maria do Socorro). Jan.2021. Imagem cedida pela mesma.

Dona Zelita – GUARDIÃ DO PASSO

Dançou para nós. Por ser irmã de um dos brincantes (Fonfon de Nita), tinha muitas informações sobre a organização dos cortejos e muita propriedade em nos mostrar os passos e cantar algumas loas. Contou-nos sobre questões de preconceitos vividos e a rejeição que as pessoas do Alto sofriam em relação às pessoas do centro da cidade. Segundo ela, apesar de todas as diferenças sociais existentes na época, as Cambindas tinham esse poder de atrair as pessoas do Centro da cidade para descer em cortejo junto com elas. Infelizmente Dona Zelita faleceu em 31 de outubro de 2017.

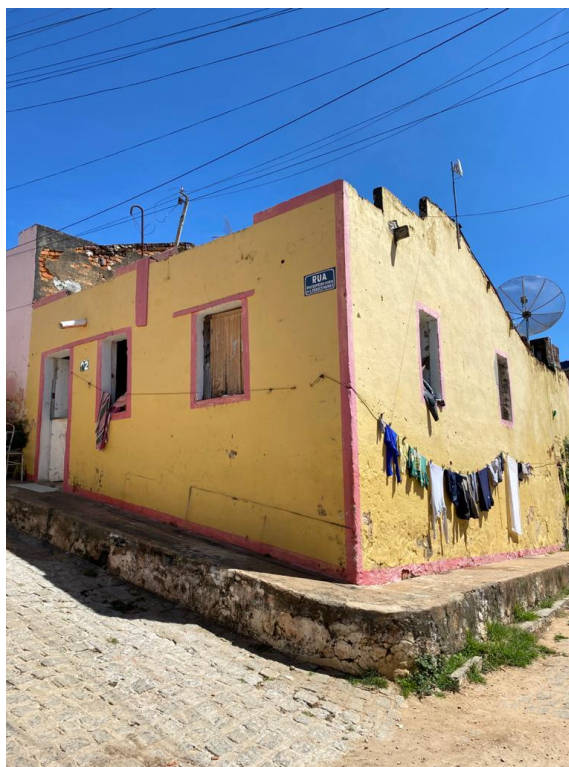


Imagem 68: Casa de dona Zelita. Fev. 2021. Imagem: Jéssica Caitano.



Imagem 69: Dona Zelita nos dando a honra da sua presença em um dos cortejos passando por sua casa. Dez. 2015. Imagem: Grécia Rejane Nonato de Lima.

E com a sabedoria dessas mulheres as Cambindas se renovam, despertam, ressurgem, continuam, se re_inventam, contam suas histórias, compartilham suas memórias, deixando cada vez mais vivas e vibrantes. Se a tentativa em algum momento foi de apagar, invisibilizar suas histórias, essa tentativa foi sem sucesso, pois as guardiãs estavam lá mais atentas do que nunca e com suas contribuições às Cambindas traçam seus caminhos e seguem, sempre seguem. Gratidão. Gratidão. Continuemos sempre.

FINALIZANDO O CORTEJO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adeus dona de casa eu já me vou

Até paro ano se nós vivo for⁴⁰

E assim chega ao fim mais um cortejo, cortejo este que concretizou no engajamento da comunidade do Alto da Boa Vista na re_invenção e continuidade das Cambindas de Triunfo.

A pesquisa teve como objetivo aprofundar a relação com o bairro Alto da Boa Vista a partir dos atos de re_invenção com o grupo Cambindas de Triunfo e desta forma ampliar o entendimento da comunidade acerca da sua importância para a cultura do município.

Assim como em um grande cortejo, a Cambinda Velha inicia esse processo há mais de cem anos. Durante todo esse tempo mais e mais pessoas se engajam fazendo-a cada vez maior. As Cambindas de Triunfo já com quase uma década de história complementam esse percurso, chega com força e com determinação, com o propósito de sempre colocar as Cambindas na rua.

O nosso desejo é que assim que superarmos essa crise sanitária e pudermos nos encontrar o cortejo continue agregando pessoas, valores, conhecimentos, importância.

Por meio da pesquisa percebo que mais pessoas tem aderido ao cortejo, incluindo o poder público, através das Secretaria de Cultura e de Educação. Tivemos o prazer de escrever um texto sobre a cultura popular do município para compor o acervo permanente do museu da cidade de Triunfo. Mais e mais espaços que se abrem e mais conhecimentos são gerados e/ou produzidos.

Uma das dificuldades no início da pesquisa foi encontrar um acervo bibliográfico sobre a manifestação Cambindas na cidade de Triunfo. No decorrer desses dois anos publiquei alguns artigos sobre o tema e o propósito é continuar compondo esse acervo, tornando-o acessível para a população triunfense, sobretudo, a comunidade do Alto da Boa Vista.

Esse percurso me aproximou de informações importantes sobre o envolvimento da minha família com a cultura. Foi a partir desse caminhar que obtive a informação que o meu pai foi o precursor do samba na cidade; também ampliou o meu entendimento sobre as

⁴⁰ Loa de despedida da Cambinda Velha, também usada no repertório das Cambindas de Triunfo.

Cambindas, reconhecendo-me enquanto mestra popular, aproximando-me da comunidade e junto com ela encontrando mais sentido no nosso re_inventar.

A pergunta que fazia lá no início da pesquisa me moveu a investigar, a trazer dados históricos e etnográficos para uma possível historiografia das danças populares. Ao percorrer o caminho da investigação, percebo que pensar e agir nos processos de re_invenção das Cambindas vai além de uma pesquisa de mestrado. Por isso, a continuidade dessa pesquisa é um dos objetivos para um futuro próximo.

Sou professora, educadora, atuando na educação infantil do município e pretendo dar vazão a projetos a serem aplicados nas escolas do município, todo o esforço metodológico de construir essa arqueologia e mapeamento poderá ser desdobrado em materiais didáticos concretos que poderão auxiliar nas aulas de artes, também tenho a pretensão de a partir desses materiais, criar também uma cartilha específica para a educação infantil, com ilustrações e textos de fácil compreensão.

Para finalizar, retomo a reflexão de que uma tradição é viva, é dinâmica assim como pude vivenciar durante esse tempo com as Cambindas, ou seja, uma tradição pode se re_inventar especialmente quando mediações culturais são incentivadas para tal.

REFERÊNCIAS

- AMOROSO, Daniela. Etnocenologia: conceitos e métodos a partir de um estudo sobre o samba de roda do Recôncavo baiano. In: Congresso da Associação Brasileira de Artes Cênicas, 6.; 2010, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo, Associação Brasileira de Artes Cênicas, 2017. Etnocenologia: conceitos e métodos a partir de um estudo sobre o samba de roda do Recôncavo baiano. <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/issue/view/99>. Acesso em: 8 jan. 2019.
- AMOROSO, Daniela. No miudinho se corre a roda: Trajetos a partir das noções do Passo, da Etno[Skênos]Logia e da Criação. In *Matrizes Estéticas Na Cena Contemporânea: Diálogos Entre Culturas, Práticas, Pesquisas e Processos Cênicos*. Salvador: EDUFBA, 2021.
- AZEVEDO, A. M. Estética negra e periférica: filosofia, arte e cultura. **Rev de Teoria da História**, Goiás, v. 22, n. 02, p 37-51. 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Jos%C3%A9%20Morais/Downloads/59887-Texto%20do%20artigo-270753-2-10-20200317.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2020.
- BARBOSA, Ana Mae. Arte, educação e cultura. **Rev Textos do Brasil, LOCAL**, v. 7, p.00-00, 2018 Aducação para um desenvolvimento humano e social no Brasil. Disponível em: <http://plataformapesquisas.acasatombada.com.br/omeka/files/original/01faed36fc61078e39c48f413dc924c9.pdf>. Acessado em 24 de set. 2020.
- BENJAMIN , Roberto. Folguedos e danças de Pernambuco. Recife: Editora Linceu Ltda, 1989.
- BENJAMIN, Roberto. Maracatus, cambindas, pretinhas do Congo – herança negra diversificada no carnaval do interior. Recife, **Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco**, fev. 2001, pp. 7 – 9.
- BERTH, J. **O que é empoderamento?**. 1 ed. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2018. 1162
- BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos. **Matrizes estéticas: o espetáculo da baianidade (2000)**. 1 ed. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009. 389 p.
- CHARTIER, R. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Rev Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2005/1144>. Acessado em: 12 mar. 2020.
- CONRADO, Amélia Vitória de Souza. Artes cênicas negras no Brasil: das memórias aos desafios na formação acadêmica. **Revista Repertório Teatro & Dança**, Salvador, ano 20, n. 29, p. 68-85, 2017.

CONRADO, Margarete de Souza. **Percursos de resistência e aprendizagem nos cortejos de Maracatu**. 2013. 273 p. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

DA GLÓRIA GOHN, M. Educação não formal nas instituições sociais. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 18, n. 39, p. 59-75, set./dez.2016.

DE CERTEAU, Michel; DOMINIQUE, Julia. **A beleza do morto: o conceito de cultura popular**. Revel J, organizador. A invenção da sociedade. Lisboa: DIFEL, p. 49-75, 1989.

DE MELO ALVES, Érika Catarina. Da sapata e do pisar o chão: reflexões sobre a constituição do Mestre nas Cambindas. *In: Reunião Brasileira de Antropologia*, 29., 2014, Natal/RN [**Anais**] Natal: Sociedade Brasileira de Antropologia, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 39 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 148 p.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos Alfredo. **Lugar de negro**. 1. ed. v.3. Editora Marco Zero, 1982. 114 p.

HASENBALG, Carlos. Raça, classe e mobilidade. **GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar de Negro**. 1.ed. v.3. Editora Marco Zero, p. 67-102, 1982.

HOBSBAWN, Eric. RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 6. ed. 55v. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 316 p.

LIGIÉRO, Zeca. **Corpo a corpo: estudo das performances brasileiras**. 1.ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. 372 p.

LOPES, Diana Rodrigues. **Triunfo: a Corte do Sertão**. 1. ed. Santa Cruz da Baixa Verde: Folha do Interior, 2003. 614 p.

MAIOR, Mário Souto; LÓSSIO, Rúbia. **Dicionário de folclore para estudantes**. 1. ed. Recife: Editora Massangana, 2012.292 p.

MACEDO, Roberto Sidney. Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação. 1. ed. Brasília: Liber Livro, 2006. 179 p.

MARQUES, I; BRASIL, F. **Arte em questões**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014. 176 p.

MARQUES, Isabel. Oito razões para ensinar dança na escola. CONSTÂNCIO, Rudimar (org). **Arte-educação: história e práxis pedagógica**. Recife: 2012. 316 p.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá**. 1.ed. São Paulo: Mazza Edições, 1997. 191 p.

MUNANGA, Kabengele. Algumas considerações sobre "raça", ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 46-57, dez./fev. 2006.

NEVES, Denilson Francisco das. DE OLIVEIRA RIOS, João Tadeu (Org). A Calunga Perdida: Dança Popular nas Instituições de Ensino Superior. Rev. Repertório, Salvador, v. 1, n. 24, p. 156-172, 2015.

PÁDUA, Maria Helena. **Triunfo e sua gente**. 1.ed. Coleção Mossoroense, volume 788, 1992. 96 p.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. 1. ed. Belo Horizonte: Letramento , 2018. 112 p.

SANTOS, Inaicyrá Falcão dos. Corpo e ancestralidade: uma configuração estética afro-brasileira. **Revista Repertório Teatro & Dança**, Salvador, n. 24, p. 79-85, 2015.

SANTOS, Inaicyrá Falcão. Corpo e Ancestralidade: Tradição e Criação nas Artes Cênicas. **Rev. Rebento**, São Paulo, v. 7, n. 6, p. 99-113, mai. 2017.

SILVA, Severino da Silva. **Festa de caboclo**. 2.ed. Olinda: Associação Reviva, 2012, 97p.

SOARES, Karina de Melo; DE DEUS ISHIGAMI, Sandra; DE ALBUQUERQUE MOREIRA, Alba Cristina. **Espetáculos Populares de Pernambuco**. 1.ed. Recife: CEPE, 1996.

TORRES, D. ARAUJO, J. **Sinfonia Carnavalesca** (Org). Recife: Baraúna, 2006. 206 p.

VASCONCELOS, André. Triunfo (PE): uma análise da relação entre desenvolvimento, turismo e cultura no sertão do nordeste. 2018. 134 p. Dissertação (Mestrado em desenvolvimento regional) Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018.

ANEXOS

ANEXO A – Loas - Repertório das Cambindas de Triunfo

Ó senhora dona do hoté
 Me faça um café pras minhas baianas
Asse banana da palma comprida
Que o melhor da vida é um golpe de cana

Hoje é o primeiro dia que eu brinco maracatu

Todo mundo me dizia que as cambindas não saiam

As cambindas estão na rua com prazer e alegria

Cambinda véia, assobe no pavilhão
Levanta tua bandeira e defende tua nação

Nossa bandeira é feita de ouro
 Tá um desadouro nós quer é brincar
A gente pobre brinca mais os nobres
Só falta os cobres pra nós se acabar

Vamos dançar no toque do chocalho
 Hoje eu não trabalho eu quero é brincar
Oh zabumbeiro rebata o batuque
Quero ver teu muque no paraxaxá

Baiana, tu segura a saia
 Senão se atrapalha nós quer é brincar
É maxixe é samba é balaio
Da festa só saio quando se acabar

Ó baiana do dente de ouro
 Parece um tesouro chega a iluminar
Mais ó baiana se eu fosse solteiro
Ganhava dinheiro pra nós se casar

E o capim de Maceió
É grande assim
 A gente corta ele por baixo
Assim, assim

Olha o capim, bate sá (5x)

Baiana se você me quiser
 Eu faço um chalé pra nós dois morar

**Detrás da casa eu faço um banheiro
Com sabão de cheiro pra nós se banhar**

Baiana, baiana outra vez
Minha namorada me pediu um beijo
**Eu dei um beijo na maçã do rosto
Dei com tanto gosto matei meu desejo**

E o galo cantou
Cantou, cantou
De Maceió pro bebedô
Pro bebedô

Olha o capim, bate sá (5x)

Olha o nó que se quebra
A nega se dana
Segura a saia com a gitirana
**Cambinda boa, cambinda boa
Olha as catitas que no mundo zoa**

No caminho de Santa Luzia
Morreu uma nuvia quem foi que matou
**O trem apitou maquinista desceu
Vamos ver quem morreu debaixo do vapor**

Tavares, Lagoa da Cruz, Princesa tem luz
Quem foi que botou
**O coroné era homem de dinheiro
Foi pro estrangeiro comprou um motor**

E o capim brotou
Brotou, brotou
Nas ladeiras do interior
Do interior

Olha o capim, bate sá (5x)

Nas ladeiras da nossa Triunfo
Colhi muitos frutos da herança da terra
**Nasci nos montes me criei nas serras
Lembrar do sertão numa canção singela**

Sou cambinda da saia de chita
Plateia bonita me vendo dançar
**Segura o passo rodando os babados
Cabelo entrançado vai te encantar**

E a batida da alfaia
É forte assim
 É o batuque das cambindas
É sim, é sim

Olha o capim, bate sá (5x)

Zé Maleiro e João de Pastora
 Pintavam a boca e iam dançar
Com a calunga vai a nêga véia
A porta estandarte arrasta a chinela

Em Triunfo terra dos caretas
 Relho e tabuleta, fitas coloridas
E as meninas de saia florida
Resgatando vidas são nossas cambindas

Nessa terra de tanta cultura
 Verde é fartura em pleno sertão
Vejo Nelsão soltando uma rima
Lembrando as cambindas em sua canção

No folclore do meu alto verde
 Venha e festeje um bem popular
Seu Ambrosino guerreiro distinto
E desde menino cantou seu lugar

Boa vista de toda cidade
 Beleza invade o olhar do turista
E na partida se lembra da dança
Da saia e da trança que tem as cambindas

Adeus dona de casa eu já me vou
Até paro ano se nós vivo for...

ANEXO B – Música: Como Cambinas de Maracatu de Triunfo
(Nelson Triunfo)

Cambina véia, assobe teu pavilhão
Lascaram a cabeça de Galdino e Conceição
E o pobre do Fonfon foi quem levou uns empurrão
Cambina véia assobe seu pavilhão
Amanhecer o dia se acordando no oitão
Zé Toco e Zé Maleiro pulava que nem o cão

No caminho de Santa Luzia
morreu uma novilha quem foi que matou
o trem apitou maquinista desceu
vamos ver quem morreu debaixo do vapor

Tavares, Lagoa de Cruz,
Princesa tem luz quem foi que botou
O coronel homem do dinheiro
Foi pro estrangeiro comprou um motor

Nelson campos, Galindo e Golinha
Só vende aguardente no seu garrafão
É um produto de Zé Gusmão
Amor não me falta no meu coração

É um A é um B é um C
Menina se lembra que eu quero aprender
Aprender ler sete peças de conta
Menina se apronta e eu caso com você

O galo cantou, cantou, cantou
Do Maceió para o bebedô
Gavião peneirou, peneirou, peneirou
Mas não conseguiu pegar o meu amor

Olha o capim do Maceió é grande assim
Eu vou cortar ele por baixo assim, assim
Ó o capim, baixa
Ó o capim, baixa
Ó o capim, baixa, baixa, baixa

Subi num coqueiro tão alto
Quebrei o meu salto
Avistei um chalé
Essa menina avisa o Nestor
Que esse ano eu vou passear na Sé

Senhora dona do Hotel
Me faça um café para minhas baianas
Cem bananas da palma comprida
O melhor da vida é um porre de cana

Padre Cícero, mais frei Damião
Andaram que nem eu nas quebradas do Sertão
Festejaram São José com a multidão
Salve são Pedro e santo Antônio
E a fogueira de são João

Senhora dona, de casa eu já me vou
Até ano que vem quero ver o meu amor

Senhora dona, de casa não chore não
Se Deus quiser eu volto para comer fruta pão

Ó o capim do Maceió é grande assim
Eu vou cortar ele por baixo assim, assim
Ó o capim, baixa
Ó o capim, baixa
Ó o capim, baixa, baixa, baixa

Ó as Cambina, ó as Cambina maracatu
De Triunfo Pernambuco dá pra ver o Pajeú.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Entrevista realizada com dona Neta no Alto da Boa Vista em 14 de janeiro de 2020.

Código das participantes:

D.N – Daiane Nonato

N – Dona Neta

D.N – Qual seu nome completo?

N - Meu nome é Luzinete Geralda dos Santos.

D.N – Dona Neta, me conta um pouco sobre a sua vivência aqui no bairro, a senhora sendo uma das moradoras mais antigas.

N – Eu nasci e me criei aqui, lembro que tinha muitas brincadeiras aqui, lembro muito do carnaval que tinha as cambindas com seu João Rufino e eu nasci bem aí no terreiro, numa casinha de taipa. Meu pai era José Geraldo dos Santos e minha mãe Tereza Maria da Conceição.

D.N – Os seus pais participavam de alguma brincadeira de carnaval também?

N – Eles não, mas eu gostava de olhar quando saía a representação e uma vez dona Hosana saiu e eu fui também, deixava lá na praça e vinha pra casa, dona Hosana rezadeira, uma calunga, deixava lá e voltava.

D.N – E o que era essa calunga dentro dessa brincadeira?

N – A calunga era uma representação que faziam pra tirar dinheiro, uma representação de João Rufino, que ele era quem saía com a calunga, ele era a nêga véia que saía todo pintado, que ele era um moreno, um negro, aí pintava o rosto todo de carvão e saía com a calunga.

D.N – Como era a preparação para a saída de seu João Rufino com a calunga?

N – Saía o bombo tocando, ele com a calunga e ia também a bandeira na frente, e entrava nas casas com a calunga, eu só não me lembro quem levava a bandeira, mas João Rufino era quem fazia a brincadeira, depois que João Rufino morreu ficou o povo de Nita de Fonfon, tinha

Galdino de Conceição que acompanhava também, bebia uma cachaça danada, tem até aquela parte da música que diz... “ lascaram a cabeça de Galdino e Conceição e o pobre do Fonfon foi quem levou uns empurrão...”

D.N – A gente sempre que vem dançar aqui no seu terreiro somos muito bem recebidos e a senhora sempre vem dançar conosco, eu queria saber o que é pra senhora dançar as Cambindas nos dias de hoje conosco?

N – É a brincadeira, eu ensinei um bocado de música, Zelita também, aí eu gosto, sinto um monte de dor, mas na hora da brincadeira a gente esquece as dores e desaparece a cabeça também, eu gosto de olhar e gosto de dançar também , só não acompanho quando vão lá pra rua porque eu não posso por causa das minhas pernas, mas eu gosto muito e Carminha é quem vai, porque ela fez parte quando era a turma de Fonfon que ela é parente dele, eu gosto e as pessoas as vezes me pedem pra dizer uns versos e eu digo, tem aquele do vaqueiro novo na serra... Vaqueiro novo na serra, o boi foi na maia, cadê aquela amada que faz tempo que eu não vejo, queria dar um beijo na cabocla apaixonada, na cabocla apaixonada queria dar um beijo, cadê aquela amada que faz tempo que eu não vejo.

D.N – A senhora ver alguma importância para a comunidade do Alto da Boa Vista a gente vim, trazer as Cambindas que hoje a gente vem trazendo um novo modo de dançar, a gente vem fazendo uma re_invenção, a senhora acha que isso é importante para a comunidade?

N - É bom e é importante, que é pra o povo se divertir, conhecer mais e lembrar da brincadeira.

D.N – A senhora sabe dizer como eram seus avós e bisavós? Se eram indígenas? Se eram negros? Como eles eram?

N – Minha avó parecia uma cabocla morena, cabelão e meu avô também era um caboclo, trabalhador na agricultura e minha avó trabalhava lavando fato e vendendo numa banca na rua e meu avô morava em Serra, mas veio passear aqui em triunfo, se apaixonou por minha avó e veio morar aqui e casou com ela.

APÊNDICE 2 – Entrevista com Maria do Rosário da Silva Ramos sobre as lembranças dos antigos carnavais em 28 de janeiro de 2020

Código das participantes:

D.N – Daiane Nonato

M.R – Maria do Rosário

M.R - Meu nome é Maria do Rosário da Silva Ramos, sou filha de Efigênia Granja, conhecida por todo mundo de Triunfo por ser dona de hotel e também frequentadora assídua do bar de Mano o pai de Daiane, que começou com um bar alí a baixo do consultório de Dr. Quincas Antas, era alí o ponto de reunião de todos os bancários e de todos da sociedade de triunfo, a gente corria pra lá nos finais de semana pra fazer as farrinhas, depois ele se mudou pra onde é o papo pizza hoje, era uma casa de Dr. Severiano, ele botou lá um restaurante e a gente frequentava lá direto, as meninas pequenininhas e dona Lourdes nos tratava muito bem, ele era uma pessoa fantástica, por sinal foi um dos criadores do samba de Triunfo, surgiu com ele e minha mãe como gostava muito de música, quando Mano passava com a orquestrinha dele tocando o samba, minha mãe abandonava as panelas do hotel pra ir sambar, corria atrás também das cambindas que tinha na época e também do urso, que era o pessoal lá do Alto que fazia essas demonstrações pelas ruas de Triunfo, a gente ficava encantados, por sinal minha mãe dizia que algumas pessoas se destacavam aqui em Triunfo como : Dona Maria Xavier, foi uma das primeiras que trouxe o ritmo das cambindas para Triunfo.

D.N - Quem é Dona Maria Xavier?

M.R - Dona Maria Xavier era uma pessoa que era enfermeira. Tia de Toinho de Bino, ela já é falecida a muito tempo, ela foi quem trouxe essa história das cambindas pra Triunfo e a gente acompanhava, todo mundo acompanhava esses batuques todos, carnaval era uma farra total, a gente atrás desse pessoal que abrilhantava o carnaval de Triunfo.

D.N - Dona Rosário, a senhora lembra a data em que acontecia o samba, mais ou menos o ano ou a década?

M.R - Eu tenho uma ligeira impressão que era entre 1968 a 1970

D.N – A senhora lembra aonde eles ensaiavam, se tinha algum lugar específico aonde eles se encontravam?

M.R - Não, eu não lembro especificamente onde eles ensaiavam, eu sei que de frente do bar eles se encontravam e lá na sede da Banda Isaías Lima acho que também, por que ele tocava, naquela época eles tocavam também na Isaías Lima, e eles saíam rua acima, rua abaixo e a gente atrás, mesmo nos ensaios, era muito divertido, era um período que a gente adorava, porque a gente ia atrás, todo mundo.

D.N – E sobre as Cambindas, a senhora lembra de ver passar, como era que acontecia?

M.R - Lembro, eu lembro que as Cambindas, o pessoal lá do Alto, vinha, descia a ladeira tocando e tinha João Rufino que era o enfrentante e dançava que era uma coisa fabulosa mesmo, eu já era uma mocinha, mas lembro perfeitamente ele dançando na frente.

D.N – Nessa época, a senhora lembra mais ou menos a década? Ou o ano que ainda tinha João Rufino como enfrentante?

M.R - Não tenho muita certeza, mas acho que a década de 1960, se não me engano ele tinha uma boneca, que ele colocava essa boneca na mão e dançava com ela o tempo inteiro.

D.N – E a senhora sabe o que que essa boneca queria dizer? O que ela era dentro dessa brincadeira?

M.R - Não, nunca tive a curiosidade de saber o que que a boneca representava, eu sei que eles sempre saíam com essa boneca, e só ele saía com ela, trajado, lembro que com roupas coloridas, amarrava assim um pano na cabeça e saía com essa boneca.

E tinha também o urso, e esse urso era de alguém de lá do Alto também, depois foi que o pessoal adaptou, mas era do pessoal do Alto.

D.N – E o urso saía pedindo dinheiro? uma pessoa se vestia de urso e passavam nas casas?

M.R - Era, que quando eles se encontravam as pessoas eles realmente pediam dinheiro pra fazer as farras deles.

D.N – Eu tenho ouvido algumas histórias que falam sobre o preconceito enfrentado pelas pessoas do Alto, principalmente as mulheres, a senhora lembra de alguma história? Ou sabe dizer se isso ficava perceptível?

M.R - Não, eu não sei te dizer, ainda mais por que mamãe era dona de hotel, então ela trabalhava muito com as pessoas do Alto e lá em casa graças a Deus nunca teve essas diferenças, a gente tratava por igual, ela não tinha essas besteiras de maneira nenhuma, aí várias pessoas lá do Alto,

que tem gente que diz assim, hoje a mim, dona Efigênia pra mim foi uma mãe, e essas pessoas todas de lá, iam, entravam na nossa casa e não tinha problemas, nunca teve.

D.N – Outra história que eu ouvi é que nem todas as pessoas eram permitidas entrar no clube e que mesmo meu pai, sendo envolvido com música ainda assim ele não era permitido entrar em certo período por que ele era negro, a senhora lembra desse período?

M.R - Não, eu sei que tinha assim uma certa restrição de entrada no clube por idade, no meu caso eu já fui barrada no clube, por que toda vida eu fui grande, porém nova, na época, e eu não tinha 15 anos e uma vez houve uma formatura de uma pessoa da minha família, aqui em casa, que estudavam aqui as meninas e ficavam com mamãe nessa casa mesmo e a gente foi para o clube e eu fui convidada a me retirar, eu tinha uns 12 ou 13 anos, eu toda vida fui alta aí achei que passava só que eu tive que vir pra casa.

Mamãe falava de vários clubes aqui, mas nunca falou sobre essa questão de separação, era uma época boa que até hoje a gente sente falta.

D.R – E tinha ainda outros grupos, tinha também a cutilada, não é?

M.R - Tinha sim a cutilada, a cutilada passava na rua, aqui em casa mesmo eles entravam, aí geralmente mamãe dava bebida.

E é interessante, mamãe gostava muito de carnaval, ela veio pra Triunfo com 23 anos, e dizem os meus tios que antes de ela vir pra cá ela foi a rainha do carnaval em Recife, ganhou e tudo em competição, então mamãe era fanática por carnaval, é tanto que a gente tem retratos dela brincando carnaval.

Eu escutava muito samba, muita machinha de carnaval, por que enquanto ela estava na cozinha cuidando das coisas ela estava dançando, ela estava cantando, ela gostava, ela pegava qualquer roupa, colocava um pano na cabeça, colocava uns brincos, se pintava e ia-se-embora, no carnaval ela sumia.

Outra pessoa que eu me recordo muito, que eu queria muito bem além do seu pai, era seu tio Armando, ele deu continuidade ao samba, ele gostava de uma roupa branca, se vestia todo de branco, sapato e tudo.

E outra coisa que acontecia muito no carnaval daqui eram os caretas, eles entravam nas casas, e toda vez que passava aqui em casa mamãe oferecia alguma coisa, ela fazia licor e outras coisas e sempre oferecia a eles.

Aqui em casa sempre tinha muito careta, por que o meu irmão gostava muito e ficavam aqui, preparavam a máscara, preparavam a tabuleta, era roupa, era tudo e saíam todos os dias, todos os dias de carnaval ele e os amigos estavam na rua vestidos de careta.

APÊNDICE 3 – Depoimento de Ana Maria (Primeira professora de dança de Daiane Nonato) em 28 de fevereiro de 2020.

Na realidade falar de Daiane Nonato é um prazer sempre pelo fato de eu ter sido a primeira professora de Daiane Nonato na questão da dança e como eu cheguei até a dança ou de como a dança chegou até mim, eu sempre fui afoita, eu sempre fui muito curiosa em descobrir algo, então eu comecei a descobrir a dança popular, eu via as pessoas pulando e eu disse, vou começar a dançar frevo e dancei maracatu, dancei tudo que tinha de proveito pra mim, principalmente o forró, uma vez que eu tenho que defender o forró, por que eu sou uma pernambucana de raiz, e nas minhas grandes danças, como digo grandes por que o frevo, o maracatu, o coco, o samba, o xaxado, o baião, o forró são as grandes danças que a gente deve determinar e uma vez eu dançando aqui em Triunfo, uma professora de Santa Cruz da Baixa Verde chamada Marisete Pádua (in memória) a qual eu tenho o prazer em saudar, a ela e juntamente com todas as professoras de dança. Marisete me viu dançando aqui e se interessou e me levou para Santa Cruz da Baixa Verde, uma cidade a 5km aqui de Triunfo e lá eu fui, assim no além, encontrei grupos, era uma escola pública, eu encontrei grupos pra ensinar a dançar. E nesse grupo eu encontrei uma pessoa, um toquinho de gente Daiane Nonato, um toquinho de gente por que era pequenininha, raquiticasinha, mas estava lá, acho que aquela menina nem queria dançar, as ela disse vou ter que começar a dançar e a primeira dança que eu ensinei lá em Santa Cruz foi o coco e Daiane alí acho que com uma vergonha danada, mas eu convidei ela pra entrar na roda do coco, ela entrou e eu comecei a ensinar e Daiane começou a fazer aqueles movimentos os quais eu tinha o prazer de ensinar.

Interessante que nessa trajetória de ensinar a dança eu aprendi com o que? Eu aprendi com o tempo, eu nunca tive uma professora que chegasse e dissesse Ana é dessa forma, não, eu inventava, era o ato de eu inventar os passos do coco, via alguém fazendo e beleza, então passou tempo, tempo, tempo, eu tive uma formação em uma oficina de uma professora do balé popular de Recife, eu não lembro o nome, ela veio em uma festa dos estudantes, e as aulas foram lá no Stella Maris (Colégio), eu fiz essas aulas e lá teve a questão da resistência, o que é essa resistência? Ela ensinava dança popular também, frevo, maracatu e eu tive o prazer de fazer, e quem resistisse na dança ganhava um prêmio e eu lembro que na resistência fiquei com Edson Paiva, hoje ele é proprietário da casa de taipa (Bar), então ficamos nós dois no final pra ver quem resistia mais ao frevo e eu ganhei de Edson Paiva na resistência e ganhei o prêmio que era uma blusa do Balé Popular, então foi assim, minha trajetória de dança foi essa, aprendendo

e ensinando, as vezes eu nem sabia o que estava ensinando, mas estava tudo certo e por incrível que pareça, o tempo passou, e foi passando o tempo e aquela criança raquítica de 10 anos que um dia eu fui professora com o passar dos tempos tornou a ser a minha professora, que hoje eu saúdo Daiane Nonato fizemos um curso com o Grupo Acupe, eu fui aluna de Daiane em dança contemporânea, fizemos espetáculos aqui, apresentamos no palco do Theatro Cinema Guarany, e tá aí, Daiane Nonato a minha professora, a questão do tempo e a questão do que o mundo faz com você, um dia Ana foi professora de Daiane Nonato e hoje Daiane Nonato é a professora de Ana.

APÊNDICE 4 – Depoimento de Nildo Mocotó em 04 de março de 2020, sobre suas lembranças e conhecimentos de Triunfo - por Daiane Nonato

Meu nome é Monoel Nildo Gomes de Pádua, Triunfense graças a Deus, nascido e criado aqui nessa cidade maravilhosa, nessa cidade altamente cultural, carregamos aqui o privilégio de morar em uma cidade, onde a história aqui com certeza é acima de tudo que conta tudo, Triunfo é rica em história, rica em cultura, rica em figuras folclóricas, rica em celebridades, rica em tudo por tudo, nos casarões, podemos dizer que Triunfo é um orgulho, é a nossa Suíça Pernambucana, porque aqui o frio é diferenciado, é uma cidade que são poucas no Brasil, e não é à toa que já fomos referência, temas até do globo repórter, como também, inúmeras redes de televisão que leva o nome de Triunfo não só para o Brasil, para América Latina, mas para o mundo.

Triunfo é tudo isso que eu coloquei e mais um pouco, eu sei parte da história, claro que temos em Triunfo pessoas que viveram muito mais do que eu essa história, como meu pai mesmo (Celso Gomes de Pádua), ele tem 101 anos até hoje ele me fala coisas que na verdade é desconhecido por mim por que não acompanhei a época, a época do açude que ele acompanhou a construção, papai foi uma das pessoas que trabalhou na fundação do açude, do Guarany, da igreja, tudo isso aí meu pai participou, ele me fala como foi construído degrau por degrau e são coisas importantes e eu por ser triunfense e por abraçar a história, nossa história e a história de Triunfo, eu resolvi aos poucos ir criando uma galeria que hoje minha galeria fala de tudo um pouco, das celebridades, das figuras folclóricas, até dos pés inchados mesmo, aquelas pessoas que na verdade não deixam de ser uma figura folclórica no caso até muito celebrada, por que tem pessoas que a gente lembra até hoje, pessoas que na verdade fizeram história e fizeram seu nome.

E Triunfo, se fosse pra dizer assim, a gente vai passar o dia e a noite falando não conseguia falar nem metade do que é Triunfo e as riquezas que a gente possui, então falando um pouco da história dos nossos carnavais que são tradicionais e juntava aos nossos carnavais à apresentação das Cambindas, que naquele tempo eu presenciava, Fonfon na frente, João Rufino, que foram percussores, como também outras pessoas, Zuza que foi um dos caretas mais celebrados de triunfo, Zé Pequeno, pessoas que na verdade deixaram seu legado em tudo por tudo e por aí vem a apresentação do urso com seu Ambrosino Martins, que era uma figura maravilhosa, era uma tradição todos os anos, não só no carnaval, como também no folclore ele

se apresentava e tanta gente, como Mano de Tereza, no tempo que tinha a palhoça do Mano, que era a alegria de Triunfo na época, que trazia bandas, ainda lembra como hoje os Congros, era uma banda de nome, ele trouxe vários cantores de nomes, lá era o lugar das apresentações de bons cantores, lá era o nosso lazer do final de semana, vinha gente de Flores, Carnaíba, Afogados, de Serra Talhada, de Santa Cruz, gente de toda a região e foi uma coisa que pegou mesmo, foi uma coisa que veio pra ficar.

Então Mano era o realizador das noites, que antigamente a tradição era a partir do dia de domingo à tarde, começava a tarde e entrava na noite, era aquele negócio gostoso, a partir de 5h da tarde e era um lazer muito bom, como também tinha outros entretenimentos em Triunfo como na época de dezembro, tinha a boate de seu Luiz, fazia um forró, seu Luiz do bar que era dono das maiores sinucas, do sarapatel que era famosíssimo, como também tinha outra danceteria, que era o inferninho, tinha a de Quinha, tinha outro forró muito bom na rua do fiado, ao lado do mercado de Edivaldo Lucas, era uma casa que eles faziam um forró, tinha outro lá que eu ainda me lembro na rua Grande.

Quer dizer, Triunfo, em suas noites de natais era muito animado, era a festa mais esperada de todo o ano, era uma tradição.

APÊNDICE 5 – Depoimento de Francisca Caitano da Silva em 16 de outubro de 2020, sobre a sua chegada e acolhimento na comunidade do Alto da Boa Vista.

Eu sou Francisca Caitano da Silva, moro no Alto da Boa Vista, antes deu vim morar aqui eu morava em sítio Lagoa dos Marianos, ai depois participando de uma comunidade as madres mais dona Nair arrumaram uma casa pra mim pra eu poder vim morar aqui, pra meus filhos ter acesso à escola e aprender o que eles sabem hoje. Quando eu cheguei aqui, as famílias que moravam aqui era a família dos Zuza, a família dos Rufino, a família de seu Sousa e a família do pessoal do Carmo e mais outras famílias que já se foram. Dona Cota também morava aqui já faleceu, e outras famílias e foi assim que eu arrumei um canto pra ficar aqui na rua ainda hoje que eu resido aqui na mesma casa, no mesmo endereço e agradeço muito a essa comunidade aqui do Alto que foram muito boa comigo, muito maravilhosa, que arrumaram essa casinha pra mim que ainda hoje em to aqui, graças a Deus, criei meus filhos aqui nessa casa, nunca tive má querença com ninguém e eles se criaram e botei na escola, estudaram, aprenderam, cada um tem sua artsinha não pra ganhar muito, mas o que elas ganham serve muito pra elas e pra mim eu agradeço muito a Jesus o que ele fez comigo, graças a Deus.

APÊNDICE 6 – Entrevista com Maria do Socorro Silva dos Santos (Dona Preta) em 22 de outubro de 2020 por Daiane Nonato

Código das participantes:

D.N – Daiane Nonato

M.S – Maria do Socorro

D.N - Qual seu nome completo, como foi à chegada da sua família no Alto da Boa Vista?? Ou se quando você nasceu sua família já morava lá? Como foi sua infância nesse bairro?

M.S - Meu nome completo é Maria do Socorro Silva dos Santos, eu não vim de canto nenhum e vim sim da barriga de mãe, que eu nasci aqui mesmo, aqui no Alto, eu e minhas irmãs tudinho, nós somos daqui mesmo do alto, quando a gente nasceu, já era tudo aqui mesmo no Alto , a minha família toda, tudo aqui. Quanto aos vizinhos, tinha muitos, tinha seu Souza, tinha madrinha Amélia, que madrinha Amélia era da família do pessoal do Carmo, que chamavam a família do Carmo, que eu acho que você deve lembrar de padrinho Joaquim do Carmo, Amélia do Carmo, enfim, era assim. Foi assim, a minha infância era brincar muito, me divertir muito, trabalhei muito e foi assim.

D.N – Na sua infância e adolescência tu lembra se tinha algum incentivo no Alto para a cultura? O que tinha? O governo, o prefeito da época incentivava alguns cursos, vocês tinham esse contato com a cultura?

M.S – Amiga, eu participei de muitas coisas, mas foi mais assim, através das mães, que tinha uma freira que sempre saía com a gente pra passear, e sobre assim cultura mesmo, eu aprendi muita, muita coisa com as mães, mas sobre a cultura mesmo só aprendia assim, as escolas de samba, assim mesmo era por intermédio de Bosco, Bosco fotógrafo, aí ele é quem formava esse negócio de escola de samba aqui, as Cambindas era por conta de seu João Rufino que a gente saía junto também e outra coisa aqui sobre prefeito mesmo não sei dizer nada não do tempo de minha infância não.

D.N – Em relação ao povo do centro da cidade, como era a relação na tua época de infância e adolescência, existia preconceito? Como vocês sentiam e se sentiam esse preconceito?

M.S – Existiu sim e muito e principalmente ali naquela rua grande, que o povo só tratava a gente aqui do Alto como as nêga da matança, uma turminha alí que se juntava nas portas , que

o povo só falava aqui do Alto que só tinha mulher que não tinha o que fazer e ficava nas portas falando da vida alheia, enquanto isso era na rua grande.

D.N – O preconceito acontecia assim, vocês passando e elas falando mal nas suas presenças?

M.S - O preconceito era assim, na cara, muitas vezes eu via as mulheres comentando, até que uma vez eu passei na porta de uma que falou que as nêga da matança não tinham vergonha de passar na calçada delas pra ficar poluindo.

D.N – Em relação ao preconceito o pior eram as pessoas da rua grande mesmo? Elas higienizavam as calçadas quando alguém do Alto passava? Você já ouviu falar nisso?

M.S – Ouvi só falar não, eu as ouvi dizerem e fazerem.

D.N – Como você vê essa relação hoje do Centro da cidade com o Alto? Você acha que ainda existe preconceito? Se sim, como é hoje, mais discreto?

M.S – Não, agora é mais requintado, mais nas cobertas, mas só que a gente sabe que ainda tem, mas só que não é muito visado não. O defeito deles é por que só trata aqui em cima como “A matança”, por que existiu um matadouro antigamente, não é obrigado o pessoal dizer aqui é a matança não, por que matança é naquele local que mata gado, não é?

D.N – Você participava de algum grupo de dança?

M.S – Eu só dancei sim, mas só foi uma vezinha nas Cambindas, eu não era muito fã dessas coisas não, eu gostava mesmo era de estar era solta, pulando no meio da rua e socada nos barreiros lá no riacho do hospital, dentro do açude.

D.N – Você acha que a população do Alto vê a importância que essa comunidade tem para a cultura do município de Triunfo?

M.S – Eu creio que sim, da minha parte mesmo eu acho que sim, por que isso aí já é um incentivo pra nova geração que está tendo agora, não é? Por que, tipo, eu não sei nem explicar direito, é um negócio como uma renascença, por que tem o negócio dos caretas que é como você diz que foi tudo criado aqui, aí tem sempre as continuações, não é?

APÊNDICE 7 – Entrevista realizada com José Roberto Nunes de Araújo – Coordenador social do CRAS – Bairro Alto da Boa Vista – Triunfo-PE por Daiane Nonato em 21 de janeiro de 2021.

Código dos participantes:

D.N – Daiane Nonato

R.N – Roberto Nunes

D.N – Como você avalia a parceria da pesquisadora Daiane Nonato com o CRAS nesse período de aulas de dança e percussão na comunidade do Alto da Boa Vista?

R.N – Essa parceria que nós tivemos com a professora Daiane foi uma parceria muito positiva, eu avalio, como um momento muito positivo aqui pra nossa comunidade, é uma comunidade onde as crianças e adolescentes se encontram em uma situação de vulnerabilidade social e essas aulas vieram no momento certo, onde eles puderam interagir, até mesmo uma forma ocupacional para eles, foi um momento muito positivo, muito boa mesmo essa parceria que nós tivemos e as crianças gostaram muito.

D.N – O que você acha que essa ação acrescentou para a comunidade e para as crianças e adolescentes que participaram das aulas?

R.N – Teve um acréscimo muito positivo tanto para a comunidade, quanto para as crianças por que pôr a nossa comunidade já ser um polo, já ser um berço mesmo cultural principalmente das Cambindas, para as crianças foi um incentivo, incentivo à cultura, as crianças deixaram de estar ociosas, muitas vezes estar na rua, se prejudicando, então essas aulas vieram a acrescentar para que elas pudessem tanto ter acesso a cultura, como também ter uma ocupação naquele momento, as famílias também ficavam muito tranquilas, por que sabiam que elas estavam em um ambiente seguro e estavam assim adquirindo conhecimentos, então isso veio a ser muito positivo para nossa comunidade, só teve a ganhar e a crescer com essas aulas culturais da professora Daiane.

D.N – O CRAS sempre promove aulas de arte nessa comunidade? Se sim, quais são as aulas que costumam ser ministradas?

R.N – No CRAS nós não temos aulas de artes especificamente, nós temos um trabalho com crianças, famílias e os idosos, onde as crianças são inseridas no serviço de convivência e

fortalecimento de vínculos, então dentro dessa proposta do serviço de convivência eles tem sim aulas diversas, tanto de artesanato, como aulas voltadas a questão de violão, eles tem uma série de atividades voltadas para a parte artística, tem uma proposta, e dentro da proposta do serviço eles vem com uma série de tipos de artes para serem utilizadas com eles, os idosos a gente também trabalha com eles na parte artística, onde eles tinham aqui conosco antes da pandemia, aulas de pintura em tecido, e eles tinham aulas de reciclagem, e sempre gostavam muito da parte teatral, gostam também dessa parte que envolve o artesanato em si, muito positivo também esse incentivo cultural para esse público.

D.N – Em relação a aulas exclusivamente de dança, já haviam vivenciado antes?

R.N – Em relação as aulas de dança essa foi a primeira vez que a gente realizou assim esse trabalho, primeira vez que começamos e deu super certo essa iniciativa que a professora teve de nos procurar e vivenciarmos juntos essa experiência, foi muito positiva.

D.N – Existe intenção de continuar com essa proposta?

R.N – Queremos muito continuar com essa proposta, no momento a gente está com nosso serviço suspenso por conta da pandemia, então nós temos que seguir toda a orientação técnica do ministério da cidadania, e por enquanto todos os serviços estão suspensos, as atividades com crianças, idosos, atividades presenciais, mas temos interesse em continuar com essa parceria que deu tão certo aqui dentro da nossa comunidade.

APÊNDICE 8 – Entrevista realizada com Luciana Vasconcelos em 21 de janeiro de 2021 – Diretora da escola Alfredo de Carvalho no período em que eu dancei Cambindas na Escola.

Código das participantes:

D.N – Daiane Nonato

L.V – Luciana Vasconcelos

D.N – Como surgiu a ideia de se trabalhar as Cambindas na escola?

L.V - Na verdade eu não sei lhe dizer como surgiu a ideia de se trabalhar as Cambindas na escola porque quando eu cheguei no Alfredo já existia essa ideia, não foi uma coisa em que na época que eu estava na gestão eu pude acompanhar o nascimento, não já havia, e quando e quando eu entrei na direção da escola, eu já era professora da escola, mas eu não participava diretamente dessas atividades e aí quando eu passei pra direção, a gente vai olhar a direção como um todo foi um pedido, eu atendi a um pedido feito por alguns professores da escola, professores primários e professores na época do ensino fundamental e nós tínhamos as alunas que gostavam e que manifestaram interesse e aí algumas se prontificaram e outras a gente saiu convidando, perguntando até que se formou o grupo, as meninas se dispuseram e eu lembro que uma das exigências que uma fez é que tivesse uma roupa arrumadinha e aí a gente providenciou a roupa e as meninas elas se organizavam com a dança e com a orientação da coordenadora da biblioteca na época que como já conhecia o grupo na cultura local conseguia dar um norte para as meninas, com esse cuidado de que elas não desviassem dos passos, das características da dança do ritmo que acompanha e assim a gente resgatou, não foi a única atividade resgatada na época, mas foi uma das mais prazerosas.

D.N – Como se deu a articulação da escola para a vivência desse projeto?

L.V - Então a ideia original quem teve a ideia original de trabalhar as Cambindas eu não sei, mas posso lhe assegurar de que foi com outra gestora, não sei também dizer qual pode ter sido até antes mesmo de eu trabalhar lá na escola Alfredo de Carvalho, mas não foi uma ideia minha.

D.N - Quais as fontes que serviram como base para estudar as Cambindas?

L.V - Na verdade nós nunca estudamos as Cambindas, nunca foi um campo de estudo, o que a gente tinha lá é o que acontece em todas as escolas, você nunca traz uma cultura pra dentro da escola, você nunca alimenta a escola com uma cultura local ou regional, essa cultura ela já está na escola, o que a gente faz é fomentar, é alimentar, estimular, então, dentro de uma escola grande como o Alfredo de Carvalho que na época tinha mais de 1.000 (Mil) alunos você tinha de tudo, você tinha dançador de coco, você tinha gente com conhecimento de Cambindas, você tinha capoeirista, você tinha meninas apaixonadas pelo frevo e assim, já está lá, excelentes profissionais da arte do careta, tanto pra confeccionar máscaras, como para o relho, para tudo, isso aí você já tem lá dentro, então o que você precisa como é hoje e como era no passado é somente instigar, criar o espaço e a oportunidade, mas você não traz isso pra dentro de uma escola grande, já está lá, não é? As Cambindas já estavam lá.

Então o que a gente fez foi na época, quem tinha o conhecimento que morava em um determinado bairro e lá tinha uma pessoa com conhecimentos ou quem acompanhou as mais antigas ia cooperando, ia colaborando pra que a gente não saísse daquela trilha, pra que a gente não acabasse desmerecendo ou diminuindo digamos assim o valor que aquele grupo precisava ter, mas nunca houve estudo, na época não havia estrutura para um estudo, era mais pelo conhecimento comum, digamos que o senso comum, mas um senso comum com apropriação.

D.N – Quais ou quantos professores se envolveram nessa proposta na época (caso lembre, quais as áreas de atuação desses professores envolvidos)?

L.V - Os professores envolvidos eram os professores do ensino primário, na época ensino fundamental inicial, da 1ª à 4ª série e os professores de 5ª à 8ª série, por que é justamente os que conviviam com essa clientela de 9,10, 11, 12, 13 anos de idade, então como essas professoras estavam mais próximas elas conseguiam ter essa visão mais ampla e aí especialmente os professores de língua portuguesa, de artes, professor de educação física e os professores primários, esses professores eram sempre aqueles que instigavam, que estimulavam e também a coordenadora de apoio na época, ela sempre incentivou que a gente tivesse esse cuidado, esse olhar pra arte não ficasse de lado, nem por obrigação.

D.N – Quantos anos durou esse trabalho? Ano de início _____, ano de término _____.

L.V - O que eu pude acompanhar das Cambindas foi a época que eu fiquei na primeira gestão, foi de 2001 à 2004, é desta época que eu posso falar por que foi a que eu acompanhei mais próximo, mais de perto, depois que eu saí eu não lembro bem exatamente o que aconteceu, quais foram os encaminhamentos, quais foram os contornos que foram dados, eu não sei lhes dizer, porque na época quando eu saí da direção eu me afastei por conta de gestação, então fiquei todo aquele tempo afastada, depois fui tirar algumas férias que estavam atrasadas e aí quando eu retomei eu não me lembro de ter acompanhado nada referente assim as Cambindas.

D.N – A que você atribui o término?

L.V - Eu acho que o que fez com que talvez tenha acabado mesmo tenha sido a falta de continuidade, simplesmente a falta de continuidade mesmo, alguns alunos iam saindo, outros professores iam se aposentando, a escola foi tomando outro formato de ensino e aquilo foi ficando guardado, eu não digo que foi terminado, eu digo que foi guardado, foi guardado digamos assim, mas unicamente por uma questão do planejamento da continuidade.

Nunca houve, no Alfredo de Carvalho uma coisa que não existe na sua história e eu já estou lá a quase 30 anos é recusa de aluno ou professor em desenvolver atividades, em fomentar, em participar com dedicação de qualquer atividade cultural, então creio eu que se houvesse, se tivesse havido planejamento desde a época que eu estava até a época que seguiu com Socorro Almeida teria continuado, não haveria impecílio, nenhum, só faltou mesmo o nosso planejamento.

D.N – O trabalho desenvolvido deu origem a um grupo de dança na escola? Se sim, com qual frequência se encontravam e quais outros ritmos dançavam?

L.V - Os ensaios na escola eram sempre feitos ou no horário da aula, ou eram feitos no outro turno, na biblioteca e alguns alunos participavam de outras atividades, atividades no Lar Santa Elisabete, ou tinha alguma situação particular em casa, então a gente aproveitava o aluno pra fazer o ensaio no horário do turno mesmo.

As meninas que dançavam Cambindas, algumas delas, participavam também de outros grupos, participavam também de outros eventos

D.N – Qual a importância de se trabalhar a linguagem da dança na escola trazendo esse viés da dança popular?

L.V - Naquela época a gente usava tanto a dança como outras práticas culturais e esportivas como uma forma de canalizar a energia dos meninos, a gente já tinha esse entendimento de que eles precisavam gastar a energia, os recursos eram muito limitados, nós não tínhamos uma quadra coberta, as salas de aula eram cheias os três turnos, você não tinha espaço digamos assim para estruturar alguma atividade complementar digamos, e aí, os meninos, eu me lembro uma vez que os alunos pediram pra que a escola fosse aberta aos sábados e nós não tínhamos uma equipe de limpeza suficiente na época pra dar conta da escola, por que a escola ficava cheia até a sexta-feira a noite, e na segunda-feira ela tinha que estar pronta, então uma dificuldade grande na época eu me lembro era lavar os corredores e aí, alguns dos jovens que estão hoje na sociedade em suas profissões ainda hoje quando eu passo por eles eu me lembro disso, eles fizeram uma proposta, uma vez eles me viram lá preocupados com a questão da limpeza e foi uma proposta dos menino, olha, se a senhora abrir a escola aos sábados e deixar que a gente venha participar de capoeira, fazer aulas de capoeira e treinar na quadra e fazer ensaios de dança, a gente garante de lavar os corredores e fizemos isso, eu já tinha um conhecimento das escolas de outros estados que eram abertas à comunidade e eu tinha a vontade, mas eu não via um formato e esses meninos deram um formato. Não ficou por muito tempo por que as mães começaram a segurar mais os meninos, eles saiam de casa, passavam a manhã na escola e faziam falta para as mães aquela ajuda dos meninos em casa, a presença dos meninos em casa, mas por um bom tempo funcionava aos sábados e aí depois que eles faziam as atividades coordenadas por eles mesmo, os instrutores eram os próprios alunos, eu me lembro somente de uma oficina em que um rapaz foi convidado e depois a gente ia lavar os corredores da escola, eu arrumava alguma coisa pra o lanche, eles saiam quando dava àquela hora do almoço, pra que eles não passassem do almoço em casa eles saíam eu fechava a escola e ficava sozinha, nunca tive problemas quanto a ficar só no prédio antigo e ia terminar, e aí na segunda-feira quando o pessoal chegava para trabalhar os corredores estavam lavados, é uma memória afetiva daquela época muito boa que eu tenho.

D.N – Desse trabalho desenvolvido na escola nesse período você sabe dizer quantos e quais alunos seguiram uma carreira permeada pela arte?

L.V - Muitos alunos seguiram pela carreira, pelo caminho da arte, e nem todos participavam de Cambindas, nem todos estudavam no turno das meninas, mas eu vou dar um grande exemplo, pra mim é um exemplo especial, um dos alunos na época, justamente nesse processo do próprio aluno cuidar, organizar, tomar a frente, uma vez que a gente não tinha recursos para pagar um instrutor e nem tinha também um caminho legal de justificar uma verba, empregar uma verba nisso não havia como é a nossa banda marcial, então, muitos meninos que concertavam os instrumentos pra a escola não deixasse de sair e que se encarregavam dos ensaios hoje são músicos, profissionais , inclusive Leonildo que é o nosso porteiro é também o nosso maestro e um excelente maestro e aí eu tenho fotos de Leonildo aluno, mas muitas vezes Leonildo chegava com mais dois meninos para arrumar aquela banda e começou a cuidar, se responsabilizar da banda ainda era um adolescente, é um maestro e é um maestro de mão cheia e tem todo o respeito da comunidade escolar Alfredo de Carvalho, ele é um dos, são muitos, eram mais de mil alunos, foram tantos alunos que passaram lá da época, só dos que eu lembro, fora o que as outras meninas que já passaram pela gestão lembra e que se tornaram artistas, que se a gente for fazer um levantamento e contar um pouquinho de cada um a gente tem um livro.

E ainda hoje a escola é um celeiro, não é? muitos talentos, talentos de diversas naturezas isso faz com que todo o trabalho da gente, toda a busca da gente pra que eles saiam literalmente independentes de mente, pra poder trilhar os caminhos, as escolhas deles isso faz com que o trabalho da gente se justifique, então é aquela velha história, semente que se planta a longo prazo e hoje a gente tem a representação de quase todos os sítios do município de Triunfo e de outros municípios matriculados na escola Alfredo de Carvalho, então a gente costuma dizer que seu Alfredo tem dado conta do recado, os filhos dele estão aí pra digamos que conduzir a sociedade do município de Triunfo, conduzir o município não é por que a gente vai passando, as gerações vão passando e a gente vai completando esse ciclo e dando espaço pra que eles venham e são os nossos alunos e ex alunos justificam o nosso trabalho, a nossa dedicação e enaltece a nossa vocação, basicamente é isso Daiane, eu não tenho fotos, as que eu tinha são aquelas que eu já lhe mostrei até por que logo que eu saí da direção algumas coisas ficaram, eu também me afastei um pouco da escola na época por conta do que eu já lhe falei e muitas coisas eu não sei onde foram guardadas e aí quando veio a reforma muita coisa também acabou se perdendo, aquelas lá foram as poucas que eu consegui guardar e guardo com muito carinho, depois penso, tenho um trabalho, um planejamento voltado pra elas, lá na frente, depois é que eu vou fazer.

APÊNDICE 9 – Entrevista realizada com Lúcia Lima em 23 de janeiro de 2021 – Diretora da escola Alfredo de Carvalho na década de 1980.

Código das participantes:

D.N – Daiane Nonato

L.L – Lúcia Lima

D.N – Como surgiu a ideia de se trabalhar as Cambindas na escola?

L.L - Foi uma proposta da secretaria de educação, na época do governador Marco Maciel e do secretário Joel de Holanda, então o Alfredo de Carvalho abraçou a causa, a professora Giselda que era de português assumiu o comando no projeto, fez as pesquisas na comunidade e organizou o grupo de dança na escola, isso na década de 1980, entre os anos de 1981 à 1983 mais ou menos, foi esse período onde ela foi implantada.

|D. N – Como se deu a articulação da escola para a vivência desse projeto?

L.L - A professora Giselda Diniz ficou à frente do projeto, envolveu toda a comunidade escolar, elegendo assim um grupo de alunos especialmente aqueles que residiam no Alto da Boa Vista e com eles ela foi para a comunidade do Alto e fez a pesquisa, resgatando toda a história com as pessoas mais antigas que viviam naquela época, como no caso de seu João Rufino, que é um dos elementos mais importantes, assim do grupo das Cambindas, também nós tínhamos o marido de Nita que era Fonfon e a própria Nita, eram essas pessoas assim que tinham muita ligação e como foi Giza que fez assim a pesquisa eu não tenho condição assim de nominar quais foram as pessoas que ela mais dialogou, sei que esse grupo ele passou mais ou menos uma semana lá no Alto da Boa Vista ouvindo e registrando e esse projeto por incrível que pareça, ele teve um registro, com certeza está lá nos anais da secretaria de educação, mas no Alfredo de Carvalho ele realmente não ficou e já tivemos oportunidades de pesquisar lá na biblioteca, mas nós não encontramos mais nada e foi uma pena, como eu disse a você em outro momento a memória não guarda tudo, se não houver registro a história deixa de acontecer, fica interrompida.

D.N – Quais as fontes que serviram como base para estudar as Cambindas?

L.L - A própria comunidade do Alto da Boa Vista onde nasceu o grupo de Cambindas, através das famílias e dos alunos que existiam naquela ocasião, então foi através de pesquisas e anotações que puderam condessar um pequeno histórico da origem das Cambindas no município de Triunfo. E este trabalho, como eu já disse, ele foi realizado pela própria professora de português Giselda Freire Diniz, mas também contou com o apoio das professoras de história, das próprias professoras do Alfredo de Carvalho que tinham amizades com essas pessoas, que puderam apreciar durante a sua vida as apresentações das Cambindas, quando desciam do Alto da Boa Vista, e também cabe ressaltar aqui as professoras de história como dona Gracinha Rabelo e dona Luísa Rabelo elas tiveram também uma participação no resgate da história, até por que elas eram professoras na época de história e geografia e eram irmãs assim como vocês conhecem pessoas muito estudiosas que sempre estavam a serviço da comunidade escolar e a serviço da educação.

Não esquecendo também na época, como vice diretora da escola a professora Socorro Rabelo, que dava todo o apoio logístico para que o grupo pudesse trabalhar no ambiente escolar, a escola, como você sabe o Alfredo de Carvalho sempre teve um contingente de alunos muito grande e os espaços para trabalhar as questões artísticas sempre foram deficitários, então muitas vezes até nos intervalos do recreio, ou intervalo de um horário de aula é que o grupo podia se apresentar, até por que fazia um pouquinho de barulho, cantavam e no momento em que eles estavam nos ensaios a turma da escola gostava de apreciar, era um momento assim muito gostoso tanto para quem fazia o projeto, quanto para aqueles que podiam apreciar os alunos desenvolvendo essa cultura nata de nosso município.

D.N – Quais ou quantos professores se envolveram nessa proposta na época (caso lembre, quais as áreas de atuação desses professores envolvidos)?

L.L - Posso dizer que todo o Alfredo de Carvalho se envolveu na proposta, tanto a direção comandada por mim e por Socorro Rabelo e todo o corpo docente da escola, especialmente os professores de história, geografia, como dona Graça e Luisinha Rabelo, e sem esquecer também a professora de educação especial dona Soledade Pádua, onde ela lidou e trabalhou com muitos alunos originários aí do Alto da Boa Vista e esse grupo de dança era como se fosse momento de libertação para essas crianças originárias de lá, onde muitas delas chegavam na escola no dia seguinte, com vários problemas, com sono, muitas vezes até acompanhavam os pais tomando

umas cachacinhas também e você sabe como era no passado o Alto da Boa Vista, que era o centro de bebida, de prostituição isso tinha um reflexo muito grande na aprendizagem dos alunos e nós tivemos muitos alunos dessa localidade e dona Soledade foi uma das pessoas que abraçou a causa da educação especial, e sentia uma melhora muito grande desses alunos no dia em que eles participavam dos ensaios das Cambindas e da alegria que eles sentiam de nos momentos festivos se apresentarem para toda uma comunidade, então o resgate desse grupo ele teve uma repercussão muito grande na dinâmica da educação do Alfredo de Carvalho.

D.N – Quantos anos durou esse trabalho? Ano de início _____, ano de término_____.

L.L - Era um projeto e o projeto tinha data de início e data de fim, então em termos de projeto ele durou um ano, mas depois de preparado o grupo das cambindas ela atuou em vários momentos na comunidade, fazendo apresentações assim nos momentos festivos da cidade, chegando até a fazer uma apresentação lá na DERE de Afogados da Ingazeira onde foi bastante aplaudida, foi um momento dos jogos olímpicos que eram realizados antigamente que hoje eu não sei se ainda existe, mas na época era uma competição assim maravilhosa, existia uma semana de jogos olímpicos, onde todas as unidades escolares da região do Pajeú convergiam para Afogados da Ingazeira, era maravilhoso e em uma das aberturas de uma das olimpíadas que eu não me lembro se foi do ano de 1982 ou 1983 foi mais ou menos época ela se apresentou lá em Afogados e que foi bastante aplaudida e aqui em Triunfo enquanto fui diretora em determinadas ocasiões de uma forma mais esporádica o grupo das Cambindas se apresentavam nos eventos e em seguida houve mudança de direção, mas depois surgiram outras professoras também que por determinados momentos elas resgataram esse grupo já existente no Alfredo de Carvalho.

D.N – A que você atribui o término?

L.L - Eu acredito que foi a alternância de administração, cada administração ela tem os seus interesses próprios e sem dúvida deve ter acontecido isso, vieram outros projetos também, por que o Alfredo de Carvalho nunca deixou de se envolver com projetos que deram sempre nome e sempre lhe destacou no cenário da educação de Pernambuco.

D.N – O trabalho desenvolvido deu origem a um grupo de dança na escola? Se sim, com qual frequência se encontravam e quais outros ritmos dançavam?

L.L - O projeto desenvolvido deu origem ao grupo de dança das Cambindas do Alfredo de Carvalho, ele era específico para dançar o ritmo nascido no Alto da Boa Vista e que se apresentava durante os eventos carnavalescos de Triunfo, mas nós tínhamos outros grupos, o grupo de xaxado, o grupo do coco dos quilombolas lá do Livramento, também foram projetos próprios do Alfredo de Carvalho, e isso era desenvolvido durante as aulas de artes que antigamente existia, não sei se no currículo de hoje existe esses momentos, esses espaços para aulas de arte, mais as nossas aulas de artes eram muito movimentadas e procuravam sempre resgatar a cultura do município.

O grupo se apresentava sempre nos eventos do município e por exemplo nos desfiles de 7 de setembro, na festa de emancipação política, em algumas inaugurações que pudessem acontecer no município, quando eles eram convidados também como já coloquei até aqui que eles foram convidados pra fazer uma apresentação na DERE de Afogados da Ingazeira, mas não tinha assim um ritmo sequencial de apresentações não, era nessas oportunidades festivas e lá dentro era nos ensaios, as vezes haviam comemorações da própria escola, como a época de São João que nós tínhamos o melhor São João escolar do município, então tinha apresentação das Cambindas, ou qualquer outro evento da escola, nos aniversários de professores, dos diretores que antigamente era comemorado, então haviam essas apresentações. Lembro-me ainda que se apresentava também no aniversário da escola do Alfredo de Carvalho, que é uma data comemorativa, então nós sempre tínhamos os grupos que se apresentavam nessa ocasião.

D.N – Qual a importância de se trabalhar a linguagem da dança na escola trazendo esse viés da dança popular?

L.L - No meu entender eu acredito que a dança pode ser considerada como instrumento pedagógico de socialização e de construção de novos saberes e sobre o viés da dança popular, acredito que ele tem o grande objetivo de manter viva a cultura local e preservar a tradição.